

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

LORENÇO RODRIGUES

OLHARES QUE RECRIMINAM:
feminilidade masculina e suas implicações nas relações de vida

Porto Alegre

2023

LORENÇO RODRIGUES

**OLHARES QUE RECRIMINAM:
feminilidade masculina e suas implicações nas relações de vida**

Dissertação de Mestrado Acadêmico apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como um dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Beatriz Rodrigues

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Rodrigues, Lorenço
OLHARES QUE RECRIMINAM: feminilidade masculina e
suas implicações nas relações de vida / Lorenço
Rodrigues. -- 2023.
144 f.
Orientadora: Maria Beatriz Rodrigues.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Programa
de Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre,
BR-RS, 2023.

1. Feminilidade. 2. Masculinidade. 3. Homens
afeminados. 4. Histórias de Vida. I. Rodrigues, Maria
Beatriz, orient. II. Título.

LORENÇO RODRIGUES

**OLHARES QUE RECRIMINAM:
feminilidade masculina e suas implicações nas relações de vida**

Dissertação de Mestrado Acadêmico apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como um dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Administração.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Beatriz Rodrigues – PPGA/UFRGS

Prof. Dr. Alexandre de Pádua Carrieri – CEPEAD/UFMG

Prof. Dr. Marco Aurélio Máximo Prado – PPGPSI/UFMG

Prof^ª. Dr^ª. Andrea Poletto Oltramari – PPGA/UFRGS

Dedico esse estudo a todas as pessoas que ao longo de suas vidas foram moldadas para performarem um comportamento que não condiz com os seus desejos, assim como aqueles que tiveram coragem de performar suas identidades independentemente dos preconceitos e diferentes formas de violência que essa ação possa gerar em suas vidas, abrindo espaço a todas as formas de ser quem se é de verdade.

AGRADECIMENTOS

A Deus e ao Universo pela oportunidade de pesquisar e dar visibilidade a temas pouco explorados pela academia.

Aos meus pais, Belonir e Leandro, pelo amor e todos os incentivos dados durante toda a minha vida, mostrando que a educação é fonte de transformação pessoal e socialização.

À minha irmã, Camila, e ao meu cunhado, Paulo, por todo amor e afeto dado ao longo de minha trajetória pessoal e profissional.

Ao Vitor, pelos incentivos e carinho dado durante a construção desse trabalho.

Aos meus amigos e colegas do PPGA/UFRGS pelas trocas e momentos de descontração vividos juntos.

Aos professores e servidores técnico administrativos da Escola de Administração por possibilitarem, desde a graduação em Administração, o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Aos professores e professoras do PPGA pela dedicação e excelência na arte de ensinar, em especial às professoras de área de concentração de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, Angela Beatriz Busato Scheffer, Andrea Poletto Oltramari, Claudia Simone Antonello, Fernanda Tarabal Lopes, Lisiane Quadrado Closs, e Maria Beatriz Rodrigues, e ao meu querido professor Sidinei Rocha-de-Oliveira (in memoriam).

À professora Cláudia Sirangelo Eccel Alvim pelo auxílio dado na elaboração desse trabalho.

À professora Fernanda Tarabal Lopes por colaborar na construção dessa pesquisa na fase de elaboração do projeto de dissertação e pelos ensinamentos sobre o método de História de Vida.

À UFRGS por todo conhecimento e experiências maravilhosas que vivencio desde 2011.

A todos os envolvidos nesta pesquisa, em especial, aos pesquisados Glitter e Miguel que apresentaram suas vidas para a construção dessa dissertação e colaboraram com o avanço da ciência.

Aos professores doutores Alexandre de Pádua Carrieri (UFMG), Andrea Poletto Oltramari (UFRGS) e Marco Aurélio Máximo Prado (UFMG) por aceitarem compor a banca de avaliação dessa dissertação estudo.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Beatriz Rodrigues, pela amizade, pelo respeito, pela grande sensibilidade com o tema estudado, e por todo incentivo, trocas e encorajamento para pesquisar sobre um tema tão delicado e pouco debatido, assim como pelos ensinamentos e por compartilhar o seu vasto conhecimento.

O meu muito obrigado!

"Ai daqueles que pararem com sua capacidade de sonhar, de invejar sua coragem de anunciar e denunciar. Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora, se atrelarem a um passado de exploração e de rotina." Paulo Freire.

RESUMO

A presente pesquisa, de enfoque qualitativo e exploratório, busca compreender de que modo a heteronormatividade e a masculinidade implicam nas relações de vida de homens afeminados, por meio do recolhimento da história de vida de dois sujeitos, nascidos no interior do Estado do Rio Grande do Sul. O relato é fundamentado teoricamente com estudos nacionais e internacionais, que exploram características compartilhadas entre homens com comportamento feminino. Com o estudo, percebeu-se a dificuldade que é ser um homem afeminado em uma sociedade heteronormativa, machista e patriarcal, o qual prejudica desde relacionamentos amorosos ao acesso ao mercado de trabalho, causando sofrimento e a internalização da violência no indivíduo. Destaca-se que desde a infância, a criança que performar a feminilidade sofre com o preconceito e com diversas formas de violência. O *bullying* esteve presente ao longo da vida dos pesquisados, gerando consequências de curto a longo prazo, como problemas na aprendizagem, transtornos de ansiedade, pânico e alimentares, e dificuldades de relacionamento interpessoal na vida adulta. A dissertação constatou que a feminilidade performada pode dificultar o acesso do indivíduo a determinados postos de trabalho, tendo em vista o estranhamento que essa gera no coletivo. Contudo, a feminilidade pode facilitar a inserção em atividades alinhadas com a característica, tendo em vista o público que se busca atender. Salienta-se, ainda, que a feminilidade é entendida como frágil e submissa quando performada por homens, o que é refutado pelos pesquisados. Por fim, ressalta-se que a feminilidade é compreendida como fonte de autoestima e a vontade de adquirir novas experiências pelos sujeitos dessa pesquisa.

Palavras-chave: Feminilidade. Masculinidade. Homens afeminados. Histórias de Vida.

ABSTRACT

The present research, with a qualitative and exploratory focus, seeks to understand how heteronormativity and masculinity imply the life relationships of effeminate men, through the collection of the life history of two subjects, born in the interior of the State of Rio Grande do Sul. The report is theoretically based on national and international studies that explore shared characteristics among men with feminine behavior. With the study, it was noticed the difficulty of being an effeminate man in a heteronormative, sexist and patriarchal society, which harms everything from romantic relationships to access to the job market, causing suffering and the internalization of violence in the individual. It is noteworthy that since childhood, the child who performs femininity suffers from prejudice and various forms of violence. Bullying was present throughout the lives of those surveyed, generating short- and long-term consequences, such as learning problems, anxiety, panic and eating disorders, and interpersonal relationship difficulties in adult life. The dissertation found that the performed femininity can make it difficult for the individual to access certain jobs, in view of the estrangement that this generates in the collective. However, femininity can facilitate the insertion in activities aligned with the characteristic, considering the target audience. It should also be noted that femininity is understood as fragile and submissive when performed by men, which is refuted by those surveyed. Finally, it is emphasized that femininity is understood as a source of self-esteem and the will to acquire new experiences by the subjects of this research.

Keywords: Femininity. Masculinity. Effeminate men. Life Stories.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Significado do acrônimo LBGTQIA+	25
Quadro 2 - Fobias	28
Quadro 3 – Perfil dos participantes	44

LISTA DE SIGLAS

CIS	Cisgênero
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LGBTQIA+	Lésbicas, <i>gays</i> , bissexuais, transexuais e travestis, queer, intersexuais, assexuais e outros grupos de variação de sexualidade e gênero
PPGA	Programa de Pós-Graduação em Administração
PrEP	Profilaxia Pré-Exposição
RS	Rio Grande do Sul
SP	São Paulo
SPELL	<i>Scientific Periodicals Electronic Library</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TOC	Transtorno Obsessivo Compulsivo
TRANS	Transgênero, transexual
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 JUSTIFICATIVA E CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA	19
3 OBJETIVOS DA PESQUISA	22
3.1 OBJETIVO GERAL.....	22
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	22
4 REVISÃO DA LITERATURA	23
4.1 CONCEITOS INICIAIS: IDENTIDADES DE GÊNERO E SEXUAIS	23
4.2 FOBIAS POR RAZÕES IDENTITÁRIAS	25
4.3 HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA, HETERONORMATIVIDADE, MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E VIRILIDADE	29
4.4 CORPOS AFEMINADOS	30
4.5 BULLYING E VIOLÊNCIA	34
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
5.1 SOBRE A PESQUISA QUALITATIVA	38
5.2 SOBRE O MÉTODO DE HISTÓRIA DE VIDA	39
5.3 RECONHECIMENTO PRELIMINAR DO CAMPO DE PESQUISA	41
5.4 SUJEITOS PESQUISADOS: AS HISTÓRIAS DE VIDA DE GLITTER E MIGUEL	43
6 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS HISTÓRIAS DE VIDA DE GLITTER E MIGUEL.....	45
6.1 GLITTER	45
6.1.1 Relação entre Mãe e Filho.....	50
6.1.2 Abusos Sexuais na Infância	53
6.1.3 Fome e pobreza	57
6.1.4 Feminilidade: Glitter	62
6.1.5 Período no Exército	68
6.1.6 Trabalho: medos, frustrações e realização.....	71
6.1.7 Violência nas relações de trabalho	77
6.1.8 HIV.....	80
6.1.9 Relacionamentos	83
6.2 MIGUEL.....	87

6.2.1 Miguel: Feminilidade na Infância e Bullying.....	88
6.2.2 Feminilidade: Miguel	97
6.2.3 Relação Pais e Familiares.....	111
6.3 RELAÇÃO COM O CORPO: MIGUEL	117
6.4 RELAÇÃO COM O CORPO: GLITTER	120
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
REFERÊNCIAS	128
ANEXO A - CARTA INFORMATIVA SOBRE A PESQUISA	142
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	143

PRÓLOGO

Quando eu estava pra nascer
 De vez em quando eu ouvia
 Eu ouvia a mãe dizer
 Ai meu Deus como eu queria
 Que essa cabra fosse home
 Cabra macho pra danar
 Ah! Mamãe aqui estou eu
 Mamãe aqui estou eu
 Sou homem com H
 E como sou!
 Homem Com H

Intérprete: Ney Matograsso
 Composição: António Barros

Antes de começar, gostaria de me apresentar, expor, resumidamente, de onde venho, quem sou e quais caminhos me levaram ao tema de minha pesquisa. Sou um homem cisgênero, branco, homossexual, filho da classe trabalhadora, servidor público, latino-americano, nascido em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e mesmo possuindo alguns marcadores sociais da diferença, entendo-me como uma pessoa muito privilegiada.

Quando criança, já me percebia como diferente dos demais meninos, mas ainda não entendia muito bem o que se passava. Sofri muito *bullying* na escola e no movimento de jovens da Igreja Católica, que participei dos 13 aos 18 anos de idade. Durante a passagem da adolescência para a vida adulta muitos foram os episódios de preconceito que passei, na rua, no trabalho, e na universidade, local onde jamais imaginei que sofreria algum tipo de violência, pois a imagem que eu tinha era de um ambiente acolhedor e diverso, e assim o é, contudo, não em sua integralidade, e foi preciso algumas situações para me convencer que para alguns membros da academia haviam limites com a pluralidade. O tempo passou e em 2017 percebi que quanto mais tentavam me colocar dentro do armário, mais eu me limitava enquanto sujeito. A partir de então comecei a pesquisar sobre gênero e sexualidade, sobretudo.

Entendo a minha pesquisa como uma forma de lutar por aqueles que são invisíveis à sociedade de maneira geral, assim como um pequeno gesto de homenagear homens que sofreram tanto no passado e que possibilitaram que eu esteja hoje dissertando sobre sexualidade no espaço acadêmico. Embora o preconceito e a discriminação ainda existam, os lugares onde transito se mostram mais receptivos a pessoas como eu. Não me considero

um homem afeminado, acredito que durante a infância fui bombardeado de informações e recriminações que me moldaram a performar a masculinidade, ou ao menos tentar performá-la.

Quando refletia sobre o que poderia apresentar neste prólogo, lembrei-me da infância, de quando assistia programas de humor na televisão com minha família, durante o fim dos anos 1990 e início dos anos 2000, os humorísticos apresentavam homossexuais e *drag queens*, por exemplo, como motivo de chacota. Aqueles momentos me causavam sofrimento, pois acreditava que aquele seria o meu destino, ser ridicularizado e motivo de piadas. Hoje percebo que se não fossem muitos destes artistas, como Jorge Lafond, a Vera Verão de A Praça é Nossa (Sistema Brasileiro de Televisão), eu não poderia dissertar sobre um tema tão delicado e que toca a vida de milhões de pessoas, direta ou indiretamente. Esses homens e mulheres que no passado se expuseram, de algum modo permitiram e me deram força para que eu pudesse escrever, palestrar e expor minhas ideias em umas das melhores universidades do Brasil, assim como dar visibilidade àqueles que ainda é negado espaço neste ambiente de privilégio. O meu muito obrigado! Esse trabalho também é para vocês.

Quizá la culpa es mía
Por no seguir la norma
Ya es demasiado tarde
Para cambiar ahora
Me mantendré firme en mis convicciones
Reforzaré mis posiciones
A Quien Le Importa

Intérprete: Thalía
Composição: G. Berlanga / I. Canut.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo compreender de que modo a heteronormatividade e a masculinidade implicam nas relações de vida de homens afeminados. Inicialmente, é fundamental entender que a humanidade se constitui de uma vasta diversidade de identidades e de uma grande pluralidade de corpos. Contudo, as subjetividades e os corpos respeitados são aqueles que seguem padrões sociais estabelecidos, em cada período histórico (BUTLER, 2013). Em relação às identidades de gênero e sexual, o padrão desejável pela sociedade é de um sujeito cisgênero e heterossexual, caso não siga o padrão esperado, o indivíduo deve, pelo menos, agir como se cisgênero e heterossexual fosse, desse modo, a sua presença causa menos desconforto aos que seguem rigidamente as normas sociais vigentes (LOURO, 2009; MOURA; NASCIMENTO, 2020).

Igualmente, os corpos que não se ajustam aos padrões determinados pela sociedade, também são entendidos como estranhos. No caso de homens, o padrão prescrito é de um sujeito branco, sem deficiências, com peso e medidas entendidas como ideais e que performe a masculinidade e a virilidade heteronormativa, ou seja, mesmo não sendo um homem heterossexual, o indivíduo precisa se comportar e agir como tal, sem nenhum traço de feminilidade, do contrário, sua reputação e integridade são postas sob suspeita (NONATO, 2020).

Além disso, existem corpos, que são considerados abjetos, quais sejam: os corpos de transexuais e travestis, os corpos de homens afeminados (BAPTISTA, 2021; BUTLER, 1993), o corpo acima do peso e o corpo com deficiência, por exemplo. O preconceito e a discriminação pelas quais pessoas com tais identidades ou comportamento passam na sociedade, fica marcado em suas vidas de tal maneira, que a integridade física e mental é colocada em risco. O número de casos que levam a óbito é muito expressivo, seja por cruéis assassinatos, seja pelo suicídio, forma desesperada de buscar o fim do sofrimento vivido (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2021).

Atualmente, no Ocidente, as pessoas que fogem dos padrões de identidade de gênero e/ou sexual, corpo e comportamento, por exemplo, correm o risco de sofrer com variados tipos de violência ao longo da vida. Desde a infância, através de casos de *bullying*, ou ao longo da vida adulta, por meio de diferentes formas de violência — física, verbal, psicológica, entre outras — independentemente dos locais que frequentam. O ambiente laboral ganha relevância, por ser um espaço onde os sujeitos formam parte de

suas identidades e, que vivenciam um interjogo entre prazer e sofrimento (DEJOURS, 1996). Do mesmo modo, o trabalho é fonte de sustento e desenvolvimento pessoal, entretanto, quando determinados trabalhadores não são bem-vindos no local de trabalho, o desemprego e as suas consequências acabam os levando à marginalidade e à exclusão social, restando apenas postos de trabalho precários, na melhor das hipóteses. Segundo Ferreira (2020), 90% da população transexual e travesti, no Brasil, tem a prostituição como única fonte de renda e subsistência, além disso, o alto índice de evasão escolar contribui para a não inserção no mercado de trabalho formal. Para Heliodoro (2021), tal cenário explica o porquê de a prostituição não ser uma escolha para a maior parte da população trans feminina.

Cabe destacar que o foco deste trabalho não é buscar definições dos sujeitos, mas sim entender os impactos de suas identidades, de seus corpos e das performatividades em suas vidas, enquanto membros de uma sociedade machista, patriarcal e heterofalocêntrica (BAYDOUN, 2020).

A intenção do estudo é evidenciar que, ao longo da trajetória de vida de homens afeminados, há uma série de dificuldades que são vivenciadas em razão do comportamento performado. Tratando-se de uma pesquisa de Administração, denota-se que os indivíduos estão inseridos em diferentes organizações e em constantes relacionamentos, inclusive em mais de um(a) ao mesmo tempo: organização familiar, organização escolar, relacionamentos afetivos e em relações de trabalho, entre outros. Logo, é importante notabilizar o fato que a constituição do comportamento feminino, por homens, pode gerar uma soma de violências que implicam na organização de suas vidas: pessoal, interpessoal e profissional. Nesse sentido, a Administração tem a função de debater, também, sobre esse grupo de pessoas que sofrem diariamente em consequência da identidade feminina desempenhada. E de modo mais amplo, compreender as raízes da aversão ao comportamento feminino, independentemente do sexo/gênero que o performa, pois essa repulsa gera implicações em boa parte das relações e organizações por onde os indivíduos percorrem ao longo de suas vidas. Entende-se, aqui, por relações de vida, as relações com os pais, irmãos, familiares, amigos, colegas de escola e professores, demais ambientes de socialização que crianças e jovens possam frequentar, assim como, as relações no trabalho e experiências vividas, em geral, e relacionamentos afetivos e sexuais com surjam ao longo da trajetória de vida do sujeito.

Com essa pesquisa, pretende-se dar visibilidade a um tema pouco debatido pela academia, sobretudo, pela Administração, apresentando as histórias de homens que

vivenciam diferentes formas de violência em razão de suas características comportamentais. Possibilitar que a sociedade reflita sobre os impactos da heteronormatividade e da masculinidade na vida de todos os sujeitos, especialmente, no caso dos homens afeminados, percebendo que o machismo e o patriarcado estão intrinsecamente relacionados com o preconceito e a discriminação à performance da feminilidade em homens.

Adentrar mundos diferentes, tocar em definições de vida e na intimidade de orientações sexuais é um trabalho delicado, que exige cuidado e respeito. Pensando dessa forma, e buscando auxiliar na elaboração dessa dissertação, durante os meses de março e abril de 2022, realizou-se uma atividade exploratória para conhecer preliminarmente o campo de pesquisa e compreender a viabilidade do estudo. Foram realizadas conversas, com roteiro semiestruturado, com 9 homens homossexuais (todos cisgênero), sendo 4 negros e 5 brancos, com idades entre 19 e 35 anos. A partir desta ida a campo, foi possível relacionar os principais temas que tangenciam a vida de homens afeminados, contribuindo para a etapa metodológica subsequente. Após essa atividade de reconhecimento do campo de pesquisa, entre os meses de junho e agosto de 2022, realizou-se o recolhimento das histórias de vida dos dois participantes da pesquisa, Glitter e Miguel (nomes fictícios). O relato do estudo exploratório e do uso do método de História de Vida são detalhados no capítulo 5, Percursos Metodológicos.

Como método dessa pesquisa, utilizou-se a História de Vida, tendo em vista as inúmeras possibilidades que o método permite, tanto ao pesquisador, quanto ao pesquisado. Sendo assim, como dito acima, realizou-se o recolhimento das histórias de vida dos dois participantes da pesquisa, o número é entendido como suficiente pelo método, pois a intenção é conhecer em profundidade as histórias, vivências, trajetórias e reflexões dos participantes. Nos capítulos 5 e 6 são apresentados os perfis e as histórias dos pesquisados.

O estudo analisou as relações de vida dos pesquisados Glitter e Miguel, desde a infância e adolescência até a vida adulta, narrando as relações com os pais e familiares, tratando-se a família como a socialização primária do indivíduo e período na escola, como a socialização secundária, bem como as relações no trabalho e relacionamentos afetivos e sexuais, por exemplo, tendo a feminilidade como perspectiva. Pontua-se que o método de História de Vida permite que a pesquisa seja realizada com tal alcance das vivências e experiências dos sujeitos pesquisados (GRANATO; LOPES; COSTA, 2020).

2 JUSTIFICATIVA E CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Historicamente é possível observar como as sociedades desenvolveram formas de padronizar os indivíduos, seja através de suas vestimentas ou demais objetos de adorno, seja por meio de seus corpos ou pelo modo de se comportar. No Ocidente — ao longo da história — o comportamento masculino foi majoritariamente percebido como sinal de bravura, força e respeito. Em alguns períodos históricos, o comportamento masculino foi se alterando, e a feminilidade masculina era entendida como um traço marcante entre os homens heterossexuais, que buscavam conquistar um elevado número de mulheres. Na sociedade inglesa do século XVIII, por exemplo, o comportamento feminino entre os homens era compreendido como um sinal de nobreza (HALPERIN, 2002; NONATO, 2020).

Ainda hoje, a masculinidade e a virilidade são vistas socialmente como virtudes. O menino ou o homem que possui algum traço feminino tem a sua imagem posta sob suspeita, e tal desconfiança pode gerar inúmeras consequências para a sua vida pessoal e/ou profissional. São recorrentes os casos de violência que meninos e homens afeminados vivenciam no ambiente familiar, escolar ou no trabalho. A feminilidade masculina é entendida socialmente como um sinal de homossexualidade, todavia, segundo Nonato (2020), o comportamento do sujeito não possui necessariamente ligação com a sua orientação sexual.

De acordo com Moura; Nascimento; Barros (2017), tanto nas organizações, quanto na sociedade de modo geral, o homem homossexual, que possui comportamentos masculinos e segue o padrão heterossexual em suas relações de vida, não é entendido como um problema e de certo modo é bem recebido nos ambientes onde transita. O inconveniente, para aqueles que se relacionam com o indivíduo afeminado, está diretamente atrelado ao feminino, independentemente de quem o sujeito se relaciona afetiva e sexualmente, o incomodo está na fala, no modo de andar, nas vestimentas e no comportamento em geral do homem afeminado. O feminino em comparação ao masculino é entendido como inferior, e, por isso, os homens que performam um comportamento tido como subalterno e, por sua vez, negando o privilégio da masculinidade, são vistos, em determinados casos, como seres abjetos (BUTLER, 1993).

O performar feminino e masculino possui relação com diferentes questões que, somadas ou não, formam o imagético social sobre a expressão de identidade padrão que mulheres e homens devem seguir. A fala, as roupas e o uso de adereços, o modo de

gesticular e andar e o uso de maquiagem são alguns exemplos de como é produzido o performar nas sociedades ocidentais. Exemplificando, a mulher deve ter voz suave e falar com calma e sem alterações, o homem deve ter a voz grossa, firme e a fala agressiva. A mulher deve usar roupas coloridas, adereços como joias e se maquiar, o homem deve evitar roupas com muitas cores e não fazer uso de produtos de maquiagem e cosméticos.

A mulher pode gesticular, mas desde que seja com leveza, assim como o seu andar deve ser tênue e harmonioso, ao homem não é recomendado gesticular em excesso, devendo, principalmente, controlar as suas mãos para que sua masculinidade e sexualidade não gerem suspeita, do mesmo modo, o andar do homem deve ser firme e a postura ereta.

Posto isso, apesar do foco deste estudo ser pesquisar sobre os homens afeminados, a sua contribuição vai além, quando procura compreender os motivos que levam o feminino a ser desprezado socialmente, entendido como uma fraqueza e devendo em alguns casos ser evitada, inclusive por mulheres, como, por exemplo, quando ocupam cargos de chefia nas organizações (FELIX; LAURETT; KALUME, 2021).

Visto como inferior por diversos setores da sociedade, o feminino é entendido como irrelevante em comparação ao masculino, e dessa forma, a pessoa que tem a feminilidade como característica — homem ou mulher — sofre diferentes formas de violência — física, verbal, psicológica, moral, sexual, entre outras — cotidianamente. Delphy (2009, p. 172) entende o patriarcado como “uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda mais simplesmente o poder é dos homens”, compreendido como um exemplo de dominação masculina e de opressão às mulheres. A partir deste conceito, verifica-se a origem ao referido desprezo ao feminino e a tudo aquilo que diz respeito à feminilidade. Desse modo, entende-se como fundamentais as pesquisas que tenham por objetivo o estudo do comportamento feminino, aqui, com foco nos homens que o performam. Tendo em vista que estudos apontam que desde a infância meninos afeminados sofrem por performarem a feminilidade (CORNEJO, 2011; LOURO, 2009; MOURA; NASCIMENTO, 2020), e que os casos de violência os acompanham durante a adolescência e a vida adulta, seja nas relações afetivas, seja no ambiente laboral (LOPES, 2017; MOURA; NASCIMENTO, 2021), destaca-se a importância da presente pesquisa.

As ciências sociais vêm se preocupando em pesquisar sobre os impactos da feminilidade masculina na vida dos indivíduos que a performam. Contudo, são baixos os números de estudos que tratam sobre o assunto, sobretudo na Administração. Após

pesquisa na base de dados *Scientific Periodicals Electronic Library* (SPELL), verificou-se um pequeno número de pesquisas que tratam sobre o tema. Quando inserido o termo “afeminado”, somente um estudo foi apresentado. Ao inserir o termo “afeminados”, no plural, quatro estudos foram exibidos. Dos cinco estudos apresentados com ambos os termos (“afeminado” e “afeminados”), três eram de autoria principal de Renan Gomes de Moura (MOURA; NASCIMENTO; BARROS, 2017, 2020; MOURA; NASCIMENTO, 2021). Já ao inserir o termo “feminilidade masculina” no campo de pesquisa, nenhum trabalho foi apresentado. Por conseguinte, destaca-se a importância de trabalhos que tenham a feminilidade masculina como foco, haja vista a necessidade de se entender os efeitos do comportamento nas relações de vida e de trabalho desses sujeitos.

Sendo assim, buscando compreender quais são os impactos que o comportamento feminino gera na vida de homens afeminados, esta dissertação procura responder a seguinte questão de pesquisa: **Quais são as implicações da heteronormatividade e da masculinidade nas relações de vida de homens afeminados?**

Na próxima seção, apresentam-se os objetivos geral e específicos que serão utilizados para auxiliar na resposta da questão de pesquisa.

3 OBJETIVOS DA PESQUISA

Tanto o objetivo geral, quanto os objetivos específicos desta pesquisa são meios que ajudam na busca por respostas ao problema de pesquisa acima apresentado, a fim de avançar na discussão e abordagem empírica do tema em questão. Posto isso, este estudo se guia pelos seguintes objetivos.

3.1 OBJETIVO GERAL

- Compreender de que modo a heteronormatividade e a masculinidade implicam nas relações de vida de homens afeminados.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender as histórias de vida de homens afeminados de maneira ampla e aprofundada.

- Debater sobre as relações de vida de homens afeminados na sociedade.

- Refletir sobre a situação de preconceito e discriminação sofrida por homens afeminados.

- Entender como os homens afeminados se relacionam com os seus corpos.

4 REVISÃO DA LITERATURA

A revisão de literatura deste trabalho está dividida em cinco seções, quais sejam: a primeira seção abordou sobre conceitos fundamentais para a compreensão das identidades de gênero e sexuais; em seguida, a segunda versará sobre fobias em consequência de determinadas identidades sexuais e de gênero; dando continuidade, a terceira tratará sobre as definições de heterossexualidade compulsória, heteronormatividade, masculinidade hegemônica e virilidade; a quarta falará sobre corpos e pessoas afeminadas; e, por fim, a quinta discorrerá sobre o *bullying* e violência.

4.1 CONCEITOS INICIAIS: IDENTIDADES DE GÊNERO E SEXUAIS

Inúmeros conceitos são essenciais quando se pretende estudar a diversidade humana. Alguns deles são descritos a seguir com a intenção de explicar e conduzir aspectos indispensáveis para a compreensão deste estudo, posto isso, utiliza-se o Manual de Comunicação LGBTI+, como material basilar de apoio (REIS, 2018). O primeiro conceito apresentado é o **Sexo biológico**, designação que o indivíduo recebe ao nascer, incluindo cromossomos, genitália, composição hormonal, entre outros (REIS, 2018). O **gênero** é um termo desenvolvido nos anos 1970, com grande influência do movimento feminista. A intenção é conceituar o masculino e o feminino como construções sociais e não somente como questões biológicas (BUTLER, 2013; CONNELL 1995, 2003, 2009, 2015, 2016; OVERALL, 2009; SANTOS, 2021; SCOTT, 1990). Para as ciências biológicas, a espécie humana seria dividida entre macho e fêmea, mas a construção de ser homem e mulher vai além de questões da biologia, tendo em vista que o gênero tem relação com a dimensão social, conforme a clássica frase de Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher.” (1980, p. 1). A cultura e a realidade social são expoentes fundamentais no entendimento dos gêneros.

A **sexualidade** diz respeito aos desejos, afetos, sentimentos, erotismo, movimentações sociais e corporais, saúde e reprodução, entre outros. **Orientação sexual** corresponde às atrações afetivas, emocionais e sexuais que os sujeitos podem desenvolver, alguns exemplos são: a homossexualidade, a bissexualidade, a assexualidade, a heterossexualidade (pessoas que se relacionam com o gênero oposto) e a pansexualidade, ou seja, pessoas que desenvolvem relacionamentos afetivos, sexuais e/ou eróticos com indivíduos independentemente de seu gênero, orientação sexual, sexo

biológico ou identidade de gênero. A **identidade de gênero** é relativa ao modo como o indivíduo se entende, podendo ou não ter relação ao gênero dado no nascimento. É a percepção individual que a pessoa tem de seu gênero (feminino, masculino ou outro). Por último, a **expressão de gênero** se refere ao modo como a pessoa age em sociedade, como se comporta, como se veste, seu corte de cabelo, o modo como fala, suas características corporais, entre outros aspectos.

A diversidade racial, étnica, sexual, entre outras, fazem parte das sociedades, a pluralidade de identidades entre os indivíduos é natural na espécie humana, apesar de não ser considerada “normal” entre muitos grupos sociais (CARRIERI; AGUIAR; DINIZ, 2013). Pessoas LGBTQIA+ (lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais e travestis, *queer*, intersexuais, assexuais e outros grupos de variação de sexualidade e gênero) são sujeitos, muitas vezes considerados anormais por muitas culturas. Antes de adentrar conceitualmente em algumas das inúmeras formas de violências que pessoas pertencentes a esta população sofrem, é fundamental compreender o significado de alguns termos deste acrônimo para esta pesquisa, para isto, será utilizado como apoio os manuais de Martins (2010) e de Reis (2018).

Primeiramente é importante destacar que o termo **transgênero** se refere a pessoas que transitam entre os gêneros, sendo assim, travestis e transexuais são transgênero (pessoas trans). Além disso, **cisgênero** é o termo utilizado para designar os sujeitos que se identificam com o sexo/gênero dado ao nascer, em todos os aspectos (pessoas cis) (VERGUEIRO, 2015).

Gays são homens (cisgênero ou transgênero) que se relacionam de forma afetiva e/ou sexual com outros homens. **Bissexuais** são pessoas que se relacionam de forma afetiva e/ou sexual com indivíduos dos gêneros masculino e feminino. **Queer** era um termo pejorativo em inglês utilizado para designar pessoas com relações homossexuais, como “estranhos”. Atualmente, *queer* é o adjetivo utilizado, geralmente, por pessoas mais jovens, cuja orientação sexual não é necessariamente heterossexual. Para pessoas *queer*, a determinação de ser lésbica, *gay* ou bissexual seria uma limitação para a sua vivência sexual ampla e plural.

No quadro 1 é apresentado um resumo do acrônimo LGBTQIA+. Cabe destacar que as sexualidades são fluidas e estão em constante movimento e evolução, dessa forma, a sigla sofre contínuas alterações, conforme os estudos sobre identidade sexual e de gênero avançam (COUTINHO, 2020).

Quadro 1 - Significado do acrônimo LGBTQIA+

Lésbicas	Mulheres (cis ou trans) que se relacionam de forma afetiva e/ou sexual com outras mulheres.
Gays	Homens (cis ou trans) que se relacionam de forma afetiva e/ou sexual com outros homens.
Bissexuais	Indivíduos que se relacionam de forma afetiva e/ou sexual com indivíduos dos gêneros masculino e feminino.
Transexuais	Pessoas que não se identificam com o sexo designado no nascimento, possuindo uma identidade de gênero diferente à pré-estabelecida.
Travestis	Construção de gênero feminino, contrária à designação do sexo ao nascer. Corpos em constante construção. Identidades pessoais, sociais, culturais, familiares, entre outros, próprias da identidade travesti.
Queer	Adjetivo utilizado, geralmente, por pessoas mais jovens, cuja orientação sexual não é necessariamente heterossexual. Pessoas <i>queer</i> buscam experiências sexuais e afetivas plurais.
Intersexual	Pessoas com as combinações dos cromossomos XX (feminino) e XY (masculino), antigamente estes indivíduos eram denominados como hermafroditas, expressão em desuso e depreciativa.
Assexuais	Sujeitos que não sentem atração sexual por pessoas do mesmo sexo/gênero ou do sexo/gênero oposto, contudo estes sujeitos podem se relacionar afetivamente com outros indivíduos independentemente do sexo/gênero.
+	Demais grupos de variação de sexualidade e gênero.

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Apresentados alguns dos principais conceitos sobre identidade de gênero e sexual, entendidas aqui como fundamentais para a compreensão desta pesquisa, parte-se, na próxima seção, para o conhecimento de determinadas fobias que dizem respeito a questões identitárias, com ênfase naquelas que concernem a grupos sociais politicamente menores, como mulheres (trans ou cis), homossexuais, pessoas trans e indivíduos afeminados.

4.2 FOBIAS POR RAZÕES IDENTITÁRIAS

Inicialmente, se faz necessário, conceituar algumas fobias — medo, pânico, terror, aversão, repulsa, etc. (MESTRE; CORASSA, 2000) — que dizem respeito aos gêneros, às identidades de gênero, orientação sexual e características que formam as identidades dos sujeitos.

Compreender os significados de preconceito, discriminação e violência são imprescindíveis para entender as fobias por razões identitárias. O **preconceito** é

entendido como “percepções mentais negativas em face de indivíduos e de grupos socialmente inferiorizados, bem como as representações sociais conectadas a tais percepções” (RIOS, 2007, p. 27-28). Já a **discriminação** é a “materialização, no plano concreto das relações sociais, de atitudes arbitrárias, comissivas ou omissivas, relacionadas ao preconceito, que produzem violações de direitos dos indivíduos e dos grupos” (RIOS, 2007, p. 28). Conforme Chauí (2000), por **violência**, depreende-se, uma relação de forças entre dois lados. Um é caracterizado pela dominação e o outro pela coisificação, o qual a desigualdade entre estes infringe os direitos da vítima como indivíduo. Os direitos de integridade e liberdade da vítima são rompidos, e uma relação de poder é formada de maneira que o dominador subjuga o polo mais fraco. Abaixo, apresenta-se o significado de fobias relacionadas às identidades de determinados grupos sociais: afeminofobia, homofobia, misoginia e transfobia.

A **afeminofobia** é compreendida como a aversão ou ódio ao feminino e às feminilidades (BAYDOUN, 2020; NONATO, 2020), pessoas que apresentam comportamentos ditos femininos — homens, mulheres ou crianças — são vítimas de preconceito, discriminação e violências de diversos tipos (ALMEIDA, 2011; COLETTI, 2014; CORNEJO, 2011; SEDGWICK, 2007). A raiz da aversão está no comportamento, na maneira de gesticular, na fala, no modo de se vestir e no uso de determinados produtos, como a maquiagem, por exemplo (BAYDOUN, 2020; MOURA; NASCIMENTO; BARROS, 2020). Para o entendimento social vigente no Ocidente, o comportamento feminino deve ser evitado em excesso por parte das mulheres, e ter o total repúdio por parte dos homens (REIS, 2012). O homem que possui comportamentos femininos é considerado frágil socialmente e tem a sua orientação sexual posta sob suspeita, ou simplesmente delimitada como homossexual, sem mesmo a ter declarado. É importante destacar que a identidade feminina não tem relação com a orientação sexual do indivíduo (NONATO, 2020).

Tanto a feminilidade quanto a masculinidade são construções sociais (SANTOS, 2021). Ao longo da história o entendimento de ser feminino era compreendido de maneira diferente entre as sociedades. Em muitas culturas, como na Inglaterra do século XVIII, ser um homem com comportamento considerado feminino era tido como um “refinamento das classes abastadas” (NONATO, 2020, p. 27). Na Grécia e Roma antigas, o homem que desenvolvia características femininas buscava atrair o desejo do gênero oposto, emasculava-se para obter maiores chances de conquista (HALPERIN, 2002). Hoje, nas culturas ocidentais, o homem, tanto o cisgênero, quanto o transexual, deve

performar a masculinidade e a virilidade, devendo evitar qualquer traço feminino em seu comportamento e corpo, do contrário, corre-se o risco de sofrer alguma forma de violência. A afeminofobia contra homens é o foco desta pesquisa.

A **homofobia** se trata da repulsa em relação à orientação sexual de indivíduos que se relacionam afetiva e/ou sexualmente com pessoas do mesmo gênero. Homofobia pode ser entendida como uma "hostilidade perante homossexuais tanto homens como mulheres, sendo uma forma arbitrária de conferir ao outro um status de contrário, inferior ou anormal, podendo se dar nas relações sociais cotidianas de formas sutis e até brutais." (CAPRONI NETO; FONSECA, 2014, p. 03).

A homofobia também pode ser entendida como a expressão de sentimentos emocionais de raiva, medo, ansiedade, aversão e desconforto que heterossexuais podem experimentar e representar quando estão com homossexuais. Este preconceito foi incentivado culturalmente por gerações, por exemplo, quando se trata da forma de se referir aos homossexuais, "o uso de nomenclaturas diferenciadas variava de acordo com as épocas, culturas e discursos vigentes: sodomitas, invertidos, doentes mentais ou perversos, dentre outros" (BASTOS; PINHEIRO; LIMA, 2016, p. 167). Na sociedade brasileira, a classificação do indivíduo homossexual como "o gay, são 'invenções' do século XIX. Surge uma nova categoria social, que viria a ser marcada, estigmatizada e reconhecida como desvio da norma." (BASTOS; PINHEIRO; LIMA, 2016, p. 167).

A **misoginia** diz respeito ao preconceito ou ódio contra as mulheres, independentemente de estas possuírem comportamentos femininos ou masculinos. A simples condição de ser mulher é o suficiente, para a manifestação de preconceito e atos discriminatórios (TRUJILLO CRISTOFFANINI, 2019). Historicamente, as mulheres são consideradas seres inferiores em relação aos homens, sendo tratadas como incapazes para inúmeras atividades, como votar, trabalhar e conduzir veículos, por exemplo. Por muitos anos as mulheres deviam pedir permissão, por escrito, aos seus pais ou maridos para viajar, exemplo de como os homens exerciam amplos poderes sobre as mulheres (MEIHY, 2015). Reflexos de uma tradição machista e de uma sociedade patriarcal, o qual o homem era o centro e a mulher deveria permanecer à margem. Ao homem cabiam as atividades públicas, como o trabalho fora de casa, já à mulher restava as atividades privadas, como o cuidado da casa e da educação dos filhos. Sexualmente, a mulher por questões religiosas e de poder devia submissão ao homem, tendo o seu prazer reprimido e o ato sexual autorizado somente para reprodução (FOUCAULT, 2015).

Conforme Souza; Carrieri (2010), no Ocidente, até o século XVIII, prevalecia o pensamento de que havia somente um sexo biológico, o masculino. A mulher era considerada um homem invertido e, por sua vez, inferior. Segundo estes autores, existia uma hierarquia entre os corpos, o qual “estava o corpo do homem considerado como grau máximo de perfeição; havia uma escala de perfeição que começava com a mulher e atingia seu apogeu com o homem” (SOUZA; CARRIERI, 2010, p. 50).

A **transfobia** é a repulsa contra pessoas transexuais e travestis (FERNANDES, 2013). Homens e mulheres trans são vítimas do preconceito em razão de sua identidade de gênero. Em muitos casos são considerados seres abjetos, sem reconhecimento, direitos e garantias. Pessoas trans são vítimas de diversas formas de violência, física e/ou psicológica, inúmeras são espancadas e mortas todos os anos no Brasil, país com maior registro de assassinatos da população trans no mundo (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2021). A expectativa de vida de pessoas trans no Brasil é de 35 anos (UFMG NOTÍCIAS, 2021), o que evidencia tamanho descaso e violência sofrida por este grupo social.

No quadro 2, apresenta-se resumo das fobias por razões identitárias expostas nessa seção.

Quadro 2 - Fobias

Afeminofobia	Aversão ou ódio ao feminino e as feminilidades, pessoas que apresentam comportamentos ditos femininos – homens, mulheres ou crianças.
Homofobia	Repulsa em relação à orientação sexual de indivíduos que se relacionam afetiva e/ou sexualmente com pessoas do mesmo gênero.
Misoginia	Preconceito ou ódio contra as mulheres. Práticas que reforçam o estigma da mulher nas sociedades.
Transfobia	Repulsa contra pessoas transexuais e travestis

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

As questões de ódio e aversão por razões identitárias foram apresentadas acima, na seção a seguir, discorre-se sobre temas que podem ter relação direta ou indireta com as fobias apresentadas. Desta forma, daremos ênfase na heterossexualidade compulsória, na heteronormatividade, na masculinidade hegemônica e na virilidade.

4.3 HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA, HETERONORMATIVIDADE, MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E VIRILIDADE

Para Colling; Nogueira (2014), a heterossexualidade compulsória concerne ao entendimento de que a heterossexualidade é natural e deve ser seguida por todos, sendo oposta à homossexualidade (anormal). Considera-se que esta vivência da sexualidade seja a única aceitável e, por isso, torna-se compulsória, não havendo espaço para outras manifestações. A heterossexualidade é entendida como um regime de poder e não como uma orientação sexual, tendo a subordinação das mulheres como base (NONATO, 2020).

Com o enfraquecimento da ideia de heterossexualidade compulsória e a despatologização da homossexualidade, em 1973 pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (VEIGA, 2020), a heteronormatividade surge como um novo conceito para compreensão do padrão de comportamento da sociedade contemporânea (LOURO, 2009). De acordo com Lopes (2017, p. 405) a heteronormatividade diz respeito à “ideia de que os seres humanos são naturalmente heterossexuais e devem se comportar de acordo com uma concepção binária de gêneros, na qual as mulheres são ‘femininas’ e os homens, ‘masculinos’”. Para Miskolci (2009, p. 156) a heteronormatividade “expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade”. Para a heteronormatividade, o homem ser abertamente homossexual não é considerado um problema, contudo, este deverá performar a masculinidade e se comportar como macho em público. Já a mulher deverá possuir traços femininos e delicados (COLLING; NOGUEIRA, 2014).

A masculinidade hegemônica corresponde a ideia de “ser homem”, o conjunto de atitudes, comportamentos, traços físicos e expressões que os homens devem desempenhar nas sociedades (DA MATTA, 1997; DETONI; NARDI, 2013; ECCEL; ALCADIPANI, 2012; ECCEL; SARAIVA; CARRIERI, 2015; SEFFNER, 2015; 2019). Para Connell; Messerschidt (2013), a masculinidade hegemônica deve ser lida no plural, tendo em vista a masculinidade ser fluida, de forma que cada indivíduo a desenvolve de maneira única e estando em constante transformação ao longo do tempo e em sociedades distintas, assim não havendo uma masculinidade única. De acordo com Baydoun (2020), o contexto histórico e cultural determina como os homens devem se constituir, comportar e tratar uns aos outros. A forma em que os homens agem e demonstram emoções também varia ao longo da história e das sociedades (SANTOS, 2021). No que diz respeito ao campo

organizacional, Prestes Motta (2000, p. 36) declara que “as empresas e outras organizações reproduzem a dominação masculina e é masculina a cultura da maioria dessas instituições”.

A virilidade está ligada ao homem jovem e aparentemente saudável, com ações de coragem e bravura, traços e qualidades físicas de acordo com as exigências sociais de cada época, além do dever de desempenhar o comportamento sexual ativo (MACHADO, 1998). A virilidade está associada ao homem másculo, sem características femininas, as quais devem ser reprimidas para que aquela não seja posta em dúvida perante seus pares e os demais (CERQUEIRA, 2012). Para Coletto (2014), há uma hierarquia entre o designado *gay* viril — também conhecido por *gay* padrão, ou seja, o homem homossexual que performa a masculinidade e virilidade — e o *gay* afeminado, a orientação sexual do primeiro, em razão de sua expressão de gênero, passa despercebida, pois está próxima a dos homens heterossexuais viris. O autor assinala ainda que esta hierarquia ocorre da seguinte maneira: “hétero viril > gay viril > gay afeminado, hierarquia que reitera a heteronormatividade” (COLETTI, 2014, s/p).

Na próxima seção, apresenta-se, brevemente, os homens afeminados na história, quem são e como os seus corpos foram e são entendidos na sociedade.

4.4 CORPOS AFEMINADOS

Ao longo da história a feminilidade masculina foi objeto de estudo, segundo Halperin (2002), em determinadas sociedades e épocas, como na Grécia e Roma antigas, o homem que desejava conquistar mulheres, para relações afetivas-sexuais, demonstrava comportamentos afeminados a fim de conquistar uma parceira, repelindo qualquer prática máscula ou viril. Estes homens preferiam atividades românticas e repudiavam as guerras, essa atividade por muitos séculos era tida como sinônimo de bravura e masculinidade, além de ser inerente aos homens.

Conforme Halperin (2002), até o período do Renascimento, os homens que se abstinham de práticas sexuais com mulheres para se dedicar às batalhas, lutar a procura de sua honra e pela insaciável vontade de competir com outros homens, agiam conforme o comportamento social esperado da época. Já os homens que performavam a feminilidade, faziam o uso de algum produto ou peça entendida como feminina e desenvolviam traços delicados, com a finalidade de conquistar uma parceira, eram entendidos como sujeitos de pouco valor. Do mesmo modo, de acordo com Nonato

(2020), na Inglaterra, até meados do século XVIII, o excesso de desejo heterossexual tinha relação com a feminilidade masculina e não era bem-visto socialmente.

Ao longo do século XVIII, a figura dos *mollies* (palavra que designada “afeminados” de modo pejorativo) pertencia à cultura inglesa, de acordo com Halperin (2002), os *mollies* eram homens de classe baixa que se relacionavam afetiva e sexualmente com outros homens, ou também eram identificados como homens que buscavam conquistar e se relacionar com muitas mulheres com a intenção de seduzi-las. No mesmo período, os *fops* (podendo ser traduzido como “afeminados”, contudo, sem conotação depreciativa) eram membros da alta sociedade inglesa que rompiam com a masculinidade hegemônica da época, a feminilidade que desenvolviam era compreendida como sinal de prestígio social, entretanto, diferente dos *mollies*, os *fops* eram conhecidos pela habilidade em conquistar e seduzir as mulheres, não se envolvendo de forma afetiva ou sexual com o mesmo gênero, como é o caso da maioria dos *mollies* (NONATO, 2020).

Durante o século XX, no Brasil, o termo “bicha” serviu para designar os homens afeminados e as travestis (GREEN, 2019; TREVISAN, 2018;). Independentemente da identidade de gênero ou orientação sexual, o termo era utilizado para se referir aos sujeitos que possuíam características femininas, relacionavam-se afetiva e sexualmente com outros homens e aqueles que faziam o uso de algum tipo de maquiagem, na maioria das vezes o pó de arroz (GREEN, 2019; TREVISAN, 2018).

A feminilidade masculina vem sendo estudada no campo das ciências sociais aplicadas, sobretudo na área de estudos organizacionais (MOURA; NASCIMENTO; BARROS, 2020; MOURA; NASCIMENTO, 2021). As pesquisas apontam a necessidade de compreender quais são os efeitos da feminilidade masculina na vida de meninos e homens que a performam. Os estudos variam desde a infância, quando discutem casos de *bullying* nessa fase da vida (CORNEJO, 2011; TAKARA, 2017), e, em especial, ao longo da vida adulta, quando são abordados casos de violência e assédio moral no trabalho, além do medo de ser identificado como “o gay” no ambiente organizacional (BENITEZ; SANTOS, 2020; MOURA; NASCIMENTO; BARROS, 2017; MEDEIROS, 2017; MOURA; NASCIMENTO, 2020; REIS, 2012).

O corpo da pessoa afeminada causa estranheza social, pois não expressa um comportamento único, fugindo do entendimento de binarismo sexual (homossexual ou heterossexual) e de gênero (feminino ou masculino) (BAYDOUN, 2020). O fato de não ser compreendido pelos padrões sociais leva o sujeito afeminado a ter o seu corpo considerado abjeto, ou seja, um corpo desprezível e indigno de respeito (BUTLER, 1993).

Nos espaços sociais, os indivíduos afeminados são chamados pejorativamente como aqueles que “parecem *gays*” (cuja conotação é homofóbica), embora o comportamento afeminado não delimite a orientação sexual do indivíduo (NONATO, 2020). De maneira oposta, a expressão “nem parece *gay*” é utilizada para se referir ao homossexual que performa a heteronormatividade masculina, fugindo de qualquer característica feminina. Na maioria das vezes essa forma de referimento pretende ser um elogio, pois o sujeito não possui traços femininos ou gesticulação exagerada. Sugerindo que o fato de “não parecer *gay*” seja um ponto positivo do indivíduo, reforçando o preconceito social contra a feminilidade masculina e contra os *gays*.

Da mesma forma, expressões como “Mariazinha”, “mulherzinha”, “menininha”, “mocinha”, “frutinha” e “florzinha”, são usadas como menção aos sujeitos afeminados, apresentando atitude misógina, dando a entender que expressões que fazem alusão ao gênero feminino e a substantivos femininos são consideradas subalternas, além de serem, com frequência, usadas no diminutivo para denotar inferioridade.

Segundo Souza; Pereira (2013), dentro da comunidade *gay* existe um forte preconceito do *gay* que performa o padrão heteronormativo e másculo para com o *gay* afeminado, esse último apresentaria um problema para a reputação do *gay* viril, pois ao se relacionar com um homem afeminado, ele ficaria socialmente exposto e a sua reputação estaria em risco de questionamento. Por isso, os homossexuais que performam a masculinidade heteronormativa não se envolvem afetivamente com homossexuais afeminados, justificando o receio de sofrer algum ato de violência ou por simples preconceito contra o comportamento feminino (CUNHA, 2016; SARAIVA; SANTOS; PEREIRA, 2020).

Biologicamente o corpo humano é entendido como um conjunto de células, tecidos, órgãos, sistemas e organismo, cada um com uma função definida. Já o corpo social, segundo Flores-Pereira (2010, p. 418), é compreendido como um “objeto sobre o qual se inscrevem símbolos, significados e que se encontra ancorado em um determinado tempo-espaço que o constitui a partir de especificidades”. O corpo pessoa (*embodiment*), é outro conceito estudado por Flores-Pereira (2010, p. 418), que segundo a autora, “concebe o corpo como mais do que objeto representacional, buscando compreendê-lo como parte constitutiva da pessoa, um agente capaz de construir a história e a cultura do espaço onde habita”, corroborado com a concepção de Csordas (2016; 2018).

Para Rios *et al.* (2013, p. 3654) o corpo é entendido como “uma categoria carregada dos sentidos com os quais a sociedade ocidental se concebe”. Segundo os

mesmos autores, existe uma diferença entre corporeidade e corporalidade, a qual “a corporeidade (corporeité) deve ser compreendida como uma estrutura simbólica, efeito das condições sociais humanas na lida com o meio humano de experimentação da realidade” (RIOS *et al.*, 2013, p. 3654). Já a corporalidade tem relação com as “distintas manifestações de dada corporeidade, quando atualizada em determinado contexto e/ou pessoa, no processo de oferecer significado a acontecimentos específicos – de outro modo, para pensar a variabilidade das formas que dada corporeidade pode tomar” (RIOS *et al.*, 2013, p. 3654). Conforme Flores-Pereira; Davel; Dornelles-de-Almeida (2017, p. 195) a corporalidade “remete à relação fundamental e inseparável que se estabelece entre corpo e mundo sócio-histórico-cultural”. Os mesmos autores também entendem o corpo “como matéria que representa as constantes trocas de significados entre o mundo ‘natural’ e social.” (FLORES-PEREIRA; DAVEL; DORNELLES-DE-ALMEIDA, 2017, p. 196).

Para Le Breton (2006; 2013), o corpo permite que o indivíduo expresse os seus valores e sentidos da vida, além disso, o corpo se torna um importante meio de manifestar a identidade do sujeito. Os significados que as pessoas dão aos seus corpos são determinantes para entender se serão respeitados ou não nos diferentes espaços que ocupam, em consequência da necessidade de aprovação social (CSORDAS, 2008; SEFFNER, 2012; SEFFNER; NUNES, 2018). Segundo Eccel; Grisci; Tonon (2010, p.311), por muitos anos a área de estudos organizacionais compreendia o corpo como uma “instância física separada da mente e estudado apenas como um meio para a produção”. Contudo, recentemente as pesquisas do campo estão mudando a forma de estudar o corpo na administração.

Para Butler (2013), o gênero do indivíduo, ao nascer, não determina o seu modo de falar, andar, vestir e de se comportar em sociedade. Segundo a filósofa, desde o nascimento as pessoas vão se moldando às exigências sociais, logo, os indivíduos agiriam para atender as expectativas que lhes são esperadas em razão do gênero. Em definição, a autora criou o conceito de performatividade de gênero, que diz respeito à maneira pela qual os sujeitos se apresentam nas relações sociais. A performatividade seria uma atuação para atender as normas sociais. Todavia, quando as expectativas prescritas não são atendidas, os corpos que fogem do entendimento de idealidade se tornam abjetos, por sua vez, sem dignidade alguma (BAPTISTA, 2021; BUTLER, 1993).

Os corpos masculinos, que performam a feminilidade, carregam o ostracismo e o repúdio social, o fato de causar estranheza e perturbação entre aqueles que seguem a heteronormatividade e a masculinidade hegemônica faz com que sejam considerados

como indivíduos sem valor, assim a violência pela qual passam seria entendida como uma punição ou consequência por não seguirem o padrão entendido como o correto (BUTLER, 1993). Além disso, é necessário pontuar que não é prudente falar de corpos de modo genérico, entre as inúmeras diferenças que os corpos apresentam, nesta pesquisa falar-se-á de corpos brancos e negros. Esse último, em específico, mostra delimitações como a hipersexualização, objetificação e fetichismo dos corpos de pessoas negras, tendo em vista que o imaginário social compreende o corpo negro como sensual e feito para o sexo (SANTOS, 2021).

Como mencionado acima, os corpos de homens afeminados geram atos de violência física e/ou verbal por parte daqueles que entendem a identidade afeminada como algo anormal e que foge do padrão social. Ao longo da vida desses indivíduos, é recorrente os casos de manifestação de ódio, já a infância é marcada pela imposição da masculinidade hegemônica com base na heterossexualidade (BAYDOUN, 2020; CORNEJO, 2011; NARDI; GONCALVES, 2019; SARAIVA; SANTOS; PEREIRA, 2020; SOUZA; PEREIRA, 2013; TAKARA, 2017). Em todas as relações sociais, seja em casa, seja na escola, sendo nessa última, a violência sofrida por crianças e adolescentes denominada de *bullying*, além da violência que pode surgir em inúmeros espaços e organizações por onde os sujeitos transitam.

4.5 BULLYING E VIOLÊNCIA

A violência está presente em todas as sociedades, classes sociais e etapas da vida. Durante a infância é possível observar comportamentos violentos de crianças e pré-adolescentes em seus ambientes comuns. O *bullying* — termo em inglês que trata especificamente sobre atos de violência física e psicológica entre crianças e jovens — recebeu destaque no campo científico a partir dos anos 1990 (OLWEUS, 1993; RIGBY, 1996; ROSS, 1996; SMITH; SHARP, 1994). Entre as preocupações, as pesquisas procuram compreender o que leva uma criança ou adolescente a se tornar o autor ou o alvo de *bullying*.

É na escola onde ocorrem o maior número de casos de *bullying*, contudo, as situações podem acontecer em grupos voltados ao público jovem, times esportivos e entre vizinhos de bairro, por exemplo. O comportamento agressivo no ambiente escolar não possui gênero, meninos e meninas cometem e sofrem *bullying*, não obstante, sejam os meninos que praticam a maior parcela dos casos de violência física. O *bullying* é

entendido como um problema de saúde pública, tendo em vista que é crescente os casos de ansiedade, depressão, angústia, isolamento, automutilação e suicídio entre crianças e jovens vítimas de *bullying* (LOPES NETO, 2005).

Segundo Lopes Neto (2005), a criação e o ambiente familiar são determinantes no desenvolvimento de sujeitos agressivos ou vitimizados. As chances de uma criança ou adolescente apresentar comportamentos agressivos são elevadas quando convivem em locais violentos ou quando não recebem a devida atenção de seus pais ou responsáveis legais, comprometendo as suas subjetividades e prejudicando a sua formação. Espaços inseguros, indisciplinados e desorganizados podem refletir na constituição do indivíduo, desse modo, faz-se necessário proteger as crianças e adolescentes, para que não sejam comprometidas com ambientes violentos (SILVA *et al.*, 2021).

A baixa autoestima, incentivada por adultos e pessoas do convívio da criança ou adolescente, assim como a superproteção dos responsáveis legais e as exigências sociais impostas, sobretudo, aos adolescentes, são fatores que podem tornar uma criança ou jovem vítima de *bullying*, gerando inúmeras consequências negativas à saúde física e mental do sujeito, além de prejudicar o seu desenvolvimento cognitivo (MEDINA CASCALES; REVERTE PRIETO, 2019). Casos de vingança são comuns entre crianças e adolescentes que sofreram *bullying*, como atos violentos, suicídio, porte de armas de fogo e assassinatos, dentro do ambiente escolar onde a vítima sofria *bullying* (LOPES NETO, 2005).

Importante destacar que algumas características da criança ou do adolescente podem ser causadoras de *bullying*, como, por exemplo, a classe social, o peso, a raça, a etnia, a orientação sexual, o gênero, o comportamento e deficiências, são alguns motivos que podem gerar atos violentos (PEARCE; THOMPSON, 1998). O sujeito que não está dentro do padrão de aceitação exigido corre o risco de sofrer agressões físicas e verbais durante a sua formação (MENDOZA-GONZALEZ; DELGADO NIETO; GARCIA MANDUJANO, 2020). As consequências podem ser observadas durante a vida adulta, podendo prejudicar relacionamentos interpessoais e atividades laborais. No ambiente de trabalho, o assédio moral e sexual são exemplos de atos violentos que ocorrem nas relações de trabalho e que se assemelham, conceitualmente, ao *bullying* durante a infância e adolescência.

Com a chegada da vida adulta e a necessidade de buscar meios de subsistência, as pessoas iniciam o processo de inserção no mercado de trabalho. Ao longo das atividades

laborais, muitos são os episódios que causam o sofrimento e o adoecimento do trabalhador (DEJOURS, 2015).

O trabalho é central na vida dos indivíduos (ARAÚJO; SACHUK, 2007; SOUZA; LOPES; HILAL, 2017), possuindo fundamental importância nas relações sociais, afetivas e na formação psíquica das pessoas (MORIN, 2001), além de permitir o desenvolvimento de habilidades e o sustento dos sujeitos (MORIN; TONELLI; PLIOPAS, 2007). Etimologicamente, a palavra trabalho vem do latim *tripalium*, instrumento de tortura, que está relacionado ao verbo, também do latim, *tripaliare*, que significa torturar (ALBORNOZ, 2014). De acordo com Viegas (1989, s.p), durante o século XII, a palavra *tripalium* significava “precisamente tormento, sofrimento”. Para Gernet; Dejours (2011, p. 63), o trabalho recebe outro significado, neste caso, no campo das relações sociais, conforme os autores, o trabalho é “um conjunto complexo de relações entabuladas entre o sujeito e aqueles com e para quem ele trabalha, a fim de coordenar as inteligências singulares”. O trabalho também é fonte de prazer e sofrimento, ambos estão lado a lado, contudo, em determinados casos, o sofrimento é tamanho que o trabalhador não o suporta, gerando adoecimento físico e mental, como ansiedade, depressão e em muitos casos levando ao suicídio (DEJOURS, 1996).

Conforme visto na seção 4.2 (Fobias por razões identitárias), a violência é um ato de subjugar e dominar uma pessoa ou um grupo de indivíduos, rompendo com a integridade e a liberdade da(s) vítima(s) (CHAUÍ, 2000). A violência também diz respeito a ações voluntárias, premeditadas ou impulsivas (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 2004), de uma ou mais pessoas que utilizam o emprego da força ou de meios persuasivos que provoquem danos psicológicos ao violentado (HAGOPIAN; SOUSA; BIANCO, 2020; ROSA; BRITO; OLIVEIRA, 2007). A violência se apresenta de diferentes modos, como, por exemplo, através da humilhação, agressão física ou verbal, abusos, tortura, opressão, ameaças, assédio moral e sexual, preconceito, discriminação, intimidações e negligência, manifestando-se por meio de danos à integridade física e à sanidade mental da vítima, em casos extremos a violência leva à morte, seja por assassinato, seja por suicídio (BUENO MENDONÇA *et al.*, 2018; CARRIERI, 2009; CONCOLATTO, 2018; FARREL; SHAFIEI, 2012; OLIVEIRA; NUNES, 2008).

Atos de violência também estão presentes nas relações de trabalho, Oliveira; Nunes (2008) tecem o conceito **violência relacionada ao trabalho**, que segundo os autores corresponde a

[...] toda ação voluntária de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo que venha a causar danos físicos ou psicológicos, ocorrida no ambiente de trabalho, ou que envolva relações estabelecidas no trabalho ou atividades concernentes ao trabalho. Também se considerada violência relacionada ao trabalho toda forma de privação e infração de princípios fundamentais e direitos trabalhistas e previdenciários; a negligência em relação às condições de trabalho; e a omissão de cuidados, socorro e solidariedade diante de algum infortúnio, caracterizados pela naturalização da morte e do adoecimento relacionados ao trabalho (OLIVEIRA; NUNES, 2008, p. 30).

O conceito criado pelos referidos autores, para tratar de forma mais ampla a questão da violência nas relações de trabalho, integra a violência como agressões físicas e psicológicas, sabotagens, assédio moral e sexual, problemas que tangem a organização do trabalho, questões de cunho jurídico (constitucional, trabalhista e previdenciário, a título de exemplo), condições de risco à saúde e vida do indivíduo no trabalho — como insegurança e insalubridade — desemprego, banalização do sofrimento, ações criminosas realizadas por membros internos ou pessoas externas à organização, preconceito e discriminação em razão de classe social, cor da pele, origem étnica, orientação sexual, gênero, escolaridade, área de formação, tempo de experiência, idade, deficiência, entre outros estigmas sociais.

Por fim, destaca-se o fenômeno da incivilidade no ambiente de trabalho, essa entendida como uma microviolência (BUENO MENDONÇA *et al.*, 2018; CORTINA *et al.*, 2017; HERSHCOVIS, 2011). Os atos de incivilidade são exemplificados por ações rudes, grosseiras e insensíveis que violam os comportamentos considerados adequados e de respeito pelo grupo, o que deve ser verificado conforme o ambiente de trabalho em específico, uma vez que regras de comportamento social variam de acordo com a cultura organizacional (MARCHIONDO; CORTINA; KABAT-FARR, 2018). Segundo Bueno Mendonça *et al.* (2018), os atos de incivilidade no trabalho, embora conceituados como microviolentos, podem levar a uma escalada de violência, como agressões físicas, por exemplo.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo está dividido em quatro seções, inicialmente, trata-se sobre a classificação da pesquisa qualitativa, em seguida é abordado o método de História de Vida e suas possibilidades. A partir da apresentação do método, a seção posterior fala sobre o reconhecimento preliminar do campo de pesquisa e, por fim, a última seção traça um breve perfil dos sujeitos participantes do estudo e os procedimentos éticos da pesquisa.

5.1 SOBRE A PESQUISA QUALITATIVA

Buscando produzir uma pesquisa útil, oportuna e relevante à academia e à comunidade (ALVESSON; SANDBERG, 2013), realizou-se uma pesquisa qualitativa exploratória com homens afeminados, através do recolhimento de suas histórias de vida. Os estudos qualitativos são recorrentes, quando se pretende pesquisar sobre sexualidade e gênero, por exemplo. A intenção é de colher relatos de pessoas desprestigiadas aos olhos de parte da sociedade, dando espaço para que suas histórias sejam conhecidas (CORRÊA, 2012; FERRAROTTI, 2007; TEIXEIRA; LEMOS; LOPES, 2021). A abordagem permite que histórias, experiências, crenças, opiniões, relações em geral, percepções de vivências, sensações e sentimentos sejam interpretados pelos indivíduos que participam do estudo. A abordagem qualitativa possibilita examinar acuradamente os comportamentos humanos e os sentidos que as pessoas atribuem à realidade. O trabalho do pesquisador é o de examinar o contexto ao qual os sujeitos pertencem, investigando os significados que estes imputam a suas ações, como também narrar e ecoar as suas relações e atitudes (BAPTISTA, 1999; CLOSS; ANTONELLO, 2012; INIESTA; FEIXA, 2006; NOGUEIRA *et al.*, 2017).

A pesquisa qualitativa tem por objetivo relatar, traduzir e compreender o fenômeno apresentado, a partir de entrevistas, documentos analisados ou por meio de observações (MERRIAM, 1998). O pesquisador procura entender como os pesquisados conferem valor e significado as suas vivências e como essas impactam suas vidas. A abordagem qualitativa possibilita a construção de respostas a questões subjetivas do sujeito participante, permitindo a análise aprofundada do objeto de estudo (MINAYO, 2004).

5.2 SOBRE O MÉTODO DE HISTÓRIA DE VIDA

Utilizou-se o método de História de Vida, tendo em vista que esse permite, ao mesmo tempo, compreender as subjetividades dos indivíduos estudados e analisar o contexto sócio-histórico em que estão inseridos (COLLING; OLTRAMARI, 2019; COLOMBY *et al.*, 2016; GRANATO; LOPES; COSTA, 2020). Segundo Mageste; Lopes (2007), a investigação social cruza trajetórias e impactos sofridos durante a vida dos pesquisados, desse modo, o método possibilita a reflexão de como, experiências e escolhas passadas, repercutem no tempo presente dos indivíduos. Para o investigador, é uma oportunidade singular de ouvir o indivíduo pesquisado, e para o sujeito, é um momento para ser ouvido e permitir uma autorreflexão sobre sua vida. O método permite a produção de conhecimento científico, a partir das experiências dos sujeitos pesquisados.

Glat (1989, p. 30) entende que o método “tem como consequência tirar o pesquisador de seu pedestal de ‘dono do saber’ e ouvir o que o sujeito tem a dizer sobre ele mesmo: o que ele acredita que seja importante sobre sua vida”. Identidade e autoconhecimento estão na base da construção do sujeito sócio-histórico, resultado do entrelaçamento entre identidade, família e classe social (CARRIERI; LOPES, 2012; GAULEJAC, 2016; GOMIDE; NOGUEIRA; BARROS, 2010). De acordo com Barros; Lopes (2014), a história de vida vai além das histórias oficiais, uma vez que ajudam a entender como as histórias individuais e coletivas se articulam.

O método de História de Vida possibilita que o andamento seja realizado pelo pesquisado, narrando os fatos que marcaram a sua trajetória de vida, refletindo sobre a relevância destes no passado e entendendo a interferência no presente (GODOY, 2018; PAULILO, 1999; SANTOS; GLAT, 1999). A história de vida é um meio político e emancipatório, a qual dá visibilidade àqueles que são marginalizados. Embora a história de vida seja particular a cada sujeito, ela também pode ser compartilhada por muitos indivíduos que pertencem a realidades semelhantes. Segundo Paulilo (1999), quando uma pessoa conta a sua história, ela vai além, narrando a história de um período, de uma população, de uma classe social. Segundo Enriquez (1997, p. 158), “é através da escuta do mais particular que poderemos apreender o mais geral, é debruçando-nos sobre os adventos da alteridade que poderemos compreender como o vínculo social se tece, se liga, se desliga e se rompe”.

A escuta comprometida do pesquisador ao que é narrado pelo pesquisado é uma oportunidade única para o desenvolvimento do conhecimento, é um importante momento

para a construção da pesquisa, em que a singularidade de cada fala deve ser levada em consideração e respeitada pelo ouvinte/pesquisador (LÉVY, 2001). No que se refere ao tempo, as narrativas podem não correr de forma linear, ou seja, de modo contínuo em relação aos acontecimentos da vida do indivíduo, destaca-se que tal ocorrência é natural e não atrapalha o recolhimento e desenvolvimento da história de vida.

O método de História de Vida permite ao pesquisador narrar vidas, quando os pesquisados atribuem sentido ao vivido; ao contar as suas experiências, cabe ao pesquisador compreender a construção do sujeito histórico, ou seja, analisar o contexto singular do indivíduo, bem como ir além, descrevendo a conjuntura social a qual a pessoa está inserida, apresentando a realidade de vida do participante. Torna-se necessário entender o passado, para compreender o presente, para, enfim, projetar o futuro, individual ou coletivamente (BOSI, 2003; FERRAROTTI, 2007).

Paulilo (1999, p. 142), aduz que a história de vida pode ser compreendida como um “instrumento privilegiado para análise e interpretação, na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais”. Segundo a autora, o método “fornece base consistente para o entendimento do componente histórico dos fenômenos individuais, assim como para a compreensão do componente individual dos fenômenos históricos” (PAULILO, 1999, p. 142). Barros; Lopes (2014, p. 49) declaram que “as histórias pessoais não são redutíveis a jogos afetivos de ordem psíquica, mas confrontadas pelas relações sociais – culturais, econômicas, ideológicas –, indissociáveis umas das outras”. Para Silva *et al.* (2007, p. 32) “ao se trabalhar o vivido subjetivo dos sujeitos, através do método de História de vida, temos acesso à cultura, ao meio social, aos valores que ele elegeu e, ainda, à ideologia”. O sujeito é constituído por histórias familiares, coletivas, oficiais e por aquelas que, mesmo silenciadas, fazem parte da construção de sua identidade e da formação de suas narrativas desde a infância (BARROS; LOPES, 2014). Gaulejac (1997, p. 26), faz uma associação do percurso metodológico a uma boneca russa, a qual “a história individual está encaixada na história familiar, e ela mesma inserida em uma história social”.

Em relação ao uso do método de História de Vida na Administração, Araújo; Nogueira; Barros (2010, p. 140) entendem que “a utilização do método de História de Vida mostra-se particularmente fecunda para as análises da relação homem/trabalho”. Barros; Lopes (2014), corroboram com o entendimento de que a História de Vida é uma especial oportunidade de entendimento do singular, do indivíduo e do coletivo. As histórias de vida são diferentes das histórias oficiais, elas são responsáveis por apresentar

trajetórias e experiências de pessoas e populações que foram e/ou são esquecidas pelas camadas dominantes da sociedade (SILVA *et al.*, 2007).

No que se refere às análises das Histórias de Vida, Barros; Silva (2002, p. 142), entendem que “embora a situação de pesquisa gire em torno das histórias dos sujeitos, a análise é que vai diferenciar; vai ser guiada por questões centradas sobre a pessoa, o trabalho, escolhas teóricas, engajamentos, etc., mediada por conceitos e teorias”. A análise, para Queiroz (1988, p. 19), é a etapa essencial do trabalho, é a partir dela que o texto será tratado em profundidade, de maneira que os recortes e tratamentos realizados mostrem “somente o que é compatível com a síntese que se busca”.

A seguir, apresenta-se a ida inicial ao campo de pesquisa com a intenção de entender a viabilidade do trabalho.

5.3 RECONHECIMENTO PRELIMINAR DO CAMPO DE PESQUISA

Com o objetivo de ingressar no campo de pesquisa e compreender a viabilidade do estudo, realizou-se uma atividade exploratória, durante os meses de março e abril de 2022, para conhecer preliminarmente a realidade de homens afeminados. Foram realizadas conversas, com roteiro semiestruturado, com nove homens homossexuais cisgênero, sendo quatro negros e cinco brancos, com idades entre 19 e 35 anos. Parte do contato inicial se deu por meio da inserção do autor em grupos da rede social *Facebook*, que reúnem homens afeminados. A partir deste contato, foi possível entrevistar três homens de três estados diferentes (Bahia, Ceará e São Paulo). Os demais entrevistados — seis — eram do Rio Grande do Sul (RS), a comunicação com esses sujeitos foi realizada através da rede de contatos do autor. Oito relatos foram recolhidos pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp* e um pelo aplicativo *Messenger*. Dos nove entrevistados, somente um não se encaixou no escopo da pesquisa, qual seja, entender-se ou ser entendido como um homem afeminado, neste último aspecto, compreende-se que a partir do recolhimento da história de vida, os sujeitos que inicialmente não se entendem como afeminados possam vir a se perceber como tal, a partir de suas próprias reflexões (NONATO, 2020). Destaca-se a dificuldade de se encontrar um respondente heterossexual, acredita-se que haja relação com o preconceito e a discriminação que os homens afeminados sofrem na sociedade, de modo a evitar qualquer forma de exposição concernente ao assunto.

Ao longo dos relatos, verificou-se, vivências constantes de preconceito e violência nas relações de vida. Desde a infância e a adolescência, dentro e fora de casa, com a imposição de comportamentos masculinos e através do *bullying* na escola, até os dias atuais, com relatos sobre dificuldades para ter relacionamentos amorosos estáveis, preconceito de *gays* não-afeminados contra os *gays* afinados, e episódios de violência no trabalho, em razão da expressão de suas feminilidades. A relação entre pais e filhos se mostrou problemática em alguns relatos, sobretudo em um dos casos em que o sujeito foi expulso de casa em 2020 e não mantém contato com os pais desde então.

Questionados sobre casos de assédio moral e/ou sexual, um dos pesquisados relatou que tais situações ocorrem com frequência, especialmente, no transporte público, segundo ele, por ser afinado, as pessoas pensam que ele seja “fácil” e promíscuo, podendo violar o seu corpo nas mais diversas situações. Um comentário que chamou a atenção foi o caso de um pesquisado que informou que sofria preconceito de parceiros por ter barba, pois esses o desejavam desde que não tivesse nenhum traço de masculinidade no corpo, como pelos, devendo seguir um padrão de feminilidade masculina caso tivesse interesse em se relacionar com pessoas que procuram o perfil de homens afinados. Outro entrevistado disse que o seu namorado se sente incomodado por ele fazer uso de maquiagem, produto comum entre os homens afinados.

Observou-se que o corpo negro e afinado sofre duplo preconceito, a partir dos relatos dos quatro homens que se autodeclararam negros, constatou-se que as pessoas esperam que o homem negro seja másculo e viril, que seja ativo nas relações sexuais e que tenha um pênis grande, o que se confirma através da literatura (SANTOS, 2021). Destaca-se que os aspectos raciais e étnicos são atravessadores fundamentais para o aprofundamento das pesquisas sobre a feminilidade masculina, contudo, pela necessidade de delimitação do escopo do estudo e da disponibilidade dos sujeitos pesquisados (ambos brancos) que aceitaram participar da fase de recolhimento da história de suas vidas, optou-se por não abordar de modo crítico e reflexivo a questão racial.

Essa fase da pesquisa serviu de auxílio para o momento do recolhimento das histórias de vida dos dois pesquisados que se ofereceram a participar do estudo, tendo em vista a dificuldade temporal de recolher e analisar nove histórias de vida. A partir dessa atividade exploratória, foi possível compreender o campo de estudo, bem como amparar na posterior colheita das histórias de vida, permitindo o direcionamento do pesquisador para temas entendidos como fundamentais.

A seguir, apresenta-se o perfil dos pesquisados que dão vida a essa pesquisa, as histórias de vida de Glitter e Miguel, nomes fictícios criados pelos próprios pesquisados, foram narradas e analisadas nos capítulos seguintes.

5.4 SUJEITOS PESQUISADOS: AS HISTÓRIAS DE VIDA DE GLITTER E MIGUEL

Entre os meses de junho e agosto de 2022, realizou-se o recolhimento das histórias de vida dos dois participantes da pesquisa, o número é entendido como suficiente pelo método, pois a intenção é conhecer em profundidade as histórias, vivências, trajetórias e reflexões dos participantes.

A escolha dos participantes ocorreu através da rede de contatos do autor, a possibilidade de encontros presenciais recebeu a preferência inicial para a etapa do recolhimento das histórias de vida, tendo em vista que além dos relatos, existiu a necessidade de observação de outros aspectos que compõem a construção da identidade e expressão de um homem afeminado, como a forma de se vestir, andar, gesticular e/ou maquiar. Desse modo, deu-se preferência aos sujeitos que viviam em Porto Alegre (Rio Grande do Sul) ou região.

Conforme dito acima, os nomes Glitter e Miguel foram dados pelos participantes, o autor realizou a alteração dos nomes de terceiros mencionados ao longo do recolhimento das histórias de vida, do mesmo modo o nome de organizações também foram alteradas, com a intenção de evitar a identificação dos pesquisados.

Nos dois primeiros encontros, o autor informou aos participantes os procedimentos e o propósito da pesquisa, assim como o funcionamento do método de História de Vida. Após a apresentação inicial, os pesquisados receberam, para leitura, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disponível para consulta no anexo B. Sanadas as eventuais dúvidas, realizou-se um esboço com o cronograma dos encontros. Logo após as formalidades éticas, fundamentais para o correto desenvolvimento do estudo, iniciou-se o recolhimento das histórias de vida. Aos participantes, foi feita a seguinte indagação: “conte-me a sua história”, seguindo o proposto por Barros; Lopes (2014, p. 54), “pede-se ao sujeito que conte sua história da maneira que lhe é própria, do seu ponto de vista, e, através dessas histórias, nós tentamos compreender o universo do qual eles (os sujeitos que se contam) fazem parte”.

No quadro 3, apresenta-se resumidamente o perfil dos participantes da pesquisa, com o propósito de facilitar a compreensão de cada um ao longo do texto.

Quadro 3 – Perfil dos participantes

Perfil dos participantes					
Nome fictício	Idade	Profissão	Orientação sexual	Natural	Residência atual
Glitter	36	Maquiador/Vendedor	Homossexual	<i>Violeta</i>	São Paulo - SP
Miguel	22	Servidor Público	Homossexual	<i>Margarida</i>	Porto Alegre - RS

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Tanto Glitter, quanto Miguel, são naturais de municípios do interior do Rio Grande do Sul, lugares onde referem que o machismo e a cultura patriarcal fazem parte da formação dessas regiões.

Em seguida, as histórias de vida de Glitter e Miguel são apresentadas e analisadas, contudo, cabe destacar que os participantes receberam as transcrições de suas entrevistas logo após a finalização dessa etapa e, posteriormente, tiveram acesso às análises de suas histórias de vida. O pesquisador orientou os participantes que caso quisessem alterar os relatos apresentados e/ou pontos da análise de suas histórias, assim poderiam fazer, posto que se trata de suas histórias, sendo viva a memória, as lembranças e reflexões podem mudar, atenuando-se ou se acirrando.

6 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS HISTÓRIAS DE VIDA DE GLITTER E MIGUEL

Neste capítulo são apresentadas, analisadas e discutidas, à luz da literatura, as histórias de vida de Glitter e Miguel.

6.1 GLITTER

Glitter é um homem cisgênero, homossexual, branco e com 36 anos de idade. Nascido em Violeta (nome fictício) no interior do Estado do Rio Grande do Sul, com uma população de mais de 72 mil habitantes. Atualmente, trabalha como maquiador e vendedor em São Paulo. Ao longo da vida, Glitter teve muitas ocupações, após prestar o serviço militar obrigatório, ele trabalhou como auxiliar em salões de beleza e em uma borracharia, na redação de um jornal local de sua cidade natal, como lavador de carros em um posto de combustível em Porto Alegre e como vendedor em lojas de sapatos, roupas e eletrodomésticos, contudo, é como maquiador que Glitter se sente um profissional realizado.

A pobreza e a fome acompanharam a infância de Glitter, que relatou que embora morasse no centro da cidade de Violeta, por muitos anos, em sua casa não havia água encanada e energia elétrica. Com o passar do tempo esses recursos vieram a partir de ligações clandestinas, pois a sua família não detinha os recursos financeiros para custear tais serviços. Glitter narrou que dependia de doações de vizinhos para se vestir, se alimentar e obter materiais escolares, por exemplo. Os valores que o padrasto recebia como eletricitista eram gastos, em maior parte, com bebidas alcoólicas, restando pouco para o sustento da família, segundo Glitter.

Em relação ao seu núcleo familiar, Glitter relatou a falta de afeto por parte da mãe. Ela deu à luz a ele aos 15 anos de idade, o seu pai biológico não o assumiu como filho, sendo criado pelo padrasto. Glitter é o mais velho de três filhos, os irmãos são fruto do relacionamento da mãe com o padrasto. Glitter comentou que a mãe era muito rígida, as suas lembranças da infância são de momentos de ameaças, caso cometesse algum erro, tirasse notas baixas na escola ou não realizasse as atividades domésticas de casa, ele seria punido. O pesquisado disse que não possui recordações de afeto por parte da mãe. Apesar de o padrasto ter sido uma pessoa ríspida e, em diversos momentos, agressivo, ele conta que possui mais lembranças de carinho por parte desse do que pela mãe. Ele declarou que

sempre procurou ser um bom filho e estudante exemplar, tirava boas notas, ajudava em casa nas atividades do dia a dia e cuidava dos irmãos, “sempre tive que ser o correto, sempre tive que ser o perfeito, sempre tive que ser o mais educado, sempre tive que ser e caso eu não fosse, sempre era motivo de julgamento”.

Desde muito cedo, Glitter conviveu em um ambiente violento, com episódios frequentes de agressão verbal e física em casa, ele relatou que “tinha muita briga, muita discussão, sabe. Eu lembro de situações em que quando eu era pequenininho eu fui arremessado de uma cama e eu não tenho lembranças de carinho e afeto da minha mãe, do meu padrasto, enfim”. A falta de atenção e de cuidados por parte da mãe e do padrasto de Glitter estão presentes ao longo dos relatos. Glitter possui um certo ressentimento do padrasto, que segundo ele, não se comportava como um pai, sendo o oposto dos pais de seus amigos.

Ele tinha um comportamento que muitas vezes não era um comportamento que eu esperava de um pai e de uma pessoa que realmente tava me criando e que eu via dos meus amigos ser diferente, sabe. Os pais dos meus amigos serem atenciosos, trabalhadores, que proporcionavam coisas pros meus amigos e ali eu não tinha nada do meu padrasto, não provia nada dentro de casa. Era sempre uma questão de necessidade, dependendo de doação de vizinhos, de coisas de vizinhos para que a gente pudesse sobreviver mesmo morando na parte urbana da cidade. Então, tudo isso reverbera muito em mim, porque hoje eu sou um adulto que eu só quero ter o meu emprego, poder ter a minha paz e poder ser muito tranquilo (GLITTER, 2022, s.p).

Durante a infância, Glitter era visto como uma criança comportada e estudiosa, o que era entendido por muitos como um sinal de homossexualidade. A fala de Glitter vai ao encontro ao estudo de Willis (1977), que menciona que meninos e adolescentes que gostam de estudar são vistos como afeminados e/ou homossexuais. O pesquisado comentou que por ser uma criança comportada teve vantagens, como ir a peças de teatro acompanhando as amigas, o que não seria possível em razão da situação financeira de sua família.

Quando eu comecei a me entender por gente em relação a comportamentos e ter uma certa feminilidade nos jeitos e trejeitos quando pequeno, isso começou a reverberar muito em mim. Porque interior era muito gritante né, ou tu era o menino que era o espoleta, que era o que brincava com todo mundo na rua descalço, ou se tu fosse aquele menino que era mais quieto e que respeitava a mãe, tu era tido como viadinho, como um menino que ia ser o viado da galera né. [...] Eu na época de escola eu era o único menino da minha turma que podia frequentar as casas das meninas. Porque as mães se sentiam seguras, porque eu era aquele menino que era comportadinho (GLITTER, 2022, s.p).

Quando criança, Glitter tinha a responsabilidade de ajudar a mãe nas compras no mercado, a sua tarefa era calcular os valores dos itens, para que o dinheiro dado a sua mãe pelo padrasto fosse o suficiente para comprar o necessário. Havia a preocupação de que ocorresse constrangimento no caixa, caso ele errasse os cálculos. Glitter recordou como essa atividade se desenvolvia e a sensação de pertencimento que gerava.

Quando ele ganhava o dinheiro dele, ele chegava, ele dava pra minha mãe 50 reais e com aquele 50 reais ela tinha que se virar pra fazer toda a compra do mês. E eu ia com a minha mãe, como eu era um bom aluno, eu era a calculadora, então eu tinha que fazer todas as contas. Já tinha toda aquela pressão, olha só pra ti ver como é um efeito dominó. A minha mãe tinha pressão de fazer aquele dinheiro render todo o mês e eu tinha a obrigação de saber que aquele dinheiro ia dar porque eu tinha que fazer o cálculo. Então criava toda uma organização de pegar e somar um por um dos itens pra chegar ali e se não desse certo, se ela passasse vergonha, eu apanharia. Mas graças a Deus isso nunca aconteceu, sabe. Tinha uns 7 ou 8 anos por aí. Então eu sempre tive que fazer isso e eu gostava porque me sentia participando ali daquela coisa da família (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter comentou que sofria agressões por parte da mãe com recorrência: “qualquer coisa a minha mãe me batia, em relação aos meus irmãos eu fui o mais que ela bateu. Com os outros ela já tinha um certo cuidado, um certo carinho. Não sei se não era porque eu não era filho do marido dela na época e tal”. Para ele, o peso de ser o mais velho entre os irmãos e o filho de outro relacionamento era um dos motivos para as agressões e as constantes cobranças. Ele precisava ser um exemplo de bom filho e aluno na escola, como uma forma de compensar tais características. Glitter possuía muitas responsabilidades desde muito cedo. O pesquisado mencionou que sua mãe o criou com constantes ameaças de castigos físicos.

Tinha alguns momentos em que ele (o padrasto) me colocava no colo, que ele me dava carinho [...] o pouco que eu tive de carinho e atenção, foi mais da parte dele. Porque da minha mãe era só “tem que fazer isso, tem que fazer isso, não fez mais que a tua obrigação, tem que ir pro colégio, tem que não sei o que, porque tu não se comportou. Ah e vem aqui tal dia e se for pra algum lugar, tem que voltar em tal horário, se não respeitar, vai apanhar. Se não fizer tal coisa, vai apanhar”, sabe. Então sempre foi nessa educação, me ameaçando (GLITTER, 2022, s.p).

Durante a colheita da história de vida, Glitter contou que sofreu diversos abusos sexuais na infância e na adolescência, por parte de homens que tinham fácil acesso à sua família, como um primo, um pai de um amigo, que se autodeclarava o seu padrinho, e de amigos do padrasto. Ele comentou que a falta de afeto familiar e a fome o faziam acreditar que o abuso era algo positivo em muitos casos. Segundo Glitter, o toque daqueles homens

adultos, a atenção disfarçada de afeto e carinho que ele recebia, além de materiais escolares e comida, eram ferramentas utilizadas pelos abusadores que sabiam de sua realidade e, por isso, o seduziam com tais meios.

Um de seus abusadores era um primo que morava próximo a sua casa. Glitter contou que o primo pedia para que ele fosse até a sua casa para receber presentes, como livros e materiais escolares. Essas situações ocorriam quando Glitter tinha 7 anos de idade aproximadamente. Dessa forma, como sua família não tinha condições para comprar os materiais, ele aceitava o abuso, por imaginar que aquilo se tratasse de carinho. Hoje ele tem consciência do abuso sexual.

Glitter nunca teve contato com o pai biológico, não obstante, saber a sua identidade e que morava próximo de sua casa. A relação de pai e filho, Glitter, desenvolveu com o padrasto, apesar das agressões físicas e verbais. Mais tarde, quando iniciou as suas relações afetivo-sexuais, procurava se relacionar com homens mais velhos. Hoje, ele entende que isso ocorria por estar à procura de uma figura paterna.

Glitter compartilhou a experiência de cruzar com o pai biológico na rua, por acaso, e o ressentimento que tem pela falta de afeto paterno, que gerou consequências ao longo de sua vida. Destaca-se que, atualmente, há um aumento do número de crianças sem o registro paterno na certidão de nascimento (LUCCA, 2022), mesma situação vivenciada pelo pesquisado.

E um dia eu estava atravessando essa rua aqui e vem ele de carro. E ele sabia que a minha mãe morava ali, ele sabia que eu era o filho dele, porque o meu padrasto ia lá e conversava com ele e eles se conheciam e tudo o mais e tinham uma relação bacana. Só que quando eu tive essa experiência de ver ele vindo e eu olhar pra ele e ele simplesmente só fazer assim (virar o rosto) eu pensei assim ah então tá bom. Aquilo ali me marcou sabe, porque era como se eu fosse um estranho pra ele. Como se eu fosse uma pessoa totalmente diferente. Então eu não tenho a imagem de um pai, eu não tenho essa imagem paterna, sabe (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter, relatou que o padrasto bebia muito, que nos fins de semana chegava bêbado em casa e a família não sabia qual seria o seu estado de humor. Em muitas ocasiões, o padrasto brigava com todos e batia em Glitter e em seus irmãos. Em certa vez, o padrasto, ao chegar bêbado, contou ao pesquisado que não era o seu pai, Glitter, na inocência da criança, não tinha ainda consciência do que isso significava, falado de modo abrupto e inesperado pelo padrasto.

Após Glitter ingressar no Exército, ele pode começar a contribuir com o orçamento familiar, apesar de pouco, segundo ele, era o suficiente para que a família

pudesse se sustentar além do auxílio do padrasto. O pesquisado narrou que não suportava mais a presença do padrasto em casa, em função das constantes brigas.

O que aconteceu, esse meu padrasto sempre foi de brigar, sempre foi de quebrar as coisas, sempre foi de, de... sempre foi assim tudo de ruim pra casa. E quando eu tava no quartel, chegou um momento em que eu já estava ganhando o meu dinheiro, assim não era muito, mas dava pra ajudar a mãe. E a casa onde nós morávamos era da minha mãe e aquilo começou a me incomodar, sabe. Tipo assim, gente quem esse homem pensa que ele é, sabe (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter contou que certa vez, após chegar em casa do quartel, ele e o padrasto começaram a discutir, e ambos partiram para a agressão física. Durante a briga, o padrasto mencionou diversas vezes que Glitter era um “viadão” e que estava se achando um “hominho” por desafiá-lo, desqualificando o pesquisado em função de sua orientação sexual e comportamento.

Tu acha que isso é ser homem? “Tu vai sustentar a casa?” Aí começou uma discussão. Só sei que nós fomos para as vias de fato, a gente brigou, a gente foi por todos os cômodos da casa. A minha mãe jamais me imaginou naquela fúria. E eu lembro que a gente foi pro meu quarto, a gente brigou eu peguei o coturno e comecei a dar com aquilo nele e eu disse nossa eu não te aguento mais aqui dentro, tu é um peso morto, não sei porque que tu vive aqui. Tu tem que ir embora daqui de uma vez, eu não te aguento mais e tal (GLITTER, 2022, s.p).

De acordo com Glitter, a situação com o padrasto foi muito importante para que a mãe e os irmãos pudessem respeitá-lo. Os irmãos compreenderam que o pai não contribuía para as atividades da casa e não era uma boa referência para os filhos.

Bah, assim olha, eu até hoje não me reconheço com aquele comportamento. Só que aquilo ali tudo foi tão foi tão assim revelador pra minha mãe e pros meus irmãos que eles jamais imaginaram eu assim, “Bah o *Glitter* quebrou o pai a pau e não sei o que, ah isso aí”. E os meus irmãos começaram a ver o quanto ele era errado. Porque até então os meus irmãos endeusavam ele (GLITTER, 2022, s.p).

Observa-se que o tratamento dado aos filhos biológicos e que não performavam a feminilidade era diferente do recebido por Glitter. Conforme narrado, a saída de casa do padrasto de Glitter foi fundamental para que a família pudesse prosperar. O pesquisado, os irmãos e a mãe ficaram mais unidos, a mãe se sentia mais segura para trabalhar, além de financeiramente terem a possibilidade de comprar mais alimentos, entre outros itens considerados essenciais para a família, como um muro e uma cerca para evitar que o padrasto invadisse a casa.

O ambiente familiar de Glitter era constituído por violência, o abandono paterno, a falta de afeto da mãe e do padrasto, a escassez de itens básicos como água encanada, energia elétrica e saneamento básico, bem como alimentos. A família passava fome. A realidade do pesquisado é compartilhada por milhares de crianças brasileiras, como apontam os estudos de Marturano (2006); Reis; Prata; Parra (2018); Rosa Neto *et al.* (2020), tal situação acaba prejudicando no desenvolvimento cognitivo infantil e gerando dificuldades de aprendizagem na escola (MARTURANO, 1999), além de problemas emocionais, por vezes irreversíveis, resultantes de relacionamentos abusivos.

6.1.1 Relação entre Mãe e Filho

Glitter afirmou que entende que existia uma diferenciação entre ele e os irmãos, no que diz respeito ao tratamento de sua mãe. Ele acredita que a sua existência tenha sido um problema para a harmonia da família. O pesquisado, até hoje, sente a falta de afeto e proximidade da mãe, mas em seu discurso, destacou que todo o sofrimento que passou ao longo da vida fez com que formasse a sua identidade. Para ele, é importante que sua mãe saiba que ele se tornou um adulto independente: “por mais que a minha mãe tenha me criado com muita limitação, muita rigidez e tudo isso fez com que eu mostrasse pra ela que eu sei me cuidar, que eu sei fazer as coisas”. Atualmente, a relação de Glitter com a sua mãe é mais saudável, o pesquisado se vê como um conselheiro de sua mãe, “hoje eu sou muito mais o filho que dá conselhos pra ela”. O entrevistado reflete as suas relações em família.

Eu não sei se era pelo fato de que ele como pai dos meus dois irmãos e eu como o filho de um outro cara, ela não sentia meio que culpada por isso, sabe. Meio que assim, ela me via muito no meu pai, ela me via muito. Então muitas vezes talvez a angústia que ela tinha, aquela coisa da rejeição, ela descontava em mim (GLITTER, 2022, s.p).

Por muitos anos, Glitter alimentou um ressentimento com a mãe em razão da diferença de tratamento em relação aos irmãos. Hoje, ele diz ser algo superado.

Mas é que por que que pra mim as coisas eram muito difíceis, sabe? Por que que pra mim a cobrança era muito mais? Por que que eu tive que sofrer mais? Por que que pra mim as coisas eram mais difíceis? Por que que a maneira como ela pedia as coisas pra mim era diferente da maneira como ela pedia pros outros? E tanto é que eu dizia pra ela, nossa engraçado, né, que pra eles a senhora pede assim, ai se puder, se quiser, mas pra mim era assim, “vai agora, vai de costas pra eu achar que já tá voltando”. Quando eu comecei a ter mais consciência da diferença de tratamento, sabe. Pois é que estranho, né, ah e pra

mim as roupas, eram roupas que eu precisava da doação dos outros, né, dos meus colegas, dos meus primos (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter narrou sobre a experiência de falar pela primeira vez sobre a sua sexualidade com a sua mãe. O pesquisado não pretendia contar sobre a sua orientação sexual, contudo, em uma ocasião em que os seus amigos estavam em sua casa, enquanto ele estava ausente, acabaram falando sobre o assunto pensando que a mãe do pesquisado tivesse conhecimento sobre a sexualidade do filho. Os amigos contaram a Glitter o ocorrido, que resolveu retornar para casa, pois tinha receio da reação de sua mãe. Ao longo da vida ele ouvia que se fosse homossexual sofreria as consequências, tendo em vista que não seria tolerado. Entretanto, a mãe de Glitter o acolheu e disse que já sabia que o filho era *gay* e que ele seria respeitado.

Eu chego em casa e ela costurando e eu disse, oi mãe. E ela, “ah que que houve que voltou cedo e não sei o quê.” Ai não quis ficar. E ela assim, “tá então tá.” Mãe, olha só, não tem nada pra me falar? E ela, “não.” Ai tem certeza mãe? “Ué”. Ah, os guris não falaram nada pra senhora? “Ai, *Glitter*, eu já sabia.” Como assim, mãe? “Ai nada a ver.” E eu disse assim, ai mãe e agora? “E agora, nada.” E ela assim, “ah já me falaram uma vez assim, num tal lugar que eu tava e aí eu falei que eu preferia muito mais ter um filho viado do que ter um filho marginal, sabe. Do que ser uma mãe de porta de cadeia. Até uma vez eu briguei.” E eu, sério mãe que a senhora fez isso? E ela, “aham aham, já fiz sim e ela nunca mais falou nada (GLITTER, 2022, s.p).

O pesquisado comentou que sua mãe já desconfiava que ele fosse homossexual, em razão do fluxo de diferentes homens que o deixam de carro na frente de sua casa.

A minha mãe também me disse uma vez assim, que, como acontecia muito de conhecer outros caras pela rua, passando e tudo o mais, a minha mãe disse assim, “ah, *Glitter*, eu percebia que do nada tu se (risos) que quando tu vinha aqui nas camionetes que aquilo ali não era uma carona.” (risos) E eu ai mãe não sei nem um pouco ser discreta, né, tinha que dar o meu show. “Ah pois é, né, mas eu já sabia que tinha alguma coisa por trás” (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter lembrou que a reação de sua mãe e dos irmãos o deixou muito surpreso, pois todos o acolheram e disseram que estavam do seu lado. O pesquisado comentou que acredita que o fato de ter enfrentado o padrasto e de ser um bom filho e aluno, foram importantes para a boa receptividade de sua família. Glitter narrou a importância desse momento em sua história de vida.

Aí tinha os meus irmãos né, que também tavam junto nessa situação toda. Tá aí maninho, o que que tu tem pra me dizer? “Ai, *Glitter*, nada a ver, a vida é tua e tu faz o que quiser, não sei o quê.” Mas olha, quem diria? E eu acho que o fato de eu ter tido aquele comportamento de livrar eles de uma situação que

era ruim com o pai deles e a minha mãe também, fez com que eles meio que amenizassem essa coisa, sabe. E me vissem com outros olhos e entendessem algumas coisas (GLITTER, 2022, s.p).

O pesquisado disse que se surpreende, até hoje, com o carinho e afeto que os irmãos têm por ele, assim como pela relevância que tem em suas vidas. Glitter acredita que os irmãos o têm como inspiração, por ter saído de Violeta em busca de condições de vida melhores e mais confortáveis.

Eles me valorizam muito, os meus irmãos, eles têm assim, olha, um respeito enorme por mim que eu fico chocado. E um amor muitas vezes dito e expressado assim, em mensagem de telefone e até às vezes, das poucas vezes que a gente se vê, que eu fico muito impressionado da relevância que eu tenho na vida deles, sabe. De quem eu me tornei pra eles porque quando eu saí de casa, muita gente não acreditava, sabe. E aí a partir do momento que começou a dar certo e que começaram a ver as coisas minhas, eu comecei a me tornar um exemplo pra eles e assim (GLITTER, 2022, s.p).

O acolhimento familiar é fundamental para a maior parte dos indivíduos, quando se trata de pessoas não heterossexuais se torna ainda mais crucial para o desenvolvimento do sujeito (BRAGA *et al.*, 2018). O respeito e a aceitação do membro da família que foge do padrão heterossexual serão determinantes sobre os rumos que a vida da pessoa tomará, pois, em muitos casos, jovens são expulsos de casa ou submetidos a “tratamentos” de “cura gay” (GONÇALVES, 2019), por exemplo, assim como violentados e, em casos extremos, mortos pelos próprios pais ou familiares.

A violência pela qual as pessoas que não seguem o padrão social estabelecido sofrem pode ocorrer de diferentes formas. Além das ditas acima, há a violência verbal e a silenciosa, ou seja, quando os membros da família se calam e agem como se o dito nunca tivesse ocorrido, gerando um terror psicológico no indivíduo, na tentativa de apagar a revelação feita (GOMES COELHO; OLIEVIRA BARROS, 2021). O sujeito, ao decidir divulgar a sexualidade guardada secretamente, deseja esperançosamente, na maioria das vezes, que os familiares o acolham e o respeitem, pois, a violência sofrida fora de casa pode se tornar, de certa forma, menos dura, haja vista a possibilidade de segurança e refúgio que as relações familiares podem trazer (BRAGA *et al.*, 2018).

Em relação ao pesquisado, os familiares disseram já imaginar a sexualidade dele, tendo em vista a performance do comportamento feminino, pois associaram a feminilidade à homossexualidade, fato recorrente entre as pesquisas de Baydoun (2020); Cornejo (2011); Nonato (2020); Moura; Nascimento (2021). A mãe de Glitter disse ao filho já saber de sua sexualidade em razão de comentários de terceiros e a partir da

observação do comportamento do filho. Glitter mencionou a importância do respeito e aprovação da mãe e dos irmãos em relação a sua sexualidade, para o pesquisado a aceitação foi fundamental para o seu desenvolvimento pessoal.

6.1.2 Abusos Sexuais na Infância

Muitos foram os abusos sexuais sofridos por Glitter durante a infância, o pesquisado recordou quando tinha entre 7 e 8 anos de idade, o primo mais velho se aproveitava da inocência e das difíceis condições financeiras e afetivas de Glitter, para tocá-lo. O pesquisado disse que era recorrente que amigos de seu padrasto, ou alguma visita do gênero masculino, tentassem se aproveitar dele com alguma conotação sexual.

Só que eu criança, pequeno com 7, 8 anos sempre quando eu tava com um cara mais velho, independente de eu visitar um primo, independente de eu visitar um amigo do meu padrasto, ou de eu visitar quem fosse, sempre se aproveitavam de mim pra uma questão mais sexual. E eu lembro desse meu primo que a gente foi pescar, que desde pequenininho eu ia pra casa dele e aí como ele sempre era estudioso, eu tinha ele como uma referência né de estudo. E ele sempre tinha um livro velho, um caderno, alguma coisa e aí ele me levava pro quarto e me trazia aquele livro. E ali no que ele trazia aquele livro eu ficava entretido e tal e como eu não tinha carinho em casa, eu acho que esse momento que ele me dava alguma coisa e me chamava ali, eu achava que era uma atenção, que era um cuidado. Claro que depois de um bom tempo eu percebi que não era, né. E ele me abusava, ele me tocava, fazia um monte de coisa e tal. E aí eu muito criança, entretida ali deixava (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter narrou alguns casos de abuso sexual que sofreu de um amigo de seu padrasto. Conforme narrado, Glitter sempre foi cobrado por sua mãe para ser uma criança correta e respeitar os adultos, e enquanto criança, entendia que deveria se submeter a tudo que um adulto e próximo à sua família determinasse.

Isso foi totalmente assim, inesperado porque ele era um cara que ia visitar com a esposa e o filho dele, que era amigo dos meus irmãos. E aí num dia, no futebol assim com o meu padrasto, eu fui e eu acho que a mulher dele não tava, tava viajando, enfim, não sei, eu sentei no colo dele e ele começou a passar a mão nas minhas pernas. No que ele começou a passar a mão nas minhas pernas e tal, e ficou mais intenso aquilo, sabe, e eu meio que tirava a mão, meio que tirava a mão dele. Só que como eu sempre fui a pessoa que era a errada, que não podia errar, eu não podia fazer escândalo ou alguma coisa, sabe. Porque querendo ou não, ele era amigo do meu padrasto e ele era bem-visto, ele era alguém assim, sabe. Então aquilo eu tive que me submeter aquilo ali, sabe. E teve até uma situação que ele me levou no banheiro, ele foi mijar e pediu pra eu ir junto. E aí no que ele foi fazer a necessidade dele, ele me colocou de quatro e eu ali inocente, não sabia nada e tal. E aí do nada eu vejo uma pessoa em pé mijando e viu e a gente se levantou e saiu correndo, sabe. Até então aí tudo pra mim né, que ele mandou eu levantar, eu ia levantar, né, ele era adulto e eu era criança, né. Eu tava respeitando um adulto, por que o que que os pais

sempre dizem? Ah respeita os mais velhos, respeita os adultos. Ai tu tá com ele, respeita ele. Ou então eu sou submisso ao que ele me pedia, ao que ele quiseser. Quando tem isso, sabe, subentendido (GLITTER, 2022, s.p).

Em outros momentos, o mesmo amigo do padrasto de Glitter também aproveitou das circunstâncias para abusá-lo, como no caso narrado a seguir:

Também teve uma situação em que eu e os meus dois irmãos fomos pra casa dele e nisso os meus irmãos tavam brincando eu acho que com o filho dele, era uma casa enorme e aí ele tava muito na fissura porque ele meio que usou aquilo ali pra poder me ter por perto e aí ele pediu assim, “ah, *Glitter*, vem aqui, não sei o que, eu vou te mostrar uma coisa.” E aí nisso ele também me colocou de quatro na beira da cama e aí ele abaixou a minha calça e baixou a calça dele e quando ele começou a roçar em mim, o meu irmão do meio veio e no que ele pegou a gente no flagrante, ele disse assim, “ah eu tava vendo porque o *Glitter* disse que tinha uma formiga nele” (GLITTER, 2022, s.p).

Em outra ocasião, o mesmo abusador de Glitter na infância se aproveitou da situação de pobreza e fome de Glitter para abusá-lo. Conforme narrado, o pesquisado tinha certa consciência do que iria acontecer, mas como passava fome em casa e não tinha o básico para se alimentar, um prato de comida se tornava uma moeda de troca pelos abusos que sofria. No decorrer do recolhimento da história de vida de Glitter, muitos foram os casos em que o pesquisado aceitava se relacionar com outros homens, que segundo ele não o atraíam sexualmente, em troca de comida ou algum valor para comprar algo para a sua família. Cabe destacar que Glitter não entendia esses eventos de troca de sexo por dinheiro, como prostituição, mas sim como uma oportunidade de conseguir dinheiro rápido para ajudar em casa. O pesquisado inclusive mencionou que, na época, desconhecia a existência da prostituição entre os homens.

Ah teve amigos do meu padrasto que em questão de futebol ficava passando a perna em mim ou que queriam que eu fosse, que eu casasse com ele, isso eu tinha 8, 9 anos. Ele chegou a dizer assim “nossa, eu largo a minha mulher e fico contigo. Eu quero casar contigo” e eu saí correndo. [...] Mas aquele momento pra mim era importante, de ter o contato com ele, porque ele me tirava daquela situação da miséria, da necessidade de tá com a minha família, entende, com o meu padrasto. O que que ele me fazia, eu lembro até hoje da comida que ele fez na casa dele quando ele me levou e que ele disse assim, “*Glitter*, a gente vai viver juntos, a gente vai morar juntos, tu quer casar comigo?” assim, eu largo a minha família, eu tinha uns 8 pra 9 ou 9 pra 10. [...] E ele falou isso e ele fez o que, batata frita, arroz branco, um bife e salada de tomate. E quando eu tava comendo, eu mal terminei de comer e ele já me jogou na cama e aí começou a me agarrar, começou a me beijar, tirou a minha roupa e aí ele no devaneio de talvez ter tomado uma cerveja, ele se declara e diz isso. E eu até então saí correndo. E aí quando eu cheguei em casa, “ué, tu não ia dormir lá na casa do fulano?” E eu assim, ah mãe é que eu preferi voltar, preferi voltar, não quis ficar lá. Minha mãe não achou estranho, nem nada, sabe (GLITTER, 2022, s.p).

Durante a infância e o início da adolescência, Glitter limpava uma oficina mecânica, e lá um dos mecânicos abusava de Glitter, para ele, foram momentos muito traumáticos.

Ai também teve uma outra situação que pra mim foi muito traumático, muito, porque assim, sabe nessa oficina onde eu limpava? Tinha um cara [...] ele me prensava entre a porta do escritório e ele vinha tentar me agarrar. E eu ficava de costas pro vão da porta pra que ele não conseguisse me pegar. E ele vinha e passava a mão em mim. E no que ele passava a mão em mim, eu começava a ficar com nojo e me agachava e eu ficava sabe, assim, e quando ele via que alguém tava chegando, ele saía e eu rezava pra que alguém chegasse. Então isso me deixou muito, muito, porque ele era um cara nojento, nossa, muito nojento, muito nojento, muito nojento. [...] E eu acabei não indo mais na oficina, acabei não fazendo mais nada lá. Então essa foi uma situação que eu me lembro muito (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter também recordou que o sobrinho do dono da oficina também o abusava no local, além de se masturbar na frente de casa quando Glitter passava, convidando-o para entrar, Glitter se recusava a aceitar o convite.

Ai o sobrinho do dono da oficina, a gente se encontrava lá, às vezes nos fundos e tal. Também ele ia atrás de mim, sabe. Porque eu ia pegar o jornal velho pra fazer alguma coisa e ele ia atrás de mim. Ele se masturbava na frente da casa dele, sabe, e ele me chamava. [...] Este da oficina eu devia ter eu acho, os meus 9 pra 10 pra 11 (GLITTER, 2022, s.p).

O pesquisado comentou que em muitas situações ele aceitava se submeter aos abusos em razão de uma carência emocional, em consequência da falta de afeto em casa, e por não ter condições básicas para se alimentar dignamente, assim como por não ter objetos que pudessem trazer conforto, como televisão. Glitter se sentia na obrigação de retribuir de alguma forma. Segundo narrado, Glitter ouvia dos abusadores a seguinte frase como modo de seduzi-lo: “vem aqui que eu vou te dar um caderninho, não sei o que, pra ti brincar”.

A carência emocional e tinha também a carência de condição mesmo, sabe. Vamos supor assim, eu tava num lugar ali e aí o cara ia, muitas vezes eu comia e aí depois a gente ia pra cama, sabe. Ou então, vamos supor, eu ia assistir tv e parecia que eu tinha que pagar por tá assistindo tv, sabe. Fazendo alguma coisa (GLITTER, 2022, s.p).

Como visto, Glitter era uma criança com comportamentos femininos, e é possível questionar se os abusos sofridos tinham relação aos seus trejeitos femininos associados às condições precárias de sua vida, pois no decorrer dos encontros, o pesquisado não comentou se os seus irmãos também eram vítimas de abusos sexuais. Destaca-se que

Glitter sofreu abuso de diferentes pessoas ao longo de sua infância e adolescência, podendo a sua feminilidade ter sido um dos motivos alegados para a violação de seu corpo.

As dificuldades financeiras faziam com que Glitter desejasse estudar ou ter algum momento de diversão na casa de sua tia, mãe do primo que o abusava, aqui chamado de Caio (nome fictício). Os problemas em casa, como a falta de afeto ou itens básicos como comida, energia elétrica e água, faziam com que Glitter não sentisse vontade de estar em casa com a família, as dificuldades eram tantas que, segundo narrado, ele aceitava os abusos por momentos de lazer, afeto e pela possibilidade de se alimentar.

Eu lembro que eu odiava ficar em casa no final de semana porque eu não tinha TV. Eu não tinha luz, eu não tinha água, eu não tinha nada. Eu tinha que ficar de segunda a sexta porque eu tinha que estudar. E às vezes eu tinha que fazer o meu tema de casa ou algum trabalho à luz da vela. E aí a minha tia, essa que é do meu primo, tinha luz, tinha TV, tinha comida boa. Tinha um lugar que eu podia ficar quieto no meu canto e às vezes eu estudava lá também, levava os meus cadernos. Aí eu dizia pro meu padrasto, ah precisava tanto ir lá pra tia pra poder estudar, porque o *Caio* tem uns livros eu preciso pesquisar lá e tal (GLITTER, 2022, s.p).

O pesquisado rememorou que o momento em que saía de casa era de grande satisfação, pois não precisaria conviver com o padrasto bêbado e brigando com o restante da família. Para Glitter era um momento de felicidade e paz não precisar presenciar esses episódios.

Glitter comentou sobre às vezes que fez sexo por dinheiro, isso possibilitava que ele pudesse comprar um lanche na escola, por exemplo. O pesquisado não sentia prazer, mas via como uma oportunidade de ter dinheiro.

E até também eu já fiz sexo por dinheiro. De caras muitas vezes me pararem na rua, por às vezes talvez no meu caminhar, no meu jeito demonstrar [...] e eu acabava indo pro motel com os caras e os caras me davam dinheiro. E aquilo ali me ajudava pelo menos a comer um lanche no colégio, comprar algum material escolar, sabe. Então era tudo possibilidades. [...] Não era um prazer meu, era uma questão assim de uma oportunidade de ter dinheiro, sabe (GLITTER, 2022, s.p).

O pesquisado relatou que recebia dinheiro ou presentes em troca de sexo, mas que quando recebia presentes ele precisava explicar à sua mãe a procedência do objeto, por isso, ele preferia receber dinheiro em troca, pois não precisava dar muitas justificativas.

Cantón-Cortés; Cortés (2015), apontam que há uma série de consequências do abuso sexual infantil no curto e longo prazo. No curto prazo há questões psicológicas que

vão desde problemas somáticos, como dores de cabeça e dores de estômago, a atrasos no desenvolvimento, ansiedade e depressão, assim como conduta sexualizada da criança ou adolescente. Segundo os autores, os problemas externalizantes, como má conduta e agressões, também são mais presentes em crianças vítimas de abuso sexual, que entre as crianças que não sofreram. O baixo rendimento escolar e transtorno psicobiológicos — como desregulação do nível de cortisol, por exemplo — também são mais frequentes em crianças vítimas de abuso sexual. O sintoma de transtorno de estresse pós-traumático também é identificado em crianças e adolescentes que foram vítimas de abuso sexual. É comum constatar em adolescentes vítimas de abuso sexual questões como transtorno alimentar, consumo de drogas, condutas suicidas e auto lesivas, problemas físicos de saúde e conduta sexual de risco.

A longo prazo, de acordo com Berliner; Elliot (2002); Del Bianco; Tosta (2021), os adultos que sofreram abuso sexual na infância têm maior probabilidade de depressão, ansiedade e abaixa autoestima em relações gerais e/ou sexuais. Conforme Berliner; Elliot (2002), há uma probabilidade até cinco vezes maior que adultos vítimas de abuso sexual na infância sejam acometidos por fobias, transtorno de pânico e transtorno obsessivo compulsivo (TOC). A pesquisa de Cantón-Cortés; Cortés (2015), relaciona o abuso de drogas e álcool em adultos vítimas de abuso sexual na infância, assim como condutas agressivas e criminosas. De acordo com Grassi-Oliveira; Stein (2008); Colomby (2016), maus-tratos e/ou abuso sexual na infância podem realizar uma reprogramação do cérebro e do sistema imunológico da criança, facilitando a contração do HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) e/ou de outros vírus, por exemplo, como é o caso de Glitter, soropositivo ao HIV.

6.1.3 Fome e Pobreza

Glitter foi questionado sobre algum trauma que tenha até hoje, para ele, a fome e a questão financeira foram experiências que o marcam: “acho que talvez um trauma de passar fome, talvez um trauma de não ter dinheiro”. O pesquisado relatou que criou estratégias para conseguir usufruir de um certo conforto, como a sua família não possuía condições financeiras, e em sua casa não havia um aparelho de televisão, Glitter fazia amizade com os vizinhos para assistir novelas em suas casas.

Porque o meu padrasto ele não tinha uma renda fixa, sabe. Então muitas vezes a gente ficava sempre dependendo da ajuda de tios e da ajuda de muita gente

pra poder ter alguma coisa, sabe. E muitas das vezes o que que eu fazia, como eu sempre circulei muito entre os vizinhos, quando eu tinha uma certa idade, eu gostava muito de televisão e eu não tinha televisão em casa, então eu assistia televisão aonde? Na casa dos vizinhos. E aí chegou uma época em que eu assistia a novela das 6, novelas enfim, eu adorava muito. E aí eu ia pra casa da minha vizinha (GLITTER, 2022, s.p).

Durante a infância e a adolescência, Glitter criou instrumentos para acabar com a sua fome. O pesquisado relatou que procurava alguma forma de ter um assunto em comum com as vizinhas, para que pudesse entrar em suas casas e fazer pequenas faxinas nas residências em troca de alimento, assim como assistir algum programa de televisão.

E eu ia buscar cachaça pro meu padrasto nos botecos e dependendo de alguns botecos, tinha jornais, revistas, correios e eu sempre gostava de ler o resumo das novelas. Então quando eu sabia de alguma novidade, era uma maneira de eu ter um assunto com a minha vizinha, dela me convidar pra assistir a novela com ela. E ao mesmo tempo em que tinha esse período de assistir a novela, era o período do café da tarde. E quando eu ia mais cedo, eu muitas vezes ajudava ela assim, ah vizinha vou lavar a louça pra senhora, “ai então tá bom, pode me ajudar”, ai eu vou passar uma vassoura na escada que tá suja, “ah faz favor”, ah vizinha, eu vou passar um pano aqui. Então eu limpava, fazia faxina pra ela, limpava o banheiro, fazia um monte de coisa e acabava conversando com ela. [...] Mas assim, ao mesmo tempo eu criei ferramentas pra que eu não passasse fome, sabe (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter narrou que roubava presunto e queijo de uma vizinha com melhores condições de vida, pois em sua casa não havia tais itens. O pesquisado possui uma memória afetiva dos alimentos e pratos que tinha a oportunidade de comer na casa da vizinha. Segundo relatado, essa doava alguns alimentos para a família de Glitter.

E aí tinha momentos assim, em que eu roubava queijo e presunto dela porque a minha mãe só comprava e eu só comia mortadela. Quando tinha, o pão que eu comia era amanhecido dela, sabe, que ela comprava e depois ela dava pra nós. Também às vezes bife, carne mesmo assim boa, que eu fui começar a comer na casa dela. Eu conheci atum porque ela fazia um [...] purê, purê de batata e colocava atum. Era maravilhoso, pra mim aquilo ali era assim, delicioso. E ela tinha um tempero muito bom. Então a gente acabava sempre comendo a comida dela. Os bifes dela eram bifes de primeira, sabe, que eu lembro até hoje que eram tudo batidinho assim, nossa (GLITTER, 2022, s.p).

O pesquisado narrou que ficou conhecido por se alimentar na casa de vizinhos: “eu era chamado de louco de fome porque eu ia pra casa dos outros pra comer”, ele se oferecia para lavar louças ou capinar os pátios dos vizinhos em troca de comida. Glitter contou que se dedicava aos estudos na escola, e que durante o período de férias, procurava meios de adquirir os materiais escolares. Além de receber parte do antigo material dos filhos de uma vizinha, o pesquisado se oferecia para limpar banheiros em troca de algum

valor, que pudesse somar e adquirir o que precisava para o próximo ano letivo. O pesquisado comentou que sua mãe não comprava materiais para ele, somente para os irmãos e, por isso, precisava buscar alternativas para continuar os estudos.

Pra cada banheiro que eu limpava, cada vez que eu limpava o banheiro do escritório, eu ganhava 5 reais. E aí durante as férias eu juntava dinheiro equivalente aos cadernos que eu precisava pra poder estudar no outro ano. E eu pensava assim, nossa eu acho que eu preciso de cadernos, de 5,7 cadernos e eu ganhava os cadernos antigos dos filhos dessa minha vizinha, de capa dura, e juntava todas as folhas e fazia um grande. E eu pegava as molas, encapava, fazia tudo do meu jeito. [...] Eu sempre comprei o meu material escolar. Quando aconteceu de eu não conseguir, teve um ano que tinha um vizinho que ele foi lá e eu pensei assim, ah, seu *Pedro* [nome fictício], se o senhor puder me ajudar, eu tô juntando dinheiro pra comprar material escolar e aí todas as vezes que eu fazia alguma coisa ele me dava 50 centavos, me dava 2 reais. Ou ajudava os vizinhos a carregar compras e me dava 50 centavos e eu juntava com esse dinheiro. E aí quando eu falei pra ele que eu não tava conseguindo juntar, ele disse assim, “*Glitter*, vai amanhã lá no escritório pela manhã, que a gente vai agilizar esse negócio do material escolar pra ti.” E aí ele me deu o material escolar, sabe, pra poder estudar. Então era uma das coisas que motivava, sabe, porque era difícil eu ter o material pra estudar, então, por que que eu não ia me dedicar? Então eu sempre tive essa luta constante em ter as minhas coisas (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter foi questionado sobre como se sentia ao precisar encontrar maneiras para adquirir os seus materiais escolares, enquanto a sua mãe comprava ou pedia para terceiros que a ajudassem com os itens dos demais filhos. O pesquisado ficou emocionado ao refletir sobre a pergunta.

Então, agora tu me falando meio que me deu uma vontade de chorar, sabe. Mas eu fazia aquilo ali pra não ser mais um peso pra ela, sabe. Então quando ela conseguia pra eles, eu ficava feliz. Porque ela pedia, “ah olha só fulana, tu consegue pra mim pra poder comprar o material do *Luis* [nome fictício] e do *Plínio* [nome fictício].” e eu dizia, mãe, deixa que eu me viro, compra o dos guris, dá um jeito aí e tal. Porque era mais uma despesa pra eles (GLITTER, 2022, s.p).

Desde muito cedo, Glitter tinha consciência sobre a sua condição social, na infância, quando se alimentava na casa de vizinhos ele compreendia que fazendo aquele ato, estaria ajudando a sua família, pois os demais membros poderiam comer a sua parte da refeição. O pesquisado lembrou que a sua mãe deixava de comer para que os filhos pudessem se alimentar. Glitter também recordou que havia um desconforto e ressentimento pelo fato de o padrasto trabalhar, mas não prover a família. Destaca-se também, a memória afetiva do pesquisado em relação a determinados tipos de alimentos que a mãe preparava, considerados simples, mas que na situação financeira da família, eram tidos como especiais.

Então se eu já tivesse jantado, sobrava mais comida pra eles. E muitas vezes a minha mãe deixava de comer, pra gente poder comer, sabe. Muitas vezes o nosso café da tarde, o nosso café, era o que, era o café, a cevada coada e aí a gente fazia mingau com farinha de mandioca, torrava, era maravilhoso, nossa, uma delícia. Quando ela fazia umas massinhas assim então, tipo massa de pastel caseiro, e ela fritava aquilo ali e a gente comia, nossa, lambendo os beiços, sabe. Tinha rosquinha também, era, nossa a gente tava riquíssimo, era incrível. Mas aí eu me sentia assim, que tudo que eu podia fazer pra amenizar pra ela essa dificuldade, porque eu sentia o sofrimento dela pelo meu padrasto não poder ajudar dentro de casa. Eu tava tomando consciência daquilo ali, sabe. Tipo, nossa, ele é meu pai e ele trabalha, mas ele não traz dinheiro pra dentro de casa, tá sempre passando necessidade, o que que tá acontecendo, sabe (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter lembrou dos preconceitos que sofria, conforme narrado, “a masculinidade muitas vezes era enfiada goela abaixo”, em todos os lugares que frequentava, ele recebia incentivos para performar a masculinidade, em casa, na escola, com amigos e parentes. O pesquisado rememorou que, apesar da pobreza e das dificuldades em que vivia, possuía gostos e comportamentos que não eram bem-vistos entre os familiares, pois, segundo eles, não condiziam com a sua realidade social. Segundo Arnot (2007, p. 22), “ao adquirir formas linguísticas e culturais dominantes, o que está em causa não é apenas a acusação de deslealdade de classe, mas também a negação ou o repúdio da sexualidade masculina definida em termos da virilidade, beligerância e assertividade”.

Era horrível. Era muito horrível. Nossa, o preconceito direto. [...] E até teve uma situação que assim, como eu fui, como eu sempre fui um menino mais assim, comportadinho, o mais limpinho de todos, o mais ajeitadinho do cabelinho lambidinho, o que sentava todo comportadinho, pela minha educação rígida da minha mãe, sabe, que tinha que controlar a respiração e tudo o mais, todo o mundo me via e eu comecei a ter alguns gostos mais peculiares pra algumas coisas, vamos supor assim, ah eu do frango, eu não comia a pele do frango. Então eu era considerado como um metido. Aí eu não comia carne gorda, eu não comia a parte gorda da carne. Embora o viado não tinha carne pra comer, mas quando ele tinha, ele não queria comer a parte gorda. E aí eu fazia caras e bocas de nojo, sabe, meio assim meio pedante e tudo o mais. Então eu tinha um tio que sempre me chamava de granfino, “ah, chegou o granfino”. E aquilo ali pra mim, ele tentava me ofender, mas na verdade pra mim era um elogio, mal sabia ele que eu me tornei assim, a gay, né (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter já pensou em trabalhar como garoto de programa, contudo, ele acreditava que teria pouca clientela por ser passivo no sexo anal, pois esse é desvalorizado dentre a população *gay*, a fala do pesquisado vai ao encontro com as pesquisas de Rodrigues; Rodrigues (2022); Santos (2021) sobre a prostituição masculina e os estereótipos e preconceitos que tais profissionais vivenciam no mercado do sexo no Brasil.

Eu acho também o que, que o fato de eu ser um gay passivo, faz com que eu não tenha tanto mercado, tá. Eu acho que o mercado pra isso seria mais os ativos. E aí isso sempre talvez seja uma coisa que me limitou, sabe. E assim, eu não tinha antes essa estética que eu tinha antes. Eu não tinha os recursos pra ter essa estética hoje, sabe. Porque eu comecei a colocar aparelho, daí eu fui pra academia e tal. E assim, eu sempre tive um emprego corretinho, sabe. Eu sempre tive oportunidades. Porque eu acho que Deus sempre foi me dando assim, eu não preciso disso, eu tenho um trabalho aqui, olha só como tão te valorizando aqui, sabe, olha o quanto tu pode conquistar fazendo isso (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter narrou que a fome e as dificuldades financeiras que enfrentou desde a infância impactaram a sua vida adulta. O pesquisado acredita que a sua feminilidade o permitiu transitar em ambientes, onde pessoas de sua classe social não costumam estar. Atualmente, Glitter compreende que três questões são fundamentais para o bem-estar em sua vida: “um bom lugar pra morar, ter paz e um trabalho”. Destaca-se a centralidade do trabalho na vida do pesquisado.

Sempre desde pequeno eu fui, eu tive esse degrau a mais, sabe. Porque eu vim de uma família que era muito humilde, eu passei fome, eu passei necessidade. Não tinha luz, não tinha água e eu morava na cidade, digamos assim, morava num bairro e aí a minha família não tinha condições. A gente fazia gato de água e de luz. A gente tinha que encher garrafas pet, um monte de coisa. Mas aí quando eu comecei a conquistar as minhas coisas e aí percebe que eu *Glitter*, eu era mais aceito nos lugares e muitas vezes conhecer pessoas de nível de sociedade, pelo que eu era, por como eu me comportava, por como eu me apresentava, digamos assim, pela educação que a minha mãe me deu, eu pensei assim, eu não preciso ter coisas, sabe (GLITTER, 2022, s.p).

Durante parte da pandemia, Glitter morou em um *co-living* (moradia compartilhada), nesse período, ele refletiu sobre as suas conquistas, conforme narrado, apesar de não possuir muitas posses, o pesquisado relatou que tudo que havia em seu quarto era fruto de seu trabalho, e que foi através do trabalho que ele pode passar por aquele momento com uma certa segurança, em relação a outros grupos de trabalhadores. Glitter destacou que já sofreu preconceito por pertencer à classe baixa.

Eu tava no meu quarto com a minha tv, na minha cama, com o meu guarda-roupa, pequenininho, mas eu sabia que tudo aquilo ali eram conquistas minhas e que o fato de eu estar ali, assistindo a minha tv seja a hora que for, no momento que for, era o que eu estava querendo fazer. Era a minha paz e que ninguém ia roubar e que eu estava trabalhando pra aquilo, sabe. E que o fato de eu ter aquilo ou não, não me fazia melhor e nem pior que todo mundo. E aí a partir do momento em que eu comecei a entender em que eu sendo o *Glitter*, mais íntegro, independente de posses, eu conseguia circular em vários lugares, mas não era por questões de posses. Mas assim, até um certo período da minha vida eu sofria preconceito por isso, por não poder ter condições de ir em alguns lugares (GLITTER, 2022, s.p).

A fome e a pobreza acompanharam Glitter durante a infância e a adolescência, o pesquisado define as experiências como traumáticas, tendo em vista a dificuldade de acesso a recursos básicos, como energia elétrica e água encanada, além dos obstáculos que a falta desses recursos gerava em seu aprendizado na escola. O pesquisado narrou que durante anos precisou estudar à luz de velas. Glitter destacou que se sentia inferior ao ver seus colegas, amigos e vizinhos com melhores condições de vida em comparação a ele.

Posto o sofrimento em consequência da fome e da pobreza, o trabalho se tornou um meio de transformação, ascensão social e emancipação ao pesquisado. O trabalho possui centralidade em sua vida, sendo um gerador de qualidade de vida. Conforme narrado, é a partir do trabalho que Glitter busca realizar seus objetivos e não voltar a viver nas mesmas condições do passado, do mesmo modo que com os efeitos da pobreza e da fome, ressalta-se que o seu pensamento é semelhante ao encontrado na pesquisa de Vieira (2017) que trata sobre trabalho e pobreza no Brasil, a partir dos relatos dos pesquisados, pessoas pobres e com baixo nível de escolaridade que mencionam o papel central do trabalho em suas vidas, assim como a importância da educação formal para atingirem melhores postos de trabalho.

6.1.4 Feminilidade: Glitter

O pesquisado narrou como se sentia quando alguma pessoa percebia a sua feminilidade: “Eu me sentia descoberto, sabe, revelado. Nossa, eu não tô sendo discreto, eu não tô sendo o *Glitter* eu tenho que me esconder mais”. Glitter ouvia muitas ofensas em razão de sua feminilidade, como: “Ai, viadinho, bichinha, frutinha, macio, essas coisas, sabe.”

Durante os encontros, Glitter comentou que já sofreu muitos episódios de violência na rua, tanto no interior como na capital do estado, segundo ele, era recorrente ouvir xingamentos por parte dos motoristas, como “bicha”, “veado”¹ entre outras expressões pejorativas ligadas aos homossexuais. Atualmente, esses atos de preconceito reduziram, conforme ele mencionou. Glitter acredita que tais atos gratuitos de violência têm relação ao modo pelo qual ele anda e se veste. Segundo narrado, Glitter já fez o uso de roupas consideradas femininas, mas majoritariamente usa roupas masculinas, e quando

¹ A expressão veado (modo formal) e viado (modo coloquial) será utilizada como sinônimo, haja vista as falas dos pesquisados e da maneira dita em geral.

usa alguma peça feminina e/ou caminha sem vigiar, acaba recebendo olhares ou ouvindo comentários.

Ao longo dos encontros, Glitter se apresentava com roupas entendidas como masculinas, todavia, ressalta-se a vez em que o pesquisado foi ao local do encontro – um *shopping center* – com a jaqueta de sua amiga, a peça chamava a atenção por ser colorida. Ao acompanhá-lo até a saída, era inevitável perceber alguns olhares que Glitter recebia em função de sua roupa, fato que não ocorreu nos demais encontros em que ele usou roupas masculinas. Um dos olhares que recebeu o deixou constrangido, um homem ao perceber a forma como Glitter estava, foi até ele e elogiou a sua jaqueta, mudando o seu humor.

Após ser questionado sobre como compreendia a sua feminilidade, Glitter, inicialmente, manifestou que não se entendia como uma pessoa afeminada, porém, ao longo de sua fala, o pesquisado percebeu que desde a infância possuía comportamentos considerados femininos.

Olha, eu não me considerava afeminado assim, mas eu me sentia muito retraído. E isso me fazia ter um comportamento diferente dos demais meninos né, que eram sempre mais impulsivos, muito mais agitados e tudo o mais. Mas eu lembro de ter alguns momentos, assim referências em que eu sozinho, eu tipo pegava a gola da camiseta e jogava atrás do ombro e fazia umas posições mais femininas. Dançava escondido no quarto. Ham, quando eu ia pro banheiro eu fazia tipo aquelas cenas de sabonete, de comercial de sabonete, de creme hidratante (risos) e de aparelho de depilação (risos). Então, eu era afeminado (risos). Desculpa, (risos). Ai gente, que engraçado (GLITTER, 2022, s.p).

Em relação à sua feminilidade, Glitter a entende como um dualismo: força e vulnerabilidade. O pesquisado ainda relatou que precisa “engolir” aqueles que não se interessam por homens afeminados, por se tratar de preferências pessoais. A fala de Glitter é compartilhada pelos pesquisados de Nonato (2020); Baydoun (2020) que mencionam ser recorrente, em aplicativos de relacionamento, o discurso de parte dos usuários de que não estão interessados em homens afeminados, preferindo homens com comportamento masculinizado.

Eu vejo como uma força, sabe. Uma força, mas às vezes dependendo das circunstâncias do caso se for pra me envolver assim, às vezes é uma certa vulnerabilidade, né. Porque como querendo ou não, vamos supor, tem um cara que te interessa no aplicativo e ele não gosta de afeminado, ele diz assim, “ah me desculpem os afeminados, mas é uma questão de gosto”, sabe. E eu tenho que engolir (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter comentou que quando inicia uma conversa com outro homem através de um aplicativo de relacionamento, frequentemente o é solicitado que envie um áudio, segundo o pesquisado, “é óbvio que é um teste pra saber se a minha voz é afeminada ou não”. A prática é comum nas relações que se iniciam por meio de aplicativos. Conforme Glitter, “tem caras que assim, se tu tiver a voz afeminada, eu não quero. Ou se tiver trejeitos afeminados, eu não quero”, a fala do pesquisado também é encontrada nos trabalhos de Baydoun (2020); Medeiros (2017); Nogueira (2020); Nonato (2020), os quais os pesquisados relataram sofrer preconceito por performarem a feminilidade, inclusive, em muitos casos, serem bloqueados ao terem a feminilidade “descoberta”, ouvindo o discurso recorrente de que se gostassem do feminino, ficariam com mulheres, tais falas causam grande desconforto aos homens *gays* afeminados.

Glitter foi questionado se percebia a existência de estereótipos em relação aos homens afeminados, afirmando que existem muitos, entre eles, a fragilidade, a submissão e a delicadeza. Destaca-se que essas características são compreendidas na maior parte das relações do pesquisado, como nos relacionamentos com colegas de trabalho, amigos e parceiros amorosos. Para Glitter, essa submissão tem relação com a feminilidade, como se espera que uma mulher seja frágil e delicada, o mesmo é esperado dos homens que possuem comportamento afeminado, a fala tem relação com o discurso heteronormativo e patriarcal, que subjuga o feminino e as mulheres.

Muito, muito, muito, muito, muito. Porque eu acho que muitas vezes tu ser afeminado, o fato de ser afeminado, muitas vezes vem voltado ao fato de ser, ter uma questão mais feminina, mais mulher e aí volta pra aquela coisa que tá intrínseca, eu acho no fato de nós sermos homens, que é assim, a mulher é frágil, sabe. A mulher é submissa e aí se tu é um homem gay afeminado, tu acaba se tornando frágil, submisso, delicado, vulnerável e muitas vezes se a tua feminilidade é muito utilizada na relação sexual, torna algo pra ti ser submisso. E aí então às vezes eu fico chocado com tudo isso, sabe (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter foi questionado se nos relacionamentos afetivos que teve, os parceiros se comportavam de maneira máscula e se esses buscavam dominá-lo sexualmente e/ou nas atividades rotineiros do casal. A resposta foi afirmativa. Para a maioria dos relacionamentos que o pesquisado já teve, para ele, a sua feminilidade está diretamente ligada à dualidade dominador e submisso.

Na maioria das vezes. Então eu fico muito nessa situação assim, do tipo, como eu sou mais delicado, eu sou mais assim, cuidadoso, querendo ou não, tenho algumas atitudes mais afeminadas e tudo o mais, ou até no jeito de falar e tudo

o mais, então muitas das vezes eles acabam me envolvendo nisso e eu buscando essa proteção, essa imagem masculina, essa imagem forte pra me proteger, eu acabo me deixando entrar nessa vibe aí, sabe. Então eu acabo me submetendo a essa submissão também. [...] Mas em questão de sexo é muito assim, no sexo submisso total, mas em alguns momentos, até inclusive teve alguns caras que quando eu transei, eu pensei assim, que eles diziam assim, “nossa, eu gosto de dominar, eu gosto de ser o não sei o que, tananam, tananam” (GLITTER, 2022, s.p).

Sexualmente, Glitter contou que a maioria dos parceiros procuram dominá-lo. O pesquisado acredita que isso ocorra em consequência de sua feminilidade. Os homens com quem se relaciona, procuram uma delicadeza e fragilidade, essas compreendidas através de seu comportamento feminino. Conforme narrado, “eles querem uma pessoa que seja totalmente submissa. Eu acho que pra se reafirmar, sabe, nessa situação. Eu te falo mais no sexo, sabe, porque eu não tive uma relação pra conviver com alguém”.

A partir de suas relações sexuais, Glitter acredita que os parceiros se atraíam pelo dualismo do masculino e feminino, o pesquisado crê que os homens com quem se envolvia buscavam essa característica: “muito das vezes eles gostam dessa coisa que parece masculino, mas que tem esse toque feminino, sabe. Porque querendo ou não, eles gostam muitas vezes, os homens ativos no caso, dessa questão de ser o macho alfa, da proteção e tudo o mais”.

O pesquisado comentou que certa vez uma pessoa o definiu como uma “poc padrão”, ou seja, a combinação da fragilidade e feminilidade da “bicha poc” (extravagante e alegre), com o conjunto de um corpo padrão (sarado ou definido), característica do *gay* padrão, destaca-se, segundo a definição, a feminilidade de Glitter era compreendida como algo vulnerável e frágil, indo ao encontro com a percepção social de que o feminino seja inferior ao masculino.

Mas até inclusive teve um menino que eu conheci em São Paulo, que ele disse assim, “nossa, *Glitter*, eu gosto muito do teu estilo, sabe.” Porque assim, e ele até me redefiniu com uma expressão que eu jamais tinha escutado. Ele disse assim, “eu gosto muito do teu estilo, sabe, que assim, ah olhando na rua parece um boyzinho padrão, meio malhadinho e tal e não sei o que, e hominho e tal. Mas aí depois a gente conversa e a gente percebe que tem essa vulnerabilidade de ser meio afeminado e também ser delicado e tudo o mais”, e que ele disse assim, “ah que eu defino como uma poc padrão, sabe.” Que a poc nada mais é do que aquela bichinha espalhafatosa e que não tem medo de nada e tudo o mais. Mas que à primeira vista parece um *gay* padrão, sabe (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter foi questionado sobre o que entendia por um homem afeminado. O pesquisado falou sobre a possibilidade de ser livre e não precisar moldar o comportamento

para se adaptar aos ambientes onde transita. Frisa-se que Glitter comentou que há muitos estereótipos do homem afeminado, dentre eles a posição sexual. Visto como frágil e submisso, conforme narrado, boa parte das pessoas acreditam que sexualmente, o homem afeminado *gay* seja passivo/receptor no sexo anal.

Ah um homem afeminado pra mim, é um homem que é livre de qualquer assim, de qualquer limite, entende. Pra ser, pra pensar, pra agir, pra vestir, sabe. [...] Muitas vezes existe ainda esse preconceito no mundo gay que as afeminadas, na maioria das vezes, são passivas no sexo. E é totalmente às vezes, ao contrário. E que muitas vezes as padrões, as que são as Barbies, as que são as fortes, são as ativas. Porque a gente tem esse estereótipo do homem forte ser o varão e aquela mais delicada, afeminada ser a submissa. E muitas vezes não, é totalmente diferente. E eu já tive essas experiências (GLITTER, 2022, s.p).

Ao longo do recolhimento da história de vida de Glitter, ele mencionou ter comportamentos masculinos, contudo, após reflexões e comentários de pessoas próximas, ele compreendeu que possui trejeitos e/ou características femininas. O método de História de Vida é valioso, pois possibilita essa reflexão do pesquisado durante os encontros (GRANATO; LOPES; COSTA, 2020). Glitter disse que a sua feminilidade não o incomoda e que inclusive serve para que terceiros não tenham dúvida de sua homossexualidade. Para o pesquisado, o seu comportamento feminino tem relação com a sua orientação sexual.

Eu me visto, eu me porto assim, como um cara sabe, como masculino. Mas é aquela coisa, às vezes a gente tem situações e trejeitos e comportamentos que é tão natural pra mim, que eu não acho que é tão afeminado, não acho que é problema. Mas as pessoas dizem, “nossa, *Glitter*, de longe assim, um boy maravilhoso, mas abriu a boca tem um ninho de gato aí.” Aí bobagem, é sobre isso que eu não quero deixar dúvida pra pessoa, sobre a minha sexualidade. Eu quero que ela tenha certeza que eu sou gay e não ficar com esse papinho, “ah será que é?” Não, ele é, ele é ao cubo, sabe. Não tenha dúvidas, não sou bicha fake (GLITTER, 2022, s.p).

A partir da declaração acima, entende-se que a autoimagem de Glitter difere de como as pessoas o veem, o que pode ter relação com a sua matriz familiar autoritária, que o exigia a performance masculinizada desde a infância, sendo reprimido qualquer comportamento feminilizado que ele tivesse.

Durante o período em que trabalhou no posto de gasolina em Porto Alegre, Glitter mencionou que precisou ter muito cuidado para não demonstrar a sua feminilidade no trabalho. Por se tratar de um ambiente masculinizado, o pesquisado entendia que era necessário reprimir o seu comportamento para evitar algum assédio ou a perda do emprego. Segundo narrado, Glitter escondia a sua identidade feminina e procurava se

dedicar e demonstrar comprometimento, de modo a amenizar quando a sua feminilidade ficasse mais exposta aos colegas e empregadores.

Como era posto de combustível, eram só homens, aí então eu tive que ficar bem quieto na minha. Eu tive que lá de novo resgatar o *Glitter* que precisava comprovar que era bom em várias coisas pra aquele lado feminino dele não se sobressaísse e pra que não ficasse uma coisa pesada. Então eu tive que trazer isso de novo. Então eu tinha uma motivação no meu trabalho, muita dedicação, muito comprometimento, pra que depois eu pudesse trazer quando eu me sentisse confortável e isso não se tornar um empecilho pra mim. E foi exatamente isso que aconteceu porque daí eu comecei a ser mais visto entende, porque “ah o *Glitter* é mais educado, ah o *Glitter* tem cuidado com isso, o *Glitter* tem não sei o que, sabe” (GLITTER, 2022, s.p).

O pesquisado narrou que em seu último trabalho em Porto Alegre, a empregadora, sócia da amiga de *Glitter* que ofereceu o emprego, não tinha interesse em contratá-lo, pois ela não queria um homem na equipe. Após a insistência da amiga de *Glitter*, a sócia aceitou fazer um período de teste. Segundo narrado, as clientes aprovaram o modo de atendimento de *Glitter*. Ele acredita que a sua feminilidade foi benéfica nessa situação. O pesquisado comentou que a empregadora é uma pessoa muito preconceituosa, não aceitando pessoas negras e gordas para o atendimento ao público da loja.

Na primeira semana muita cliente disse assim, “nossa que menino querido, nossa que bom que agora vocês têm um menino aqui.” Aí tinha uma pessoa que já me conhecia e disse assim, “ah que bom que tu tá aqui e tal não sei o quê.” Então foi muito mais positivo a aceitação. Foi muito mais assim, tanto que ela disse “nossa, as clientes estão te amando, estão te adorando, tão só elogio e não sei o que.” Até ela, porque até então ela era preconceituosa, vamos supor assim tipo com negros e tudo o mais. Gordo, sabe. Tem umas pessoas que trabalham lá que assim, pra área comercial da loja dela, ela não aceita que seja nesse biotipo (GLITTER, 2022, s.p).

O processo de compreensão gradual da própria feminilidade de *Glitter* foi realizado a partir de comentários de pessoas próximas e da autorreflexão do pesquisado sobre si. De acordo com *Glitter*, há pontos negativos e positivos em seu comportamento. Entre os negativos estão os episódios de violência que já vivenciou, como insultos de desconhecidos pela rua e agressão física sofrida na juventude, a necessidade de performar um comportamento que não é de sua identidade para se manter empregado, assim como as recusas de possíveis parceiros amorosos e/ou sexuais por não se sentirem atraídos por homens afeminados. Em relação aos pontos positivos de sua feminilidade, *Glitter* mencionou a possibilidade de se comportar conforme a sua identidade, sem causar dúvidas sobre a sua sexualidade, da mesma maneira que permitir o ingresso em determinados postos de trabalho.

Vale destacar que, consoante com o apontado nos estudos de Baydoun (2020); Lopes (2017); Moura; Nascimento; Barros (2020); Nonato (2020) existe uma grande discriminação dos *gays* não afeminados em relação aos *gays* afeminados, fortalecendo a violência contra esses sujeitos. Segundo Glitter, é comum ser rejeitado em aplicativos de relacionamento em consequência de sua feminilidade. Ressalta-se, ainda, que, conforme dito, há uma série de estereótipos que homens afeminados apresentam, como a fragilidade, a submissão, a vulnerabilidade e a sensibilidade no que tange ao comportamento desses sujeitos e a questão das preferências sexuais, ou seja, como se todos os *gays* afeminados fossem passivos/receptores durante o sexo anal.

6.1.5 Período no Exército

Aos dezoito anos, Glitter ingressou no serviço militar, para ele foi um momento de muito crescimento pessoal e profissional. Contou que em função de viver em um ambiente familiar hostil, o período no Exército não era muito diferente das vivências que tinha em casa. Ele relatou que procurava performar a masculinidade e esconder a sua feminilidade, pois tinha receio de ser repreendido. Em diversas situações os colegas e superiores faziam piadas sobre o seu jeito de andar e modo de falar. Glitter comentou que se relacionou com alguns colegas dentro do quartel, e que sabia de histórias em que os superiores participavam de orgias sexuais com outros soldados.

Glitter lembrou que sua mãe tinha um discurso recorrente em que dizia que o filho somente seria digno de respeito ou um “homem de verdade”, após passar pelo período do serviço militar obrigatório. Desse modo, o pesquisado comentou que essa fala de sua mãe, o acompanhou durante anos, entendendo que esse momento de sua vida seria essencial para o seu crescimento, além de merecer o respeito e consideração da mãe e alcançar a liberdade que objetivava. Glitter comentou que também ouvia do padrasto sobre a importância do serviço militar para se tornar um homem.

Que a minha mãe sempre dizia, tu só vai se governar quando for pro exército, quando não sei o que, quando tu for pro quartel. Então eu pra mim, me submeti a ter que passar por essa experiência pra ela poder ver o quão responsável eu era ou quão eu era merecedor da confiança dela, além de tudo o que eu já tinha feito pra que realmente eu tivesse a minha liberdade (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter narrou que durante o período no Exército ele ouviu de um sargento que deveria “tomar jeito de homem” em razão de seus trejeitos, que durante algumas situações

em que “desmunhecava” era motivo de chacota e piadas dos colegas e repreendido pelos superiores. Por outro lado, o pesquisado comentou que a sua oratória e facilidade com a leitura o beneficiaram, tornando-se o orador de sua Companhia.

O período no Exército foi algo bem divisor de águas pra mim. Mas eu lembro que, eu sofri algum preconceito lá? Ah sofri sim, porque eu fui fazer um exercício de ordem unida que é com armas e tudo o mais e eu acho que meio que eu dei uma desmunhecada. (risos) E aí o sargento na época assim “toma jeito de homem, soldado”. Teve também um momento em que eu fui responder uma pergunta e aí como tinha que falar bradando, com uma voz um pouco mais impostada, eu esqueci e aí eu dei uma desmunhecada muito legal, muito legal. E aí virou alvo de chacota pros coleguinhas (GLITTER, 2022, s.p).

Para Glitter, o período no serviço militar foi revelador. Ele acreditava que sofreria muito, todavia, segundo relatado, a sua educação familiar foi muito similar à experiência que teve no Exército. O pesquisado comentou que ele e seus colegas passaram por muita pressão psicológica, havendo muitos casos de danos à saúde mental dos recrutas.

A minha experiência no Exército foi bem reveladora. Porque quando eu tava no Exército, eu imaginei que eu fosse sofrer muito, muito, muito, muito. Porque na verdade eu não sofri tanto, porque a minha educação já foi como se fosse o Exército. Então eu acabei tirando de letra. Tinha muita pressão psicológica, muita pressão psicológica, os meus coleguinhas, nossa, eu tive um colega que ele ficou mudo. Que ele ficou assim, durante todo o período ele não falava com ninguém. Tive colegas que se rebelaram, tive colegas que foram presos (GLITTER, 2022, s.p).

Observa-se que a mãe de Glitter, com toda a falta de carinho, pode ter o ajudado em sua formação, no que tange a momentos de dificuldade enfrentados por ele, como no Exército, por exemplo. Evidencia-se que, atualmente, o pesquisado reconhece a educação dada por sua mãe e se diz grato, pois se considera uma pessoa mais forte e resiliente aos problemas que enfrenta durante a vida.

O pesquisado lembrou que havia muito companheirismo entre os colegas, o que deixava a experiência militar menos penosa, entretanto, a pressão psicológica feita aos membros da companhia foi vista como uma surpresa negativa.

Nós tínhamos um companheirismo muito bacana com os colegas assim, ali do quartel e tudo o mais, que a gente ria muito. Então eu acho que o fato da gente ter essa leveza de levar as coisas, fez com que não se tornasse tão maçante pra mim. Claro que o fato de ter a pressão psicológica foi algo que eu fiquei muito chocado (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter recordou os envolvimento que teve com colegas do Exército. O pesquisado ficou surpreso, pois, para ele, o ambiente militar era visto como um local onde

os homens eram majoritariamente heterossexuais e masculinizados. O pesquisado se envolveu com diversos colegas, conforme dito.

Tive alguns envolvimento com alguns coleguinhas e tal [...] eu fiquei chocado porque o Exército pra mim era uma coisa que era muito casto e que jamais pudesse acontecer. Tanto que de todas as vezes em que eu comentei com você assim, ah porque que em todos os lugares em que eu vou, onde tem um homem mais velho, eu acabava sempre sendo o objeto de desejo sexual. Eu sempre tinha uma oportunidade de ter um toque ou alguma coisa assim e no quartel não foi diferente. No quartel teve um colega que uma vez eu tava massageando ele e tal e aí ele foi pedindo pra descer, pra descer, pra descer e aí quando eu vi, aconteceu. Aí teve uma outra situação em que um colega, a gente tava sentado no banco e nisso a gente tava meio que brincando com as mãos assim e aí quando eu vi a gente tava ali e a gente acabou ficando depois em outro momento. Teve uma situação em que um outro colega também que a gente ficou que foi, eu tava de serviço e ele não estava, ele foi embora porque ele morava na cidade e aí ele voltou e a gente ficou entre os armários, sabe. Aí teve outras situações que foram dois soldados que daí queriam que eu ficasse com os dois ao mesmo tempo e aí eu não quis. [...] Aí depois teve uma situação que foi meio de madrugada que foi troca de posto na guarda assim e tal e que também aconteceu. Depois teve situação assim que meio de brincadeira com o coleguinha e outro também ficava meio subentendido e aconteceu também de ficar com o outro menino. E teve um que uma vez nós saímos do quartel e aí fomos pra casa dele e acabamos ficando na casa dele. Então eu tive muitas histórias (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter comentou que percebia como transgressor os relacionamentos amorosos e sexuais que teve com colegas do Exército. Ele acreditava que fosse algo impossível, contudo, o pesquisado narrou que, além das suas experiências, soube de diversas histórias que envolviam superiores e subordinados em casos sexuais.

Ao mesmo tempo em que eu achava transgressor, eu achava assim, tipo uma afronta, sabe. Porque eu pensava assim, ah nem tudo é impossível. E eu fiquei sabendo também de uma outra história de um outro amigo que também era gay, que era o maninho, que na época em que ele serviu, ele fez pior que eu. Tanto que ele tinha contato dos sargentos e tudo o mais e ele organizava pequenas orgias na casa dele. E o que acontece nessas orgias, iam os tenentes e tudo o mais, os sargentos e ele tinha os sargentos na palma da mão. Então ele podia fazer o que ele bem quisesse porque ele sabia dos podres de todo mundo (GLITTER, 2022, s.p).

Segundo Glitter, os jovens que vão à Violeta para prestar serviço militar e que estão compreendendo a sua identidade de gênero e orientação sexual têm a oportunidade de conhecer e se relacionar com pessoas que provavelmente, em suas cidades de origem não fosse possível, tendo em vista o receio da repressão familiar e/ou social.

Vai muito soldado, vai muito menino da região da Serra, de outras regiões, que vão pra lá pra poder servir. E aí eles não conhecem muitas pessoas e aí quando eles vão na praça, eles acabam fazendo muita amizade com as travestis. E junto com as travestis, tem os gays. E aí nisso tudo, quem tem a sua sexualidade um

pouco mais a florada, um pouco mais próxima, esclarecida com tudo isso, ou nem, somente por aquela função ali, aquela brincadeira, eles acabam se permitindo (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter lembrou que frequentemente ouvia que deveria “tomar jeito de homem” em razão dos seus comportamentos, gesticulações, modo de falar e andar. Além disso, os colegas faziam piadas em referência a sua feminilidade. O pesquisado relatou que não se importava, mas que procurava evitar alguma perseguição, por isso, procurava ser o primeiro a tomar banho e a realizar outras atividades, como organizar a sua cama.

Ah teve sim, “ah toma jeito de homem, Glitter, não sei o que”. Ah meu Deus do céu. Tinham musiquinhas dos meus colegas que faziam comigo direto e eu achava engraçado, sabe. Os colegas tudo pelado, sabe, fazendo coisas e eu ah meu pai. Eu era o primeiro a levantar pra não ter que ficar arrumando cama, tomava banho primeiro também (GLITTER, 2022, s.p).

Observa-se que o período que prestou serviço militar obrigatório foi marcado por diferentes experiências. A vivência no Exército se tornou menos penosa que havia imaginado, apesar da pressão que ele e os colegas recebiam dos superiores. Além disso, haja vista o cansaço das atividades, o pesquisado se desfez de toda a sua vaidade, o ritmo de trabalho e a exaustão faziam o esquecer dos cuidados que tinha com o cabelo, por exemplo.

Além da pressão física e psicológica que Glitter teve durante as atividades militares, o pesquisado precisava se fiscalizar para não agir de forma feminina, procurando conter seus movimentos e engrossar a voz, fazendo com que ele precisasse se controlar todo o tempo. Recebe destaque o fato de o pesquisado ter se envolvido afetiva e sexualmente com alguns colegas de sua Companhia, o que gerou muita curiosidade no pesquisado, pois esse acreditava que o Exército era um ambiente totalmente masculinizado e que não haveria nenhuma forma de relações homoafetivas, homossexuais e/ou homoeróticas.

6.1.6 Trabalho: medos, frustrações e realização

Glitter relatou que possui receio em empreender na maquiagem como trabalhador autônomo, pois procura estabilidade e segurança através de trabalhos com registro em carteira. Ao mesmo tempo, a falta de coragem para empreender o frustra, pois Glitter acredita que a maquiagem poderia trazer uma vida mais confortável e maiores rendimentos. Ele está com dificuldade de permanecer em postos de trabalho desde quando

saiu da empresa *X* em 2020, uma multinacional de cosméticos, voltada para produtos de maquiagem e beleza, Glitter trabalhou durante seis anos na organização.

Eu gosto muito da maquiagem, aprendi tudo na *X* quando eu trabalhei. Mas assim, como as coisas sempre foram difíceis pra mim e tal, eu sempre busco alguma coisa mais segura, sabe, tipo um trabalho de carteira assinada. Eu tenho assim um certo receio de empreender nisso e poder apostar muitas fichas. Tanto é que hoje eu tava pensando nisso, por que que eu não vou atrás, por que que eu não busco isso? Me sinto tão realizado fazendo isso, porque que não pode dar certo, sabe? Se eu coloco toda a minha boa vontade, eu coloco ali o meu amor naquilo ali, sabe. Então parece que tá engatinhando, sabe. E eu tô assim, patinando em várias coisas da minha vida nesse mundo depois que eu saí da *X* eu não consigo me fixar em nada. Mas eu sempre tenho o objetivo de ficar na maquiagem (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter estava trabalhando como vendedor, em diferentes momentos, durante os encontros, ele destacou que não estava feliz com os rumos que a sua trajetória profissional estava tomando, após a saída da empresa *X*. O pesquisado não permanece por muito tempo nos empregos que consegue, frustrando-se com as atividades, colegas, perspectiva de carreira e falta de oportunidades de crescimento profissional, por exemplo. O pesquisado narrou que “eu tenho um emprego, mas não é o que eu gosto. Não é o que me realiza”.

Glitter comentou que havia recebido uma quantia considerável para trabalhar durante duas horas como maquiador, para ele, além de ser uma atividade que o realiza, é algo que o remunera de modo justo. O pesquisado destacou que precisa criar coragem para empreender em seu sonho profissional e se arriscar, embora a instabilidade cause receios. Glitter frisou que precisa planejar a sua carreira como maquiador, traçando objetivos, pois fica muito ansioso com as perspectivas de trabalho neste setor: "agora no sábado eu fiz uma maquiagem e em duas horas eu ganhei 400 reais. E eu pensei assim, gente, nossa eu preciso demais disso, muito mais. E eu fiquei tão feliz fazendo aquilo ali, que eu fiquei gente, é disso aí, é disso que eu quero, sabe”.

O pesquisado narrou que a sua experiência de trabalho na *X* foi determinante para a construção de sua identidade pessoal e profissional, em certas circunstâncias, Glitter se via como um sujeito “mal-educado”, “grosseiro”, “ríspido”, com um “jeito extravagante”, o que segundo ele, é compreendido como um estereótipo *gay* — indo ao encontro da pesquisa de Hancock; Clarke; Arnold (2020), que estudou os estereótipos das ocupações levando em consideração a orientação sexual dos sujeitos, que de acordo com a pesquisa, ocupações como cabeleireiro, maquiador e organizador de eventos são relacionadas aos homossexuais masculinos, pois exigem criatividade, espontaneidade, atrevimento e

extravagância, por exemplo — o que o prejudicava no trabalho. O pesquisado recebia seguidos retornos de seus colegas e chefias sobre o comportamento que expressava no trabalho. Conforme dito, Glitter teve uma boa experiência na *X*, tornando-se uma pessoa criativa, artística, organizada e empática.

Na *X* eu aprendi a entender o que o outro deseja, a ouvir mais as pessoas, a me colocar no lugar das pessoas, a tentar cuidar das palavras que eu vou dizer pra muitas vezes propor a minha opinião, propor alguma coisa. Porque antes disso, eu era uma pessoa que eu tinha o meu jeito extravagante, o meu jeito mais ousado, o meu jeito engraçado, mas muitas vezes soava agressivo e ofensivo pras pessoas. Porque na maioria das vezes o estereótipo gay, é assim. Ai eu sou um homem gay, que é espalhafatoso, que tem opinião formada sobre tudo, que acha que pode impor pra todo mundo e pode dizer de qualquer jeito e que a maioria vai pra uma plateia pra achar lindo e maravilhoso. Só que na verdade não, eu tô sendo mal-educado, eu tô sendo grosseiro, eu tô sendo ríspido, sabe. Tu tá sendo desrespeitoso e inúmeros dos meus feedbacks que eu tive na *X* foram muito sobre algumas questões disso, sabe. Que daí eu dei graças a Deus porque eu tive a oportunidade de melhorar e as pessoas foram acreditando em mim, ali, no meu potencial, que daí eu fui moldando, sabe, eu fui moldando a minha personalidade. E eu disse assim, gente, mas, não é legal ser assim, sabe (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter rememorou que sofreu perseguição por parte de sua chefia imediata, conforme o trecho narrado a seguir: “eu sabia que ela queria achar um erro. Só que assim, a partir do momento em que ela não achava um erro profissional, ela queria muitas vezes achar um erro pessoal”. O pesquisado contou que se dedicava ao trabalho, procurava agradar as clientes e, por isso, era reconhecido por essas pessoas, o que o incentivava a permanecer desempenhando o seu trabalho de maneira adequada.

Glitter relembrou que durante o período em que trabalhou na empresa *X*, participou de todos os cursos de formação de maquiador que lhe foi ofertado, e que, inclusive, lecionou cursos para outros profissionais do ramo. Lembra ainda que, ainda trabalhando na empresa *X*, decidiu se candidatar para uma vaga na cidade de São Paulo, todavia, após passar por todas as etapas do processo seletivo interno da organização, o pesquisado não conseguiu ser transferido. Glitter ficou decepcionado, pois tinha o objetivo de crescer profissionalmente na *X* e de se mudar para São Paulo. Ele acreditava que suas chances de êxito eram grandes, mas a negativa lhe causou insatisfação. Meses após o processo seletivo que participou, o pesquisado foi demitido.

Após a demissão, Glitter decidiu se mudar para São Paulo, assim que chegou à cidade, ele começou a trabalhar em uma loja de perfumaria e maquiagem, o pesquisado permaneceu na empresa durante três meses, segundo ele, a organização geral do trabalho, em relação à *X*, era precária e, por isso, decidiu pedir demissão. O pesquisado relatou que

pretendia se demitir antes do período de experiência, entretanto, a boa relação com os colegas foi decisiva para continuar. Glitter pediu demissão poucos dias antes do Natal de 2021, o alto movimento de clientes, a baixa remuneração e o plano de carreira considerado irrisório, foram questões decisivas para o seu desligamento. Outrossim, horas antes do pedido de demissão, uma colega havia informado que estava se demitindo, a decisão dessa incentivou Glitter a fazer o mesmo.

Após a demissão na loja de perfumaria e maquiagem, Glitter iniciou o ano de 2022 como vendedor em uma loja de roupas situada em uma rua de comércio de luxo na cidade de São Paulo. O pesquisado trabalhou durante dois meses na organização, durante esse período, ele teve alguns embates com sua chefia imediata, o que foi determinante para a sua não permanência. Glitter não concordava com o modo que sua chefe gerenciava a loja, e em algumas situações, fazia questão de expor a sua insatisfação a todos.

Só que aí a gente começou a bater de frente em questão de como ela lidava com as situações assim, do dia a dia. Ela chegava com as caixas e jogava e a gente tinha que adivinhar que tinha que fazer tal coisa. E eu disse assim, então *Rita* [nome fictício] eu queria entender como que é os procedimentos, como é que tem que fazer as coisas, porque assim, é difícil tu simplesmente chegar aqui e jogar as coisas e a gente ter que, através assim, achar pelo óbvio, que tem que fazer tal coisa. Mas assim, conhecendo um pouco que te conheço, existe o padrão *Rita*. E eu não quero ter que fazer as coisas repetidas, se tu não me explicar pela primeira vez (GLITTER, 2022, s.p).

Em 2022, antes de se mudar novamente para São Paulo, Glitter estava trabalhando como vendedor de roupas, na modalidade de pessoa jurídica, em uma loja de Porto Alegre em que a sua amiga e colega de apartamento é uma das proprietárias. O pesquisado comentou que a experiência estava o desagradando, gerando angústia, cansaço físico e emocional, e estresse. Glitter relatou que o trabalho como vendedor aumentava a sua vontade de trabalhar como maquiador. No período de recolhimento da sua história de vida, Glitter precisou desabar com a sua amiga e chefe sobre o momento de frustração que estava vivenciando na empresa.

Eu disse ai amiga, não deu, e aí no que eu comecei a falar assim, não dá mais pra mim, eu comecei, comecei a chorar, comecei a chorar e eu disse amiga, eu não aguento mais, eu não aguento mais, não suporto mais aqui. Eu não quero mais isso pra minha vida, eu não quero isso pra minha vida. Eu fico aqui angustiado, eu fico estressado, eu fico tenso, eu fico toda a hora me sentindo mal. Não é um ambiente saudável pra mim, sabe, tá me fazendo muito mal. Eu tô tendo que reviver coisas que eu não queria reviver antes. Eu tô começando a ter atitudes que eu tinha antes e que eu já tinha superado, sabe. Eu não quero isso pra mim. E assim, em lágrimas, sabe (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter comentou que a resposta da amiga e chefe não o agradou, pois demonstrava uma certa desqualificação pelo sofrimento vivido. O pesquisado reforçou que o trabalho como vendedor de artigos de vestuário aumentava o desejo de viver da maquiagem.

Só que assim, quando tu tá num momento de vulnerabilidade, as pessoas, elas querem muitas vezes dizer que já passou por tudo aquilo ali. E eu não quero saber se tu passou por isso. Eu só quero que tu me entenda e cala a boca, entende. Eu não quero saber se tu passou dez vezes pior o que eu tô passando. É isso o que eu tô passando. Agora se tu passou e superou, isso é um problema teu. Eu estou passando por aquilo e eu não quero mais viver isso, respeita, entende? Aí eu falei pra ela, eu não quero isso, eu quero viver da maquiagem, eu quero poder tranquilo, maquiando, sabe? (GLITTER, 2022, s.p).

O pesquisado relatou também que estava se sentindo esgotado por desempenhar trabalhos que não o realizam. A maior parte das ocupações de Glitter era como vendedor. Em relação ao trabalho e à sexualidade, Glitter lembrou que, ao chegar em Porto Alegre, começou a trabalhar fazendo faxina em casas. O pesquisado comentou que estava disposto a realizar qualquer tipo de trabalho. Segundo narrado, Glitter vivenciou uma situação inusitada, após se relacionar com um casal *gay*. Ele foi questionado se conhecia alguém que trabalhava fazendo faxina, o pesquisado se ofereceu para o trabalho, conforme o relato, “de terceiro elemento eu virei a faxineira do casal”.

Logo que eu vim aqui pra Porto Alegre, eu comecei a fazer faxina e aí uma faxina que eu fui fazer foi na casa de um casal *gay*. Lá em Ipanema, nossa, me arrependi assim, amargamente de ter ido fazer aquela faxina. Eu fui pra ficar com eles e aí, nisso era um sexo a três e tudo o mais e nisso um deles disse assim, “ah, *Glitter*, tu não conhece aí ninguém, uma tia tua que queira fazer faxina aqui em casa? [...] E aí nisso tudo, eu disse assim, ah mas eu faço. “Ah tu faz, *Glitter*? Ai, imagina que lindo, tu aqui só de shortinho fazendo faxina pra nós. Ai eu vou ficar louco. [...] E aí eu ia nas minhas folgas. E aí no que eu fui nas minhas folgas, eu comecei a limpar e comecei a limpar e tudo o mais. E a gente ficou meio amigo e tudo o mais e acabou que eu acabei não fazendo mais. Mas foi uma das outras situações em que eu tive um relacionamento a três e aí teve essa situação assim, muito diferente (GLITTER, 2022, s.p).

O trabalho possui centralidade na vida de Glitter. Ele é um meio emancipatório, o qual o pesquisado busca atingir os seus objetivos profissionais e pessoais. Glitter já desempenhou inúmeras atividades laborais, majoritariamente como vendedor em lojas de roupas, sapatos e eletrodomésticos, contudo, foi através da oportunidade de trabalhar em uma grande rede multinacional de cosméticos que ele teve a possibilidade de mudar de carreira e se sentir realizado com o seu trabalho, além de atingir ganhos superiores as demais atividades que já havia exercido. Glitter permaneceu por seis anos nesta organização. Ao longo dos encontros, era perceptível o tamanho da frustração de Glitter

com os antigos trabalhos e com o atual, de vendedor em uma loja de roupas. Quando recordava os trabalhos como maquiador, Glitter demonstrava entusiasmo e esperança de realização profissional.

No último encontro presencial da colheita de sua história de vida, ele estava partindo de Porto Alegre, dias antes ele havia recebido uma proposta de emprego na cidade de São Paulo, para trabalhar como vendedor em uma loja de cosméticos. Ele estava muito contente com a possibilidade de retornar à área que sempre gostou.

Após não conseguir a promoção que tanto deseja na *X*, Glitter iniciou um processo de angústia e sofrimento no trabalho, a falta de reconhecimento o deixou abalado emocionalmente, culminando em sua demissão da organização. Destaca-se, que o trabalho na *X* foi determinante para a constituição de sua identidade como sujeito trabalhador, e a sua saída da organização foi decisiva para o agravamento do sofrimento que já vinha passando. A partir de então, o pesquisado permaneceu por curtos períodos em organizações que não o realizavam profissionalmente e não o permitiam avançar em sua carreira. A precariedade nas relações de trabalho gerou grande frustração em Glitter. O processo de sofrimento é comum em trabalhadores demitidos, ou empregados, mas sem oportunidade de crescimento, o que acaba afetando a saúde mental do sujeito (DEJOURS, 2015).

Os conflitos no trabalhado também foram fonte de angústia ao pesquisado, pois implicaram em sua desistência de algumas vagas de trabalho, fato comum entre trabalhadores que vivenciam semelhante experiência no trabalho (VIEIRA, 2014). A falta de reconhecimento também é entendida como fonte de sofrimento no trabalho, tendo em vista a dedicação despendida, muitas vezes, em vão pelos trabalhadores (DEJOURS, 1996).

A insegurança no trabalho e o receio de empreender em um negócio próprio, faz com que Glitter fique frustrado consigo, contudo, o passado pobre faz com que o pesquisado tenha receio em arriscar em um trabalho autônomo e sem estabilidade, preferindo ocupações as quais o trabalho seja registrado em carteira, com plano de carreira e todos os direitos trabalhistas e previdenciários inclusos, comum entre grande parte dos trabalhadores brasileiros, sobretudo, os mais pobres e de baixa escolaridade (GONDIM *et al.*, 2005).

Por fim, ressalta-se que o pesquisado se sente realizado ao exercer o trabalho como maquiador, para ele, além de ser uma atividade prazerosa, tanto a ele, quanto à clientela, é uma ocupação que o remunera de forma adequada. A realização, o reconhecimento, a

cooperação entre os pares, a autonomia, a organização do trabalho e a qualidade de vida nas relações de trabalho são essenciais para a saúde mental do trabalhador, minimizando o sofrimento e buscando tornar a atividade mais prazerosa ao indivíduo (MORAES; VASCONCELOS; CUNHA, 2012).

6.1.7 Violência nas Relações de Trabalho

Durante o recolhimento de sua história de vida, Glitter narrou mais de uma vez sobre como uma situação de preconceito na *X* o marcou. O pesquisado contou que fazia o uso de um batom vermelho como a sua marca registrada no trabalho, sendo o seu modo de identificação próprio na organização. Enquanto atendia uma cliente, um homem que acompanhava a esposa fez um comentário que deixou Glitter muito abalado. Segundo o pesquisado, a fala preconceituosa o fez sofrer, por ser feita em seu local de trabalho e em um ambiente onde ele se sentia protegido e respeitado, pelos colegas e clientes. Para Glitter, o batom não é exclusivo do gênero feminino, e pode ser usado por quem se sentir à vontade com o produto. Conforme narrado, o pesquisado não deixou de fazer uso de seu batom vermelho ou outro tipo de maquiagem, todavia, o episódio foi fonte de grande sofrimento, em virtude do ambiente onde foi cometido: o trabalho.

Então, nesse episódio eu tava, era eu acho, um sábado, dia de muito fluxo e aí os nossos atendimentos eram sempre espalhafatosos e tudo o mais e tal. E aí nisso tinha esse cara acompanhando uma outra cliente que tava sendo atendida por uma outra colega, e aí nisso eu falei, ah eu tô usando esse vermelho aqui e não sei o quê. E ele, “ui, que lindo, não sei o quê.” Mas assim com um tom sabe, de preconceito. E aquilo ali ficou marcado, sabe, em mim, pelo fato de nossa, eu trabalho num negócio de maquiagem, tô usando um negócio aqui, pra que esse tipo de coisa, sabe. E aí continuei atendendo, não deixei aquilo ali me balançar. Mas foi um episódio que realmente me marcou muito, sabe, em relação a isso (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter lembrou de casos de preconceito em que colegas foram vítimas, como de clientes que se recusavam a ser atendidas por homens ou por homens maquiados, por exemplo.

Mas teve situações que um colega meu sofreu uma discriminação bem séria lá dentro. Ele tava fazendo a maquiagem e aí a cliente não queria ser atendida por ele e tudo o mais. Assim como também já teve clientes que meio que faziam algumas menções que não queriam ser atendidas por menino maquiado, sabe e tudo o mais (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter relatou casos de assédio sexual em dois ambientes de trabalho. O primeiro episódio ocorreu quando trabalhou como auxiliar em uma borracharia, ele lembra que um dos funcionários o prensou entre uma parede e a porta e o tocava por todo o corpo, ele comentou que sentiu muito nojo e raiva da situação. No segundo caso, o pesquisado relembrou que sofreu assédio sexual, quando trabalhou em um jornal de sua cidade natal, ele desempenhava diversas atividades, dentre elas a limpeza das instalações. Glitter contou que conhecia o assediador — o editor-chefe da redação — antes de ingressar na organização, e que foi esse que ofereceu o emprego a ele. Por isso, o pesquisado disse que ficava subentendido que deveria se submeter ao assédio como forma de agradecimento e de se manter no emprego. Em diversos momentos o assediador trancava a porta e coagia Glitter a manter relações sexuais com ele sob pena de demissão, como precisava do trabalho, Glitter se submetia ao assédio, apesar de em diversas ocasiões tentar se esquivar do assediador: "perto de ir embora, ele se achegava, vinha fazendo carinho e tudo o mais, sabe. 'Ai vamo ali e não sei o quê'. E eu aí, não acredito nisso. E aí como eu tava precisando de trabalho eu me submeti aquilo ali, naquela atual circunstância".

O assédio sexual é um exemplo de violência no ambiente de trabalho, ele diz respeito a atos de violação, importunação, ameaças e chantagem por parte de superiores ou colegas (MELO; JERÔNIMO, 2018). A desqualificação da vítima faz parte do ambiente criado pelo assediador sexual, que a intimida e constrange, em muitas situações. Nos casos em que a pessoa assediada divulga a situação de violência sexual, o agressor age de modo dissimulado e culpabiliza a vítima, dizendo-se seduzido por essa. A maior parte das vítimas são mulheres, tendo em vista o pensamento machista que entende a mulher como um objeto, não sendo digna de respeito (FREITAS, 2001).

Enquanto trabalhou como vendedor em uma loja de eletrodomésticos, Glitter relatou que sofria assédio moral dos colegas homens, segundo narrado, ele desenvolveu estratégias de confronto como forma de amenizar o sofrimento.

Eu penava horrores com os machos de lá. Muita, muita coisa, muita brincadeira, sabe, homofóbica. Muita brincadeira assim, sabe, que eu dava no meio, eu revidava, sabe. Eu revidava as brincadeiras assim, que as pessoas, que os mais velhos de lá com 30 anos e tal que era aqueles caras mais velhos, malandrão que achavam que podiam brincar e que tinham aquela fama de brincar com tudo e todos e com todo mundo. E constranger todo mundo, eu revidava e aí os novatos diziam "bah, como é que tu consegue deixar o fulano vermelho, tu consegue deixar o fulano constrangido? Nunca ninguém conseguiu isso, sempre ele que faz as piadinhas." E eu, pois é né, tô macaco velho. Então eu conseguia revidar, sabe (GLITTER, 2022, s.p).

O assédio moral pode ser compreendido como os atos perversos que atingem a integridade física e psíquica do indivíduo. As ocorrências podem ser caracterizadas por gestos, falas e atitudes desrespeitosas e abusivas que acontecem com frequência e de modo intencional (HIRIGOYEN, 1998; PATRIOTA *et al.*, 2020). A frequência das ações afasta a possibilidade de o(s) agressor(es) estar(em) agindo por impulso (FREITAS, 2001; NUNES, 2022). A literatura entende que casos humilhantes, agressivos, vexatórios que ocorram de maneira prolongada e por repetitivas vezes, constringendo e ofendendo a dignidade do trabalhador são condutas compreendidas como assédio moral (NUNES, 2020). Algumas situações, perfis de pessoas ou comportamentos podem levar a ocorrência do assédio moral. Mulheres, pessoas negras, indígenas, pessoas com deficiência, diferenças étnicas, regionais, etárias e religiosas, pessoas com o peso acima do entendido socialmente como o ideal, imigrantes, pessoas LGBTQIA+, pessoas que performam comportamentos fora do padrão social aceitável, entre outros, são os principais alvos de assédio moral nas organizações (CARRIERI; AGUIAR; DINIZ, 2013; HELOANI; BARRETO, 2015). Não obstante, mesmo que o indivíduo faça parte de um grupo socialmente dominante, nada impede que também sofra assédio moral.

Em diferentes lugares onde trabalhou, Glitter foi vítima de alguma forma de violência. O assédio moral em forma de piadas era constante nos ambientes heteronormativos, como a loja de eletrodomésticos o qual ocupou o cargo de vendedor. Conforme Caproni Neto; Fonseca (2014); Bastos; Pinheiro; Lima (2016), homossexuais são vítimas frequentes de piadas de cunho preconceituoso nas organizações. O pesquisado foi vítima de assédio sexual em dois ambientes de trabalho, o que demonstra que o corpo afeminado é considerado abjeto, por isso, compreendido pelos assediadores como algo sem independência, um corpo sem liberdade, sem direito de escolhas, existindo para o prazer do assediador (MOURA; CAMFIELD; PIZZOL, 2021).

Dentre todas as formas de violência que Glitter foi vítima no trabalho, o comentário feito por um acompanhante de uma cliente, enquanto Glitter era vendedor na X, foi o que lhe causou grande sofrimento, conforme narrado. O pesquisado se sentiu violado, pois além de aquele ser o seu ambiente de trabalho, era ali onde Glitter se realizava profissionalmente. Ressalta-se que ele recebeu a desaprovação por estar maquiado e de batom vermelho nos lábios, abdicando aos padrões heteronormativos. O pesquisado disse ter ficado muito abalado, pois não esperava receber um comentário preconceituoso de uma pessoa externa ao trabalho. Nesse episódio, Glitter se sentiu violado em consequência de sua identidade e por estar em um espaço onde se sentia

acolhido e protegido. Em situações como a apresentada, em que o motivo da violência tem relação às subjetividades do indivíduo, dificilmente o trabalhador não sofrerá de alguma maneira (DEJOURS, 2015; HELOANI; BARRETO, 2015).

6.1.8 HIV

Glitter é HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) positivo, “em julho de 2019, eu descubro que eu sou soro positivo. Nessa situação toda, eu penso assim, meu Deus e agora? O que que vai ser da minha vida?”. O pesquisado mencionou que lida bem com o vírus, segue o tratamento e, atualmente, esse está indetectável em seu organismo. Glitter comentou que acredita ter sido infectado por um ex-namorado, que apesar do convívio, não contou sobre a condição, deixando-o decepcionado. O pesquisado esperava uma maior consideração do namorado, tendo em vista a importância da informação.

Eu lido muito bem com isso, sabe. Eu sou muito bem resolvido, faço o meu tratamento tudo certo e já tô indetectável também. Mas a maneira como aconteceu, eu fiquei chocado, sabe. Porque eu tive que ir pra casa da pessoa e morar com a pessoa durante um mês pra poder descobrir, sendo que quando eu descobri, eu contei pra pessoa e a pessoa quando soube, não me disse (GLITTER, 2022, s.p).

O pesquisado relatou como foi que descobriu o diagnóstico para o HIV. Segundo ele, foi por acaso, após um problema de pele, o qual ele imaginava que fosse uma reação alérgica. Inicialmente, Glitter ficou assustado, mas procurou se acalmar para organizar a sua vida para a nova realidade.

Eu tava com umas alergias no corpo. Eu tava com umas coceiras e tudo o mais e não sabia o que que era e eu achei que fosse porque eu tava tomando remédio pra tosse, e aí terminou o xarope e eu tomei vinho, porque eu não tenho o hábito de beber. E aí do nada eu tomei um vinho, bem nesse intervalo e aí comecei a tomar outro xarope. E eu imaginei que poderia ter sido uma reação alérgica. Olha a ignorância, né. Aí fui aqui no médico num tal e aí contei tudo isso pra ele e falei assim, ah aproveitando eu já quero fazer uns exames e já pode colocar todos, ok. Aí com essas questões dos exames e tudo o mais, eu fiz os exames e aí quando eu fui lá vendo, vendo, vendo assim, deu o reagente para HIV. E agora? E eu assim: não, tá tudo bem (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter lembrou quando contou para a sua mãe sobre o diagnóstico, segundo narrado, ela ficou muito assustada e com medo pelo filho; os irmãos do pesquisado enviaram mensagens de apoio.

Aí contei pra minha mãe por WhatsApp também e a minha mãe ficou chocada, ficou extremamente chocada. “Nossa, como assim, *Glitter*? O que que aconteceu? Tu nunca usou preservativo?” E eu, mãe, eu já usei, óbvio que eu usei. Mas às vezes no calor do momento, não sejamos hipócritas, eu sou adulto o suficiente pra assumir, né, que eu não usei e aí aconteceu. E assim, fica tranquila eu já tô fazendo tratamento, já tô tomando os remédios, tá tudo certo. [...] ela trabalhava na época na casa de um casal gay também e ela chegou muito abalada, chorando e tudo o mais. Normal, mãe né, imagina. E ela contou pra eles. E aí eles acalmaram ela e tudo o mais e aí ela contou pros meus irmãos. E os meus irmãos disseram assim, “mano, eu quero dizer que a gente te ama, independente de qualquer coisa. É uma pena que isso tenha acontecido contigo, espero que tu esteja bem (GLITTER, 2022, s.p).

Em relação ao HIV, Glitter se diz bem resolvido e esclarecido, faz questão de informar aos eventuais parceiros e inclusive registrar nos aplicativos de encontros amorosos que participa. O pesquisado comentou que procura quebrar tabus explicando sobre o vírus aos pretendentes.

Eu sou muito bem resolvido porque todas as pessoas com quem eu converso em aplicativo, eu sempre falo, sabe. Eu sempre falo porque assim, olha por mais que tu esteja vendo uma pessoa que é bonita e tal e não sei o que e tudo o mais, tu nunca sabe, tá. Nunca sabe. [...] Porque ainda tem gente que não sabe, tem gente que não se preocupa, tem gente que tem medo, sabe. Teve mesmo agora um cara que a gente se via há muito tempo e tal e ele é casado com mulher. E eu não tinha contado pra ele. E aí eu contei pra ele e ele ficou extremamente chocado, bitoladíssimo e ele foi fazer exame, sabe. Só que assim, o teu medo não era porque eu te contei. O teu medo era porque tu talvez esteja fazendo coisas, as tuas atitudes sejam realmente preocupantes, tu tá se expondo ao risco e agora porque tu soube que uma das pessoas que tu teve, testou positivo, agora tu ficou com peso na consciência, sabe (GLITTER, 2022, s.p).

Em relação a algum arrependimento, Glitter relatou que a falta de informações sobre o HIV é algo que o frustra, ele acredita que poderia ter evitado a sua condição atual, “eu acho que talvez de não ter buscado mais informações em relação a minha saúde, sabe. De tá nessa condição, vivendo hoje. É assim o máximo de arrependimento que eu tenho, sabe”. O pesquisado complementou:

Porque a gente sabe que existe e a gente sabe que existe proteção, porque a gente é responsável por 50% pelo que a gente faz com o outro e 50% do outro também. Só que a partir do momento em que eu muitas vezes negligenciei esse cuidado e a busca de informação, sabe. [...] E aí no calor do tesão é muito bom sem proteção e aconteceu. O que que eu posso fazer a partir disso, lamentar por não ter tido algumas atitudes pra prevenir isso? Não tem como. Eu preciso agora lidar com o fato e ver o que que eu posso fazer pra que isso não se torne um peso, sabe (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter foi questionado se já passou por alguma situação de preconceito em função do HIV. O pesquisado acredita que as pessoas sentem receio de falar algo preconceituoso

por configurar sorofobia, conjunto de crenças discriminatórias e medo a pessoas que vivem com HIV ou também a grupos considerados vulneráveis ao vírus (BARBOSA FILHO; DE SOUZA VIEIRA, 2021). O pesquisado narrou que durante conversas em aplicativos de relacionamentos, há pessoas que deixam de falar com ele, após informar que é soropositivo ao HIV. Glitter acredita que esse seja o principal motivo pelo desinteresse da pessoa.

Em diversos momentos, Glitter falou que procurava orientar as pessoas sobre o HIV: amigos, familiares, colegas de trabalho e parceiros sexuais, contudo, destaca-se que, apesar de ter o vírus indetectável em seu organismo, ele relatou que deixava de fazer o uso de preservativo, negligenciando outras infecções sexualmente transmissíveis (IST). O pesquisado disse ter consciência de que as pessoas com o vírus não têm características visíveis e, por isso, sente-se na obrigação de alertar outras pessoas sobre os riscos que o vírus pode gerar em suas vidas.

Mas eu sei dos riscos, eu sei que não pode, eu sei que não sei o que e tá tudo certo. Eu tenho muita consciência dos meus atos. Eu tenho muita consciência de tudo. Tem muita gente que não é informada, tem muita gente que não sabe, tem muita gente que tipo é alienado, tem muita gente que faz muita coisa sem se cuidar, sem se proteger, acha que nunca vai acontecer com ele, sabe. E eu também era uma dessas pessoas que muitas vezes ficava assim, [...] Não digo que seja um defeito, mas é uma circunstância que dependendo se uma pessoa que não se cuida, ela pode muito bem muitas vezes te transmitir alguma coisa e tu achar que só porque ela aparece que é bonita e tal, não tem nada (GLITTER, 2022, s.p).

O pesquisado acredita também que há um estigma social de que os homens homossexuais ainda sejam os principais sujeitos que se infectam e transmitem o HIV, para ele, isso vem mudando nos últimos anos em consequência da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP), medicamento anti-HIV utilizado para evitar uma infecção pelo HIV. A fala do pesquisado sobre o estigma social do HIV vai ao encontro à pesquisa de Suit; Pereira (2008) sobre os estigmas que pessoas com HIV vivenciam. Glitter relata que.

É que assim, eu vivo na minha bolha, né, dos gays, né. E assim, eu vejo ali que não é. Que hoje em dia tem muito mais incidência nos heterossexuais. Até por questão dos deslizes e até por questão dos homens que eles fazem sexo com homens mais eles não são assumidos. É e o fato também do Prep e aquela coisa toda. E também tem o fato de que a gente tá buscando informação, né. Eu acho que pelo fato da gente ter sido, vamos supor assim, um grupo de risco por um período, a gente querendo ou não, a gente teve que engolir essa informação, sabe. Fizeram com que chegasse na gente e aí deu uma controlada. Por questão da Prep, por questão de totalmente se cuidar e aí evitar de se espalhar entre nós. Só que assim, a gente não pode controlar o fato de um cara que é hetero vir transar com a gente e depois transar com a mulher e transmitir pra mulher

e tal, sabe. Então a gente não tem como saber. Esqueceram disso na hora de divulgar. Ah eu vou focar nos gays porque são os mais libertinos, digamos assim, e aí hoje a gente vê o contrário, sabe (GLITTER, 2022, s.p).

Embora o foco da presente pesquisa seja sobre a feminilidade masculina, torna-se inevitável abordar sobre o diagnóstico e a experiência de Glitter com o HIV. Observa-se que o método de História de Vida permite que a pesquisa seja conduzida, a partir das vivências dos pesquisados (GRANATO; LOPES; COSTA, 2020). Desde 2019, Glitter convive com o HIV. O pesquisado, periodicamente, é acompanhado por profissionais da saúde, além de utilizar regularmente as medicações necessárias, fazendo com que o vírus esteja indetectável em seu organismo.

Ressalta-se para a questão da sorofobia quando Glitter informa ser HIV positivo a algum contato dos aplicativos de relacionamento que participa ou para o episódio que comunica a sua condição a um ex-parceiro sexual, em algumas situações, as pessoas deixam de falar com o pesquisado ou demonstram desconforto com o comunicado. Nesses casos, Glitter procura não se desestabilizar, pois entende que há muita desinformação e preconceito em relação ao vírus e as pessoas que com ele vivem.

6.1.9 Relacionamentos

O pesquisado lembrou que se envolveu com um homem em sua cidade natal. O relacionamento, com o tempo, foi amadurecendo e o namorado comentou que eles poderiam morar juntos, apesar de sua feminilidade incomodar o parceiro. Conforme narrado, Glitter estava disposto a mudar o seu comportamento por estar apaixonado pelo namorado. O namoro terminou e o plano de morar juntos não se concretizou.

E ele teve que ir embora pra uma outra cidade e aí nisso a gente ficava se vendo de 15 em 15 dias. E aí nisso surgiu, “ah imagina a gente morar junto né, mas ah tu tinha que né, ter jeitinho de mais hominho.” E eu recém tava começando a entender aquilo ali, e eu iludido né, apaixonadíssimo. Tá mas eu me comporto e tudo o mais (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter contou que seu ex-namorado tinha comportamentos masculinizados, o que o agradava, todavia, com o passar do tempo, ele acabou percebendo que o parceiro impunha a Glitter a mudança de seu comportamento: “ele sempre foi um cara muito assim, dessa coisa toda tipo de demonstrar que não era afeminado e tudo mais, que era meio machinho e tal e eu até então gostava, né. Aí quando eu comecei a perceber tudo isso e as questões que ele queria me impor”. Glitter mencionou, ainda, que seu ex-

namorado procurava não “demonstrar que era gay”, relacionando a orientação sexual ao comportamento feminino. O pesquisado, por outro lado, relatou que era o oposto do parceiro: “ele não queria demonstrar que era gay”.

Anos após o término do relacionamento, Glitter voltou a se relacionar com o ex-namorado, nesse momento ele já sabia que era soropositivo para o HIV. Destaca-se que no período em que namoravam, o ex-parceiro fazia o uso de termos preconceituosos a pessoas com HIV. Durante a tentativa de reaproximação, Glitter relembrou que o ex-namorado afirmou que ele poderia “ter um problema”, pois não estava excitado enquanto se relacionavam sexualmente. Para o pesquisado, a fala do ex-companheiro foi muito grosseira. Glitter comentou que caso o ex-namorado soubesse de sua condição, provavelmente faria ou falaria algo pior a ele.

Glitter comentou que já se relacionou com muitos homens casados com mulheres, e que, seguidamente, ele percebe olhares de atração vindos destes homens pelos locais em que transita: “alguns caras te olham mesmo, sabe. Existem caras, pais de família que olham na cara dura e assim é o que mais tem, sabe, te desejando assim, te cobiçando e tu percebe. E eu fico assim, chocado e digo, ah então tá né, sua maricona”.

Anos atrás, quando já estava morando em Porto Alegre, Glitter foi parado na rua por um homem que estava em seu automóvel pedindo uma informação a ele. O pesquisado estava indo se encontrar com um amigo, o homem questionou se Glitter poderia acompanhá-lo para mostrar onde ficava o lugar. Glitter aceitou a carona, a partir de então ambos começaram a se relacionar. O homem era mais velho que o pesquisado, segundo relatado, ele era casado com uma mulher. Glitter relatou que recebia algumas quantias em troca dos encontros, como uma forma de ser presenteado pelo parceiro.

Os encontros de Glitter com o homem que o abordou na rua ocorriam em horários definidos em razão desse ser casado. Conforme mencionado, os encontros ocorriam no início da manhã ou no final da tarde. O pesquisado o entendia como uma pessoa carente e possessiva, como esse pertencia à classe alta, segundo narrado, Glitter recebia dinheiro (valores não definidos) como agradecimento por sua disponibilidade.

Aí a gente começou ficando várias vezes. Só que aí todas as vezes que a gente ficava ele me dava um mimo, me dava um dinheirinho. E a gente acabou ficando, só que todas as vezes em que a gente ficava tinha que ser no horário dele. Ele sempre queria super cedo da manhã, tipo 6 e meia da manhã ou ele queria super no fim da tarde, sabe. E nisso, a gente acabou meio que tendo uma leve relaçãozinha assim porque ele era meio carente, sabe. Um senhor já e tal, mas um senhor que tinha um charme, tinha uma coisa bacana e tal. E era bem gostoso ficar com ele também. Mas ele queria muito que eu fizesse as vontades

dele, tipo assim a gente se encontrava e ele me perguntava, “Ah tu me ama, tu gosta de mim?” E eu, sim. Nossa, gente, eu não sei mentir, sabe. E eu acabava mentindo, né. “Ah mas tu tá ficando com outras pessoas? Tu quer ser só meu? Tu vai ser só meu e não sei o quê. Ah eu te dou uma mesada por mês pra ti ser só meu e não sei o quê.” Só que eu achava que era tudo balela e blábláblá pra aquele momento, entende (GLITTER, 2022, s.p).

O pesquisado exigia que o valor fosse maior, o que, por vezes, gerava algum desconforto, pois o parceiro entendia que aquela poderia ser uma forma de extorsão. Ambos se relacionavam bem e chegaram a criar vínculos afetivos, conforme narrado. Entretanto, o fato de levar uma vida paralela a oficial, por se tratar de um homem casado com uma mulher e aparentemente em um relacionamento monogâmico, fez com que ele e Glitter não desenvolvessem nada além de uma relação majoritariamente sexual.

E ele, “ah como assim, tá querendo me extorquir?” E eu, não, nada a ver. É o meu mimo. Nada a ver, pode me dar, e eu assim, ah me dá mais, e ele, “tá bom”. E aí o que que aconteceu, a gente acabou criando um vínculo muito mais de amizade e talvez eu acho que por eu ter passado por algumas situações na vida e por ter paciência com ele e por conversar com ele e tudo o mais, ele acabou sentindo muito mais assim, muito bem comigo, sabe. [...] Só que mesmo assim ele aprontava, sabe, ele ficava com outros caras e aí ele sumia e depois voltava. E ele dizia que era casado com mulher, tinha filhos e tudo o mais e aí teve até uma vez que ele me levou pra casa dele, sabe. Pra casa dele tipo assim, a gente ficou na casa dele, fizemos um monte de coisa na casa dele. Ok, tudo certo. E aí ele me dizendo que um cara uma vez tava ameaçando ele, sabe. E eu disse, eu não sei por que tu anda procurando esses outros bagaceiros aí, tu tem eu, mas enfim, tu que sabe, que tu não aproveita, né (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter relatou que em um momento de dificuldade financeira ele foi ajudado pelo parceiro, todavia, ele acredita que ambos se afastaram após o auxílio. O pesquisado crê que o distanciamento do parceiro possa ter ocorrido por receio de alguma ameaça ou de novos pedidos de ajuda financeira.

Mas então assim, ele me dava dinheiro sempre, me dava 100 reais, 150 e tal. Então não demorava muito, era uma meia horinha ali e tal e já ia embora. Mas era uma pessoa que a gente tinha um contato. Ah teve uma vez que eu precisei, teve uma vez que eu precisei de uma grana e ele me deu. Ele me deu assim ó, 2.600 reais. E eu assim, nossa, eu tô precisando de tanto dinheiro [...] E eu acho que se eu quisesse, eu tivesse tirado muito mais. Ou talvez por esse momento, ou talvez por me ver na situação por talvez, que eu tava passando, ele me ajudou, enfim, sabe, não sei. Ou ele se afastou talvez por causa disso porque achou que eu fosse pedir mais. Mas foi bacana e me ajudou, sabe. [...] Mas eu queria mesmo era um cara pra me sustentar, né. Ai todo mundo diz assim, “ah tem que arrumar um velho rico pra te sustentar. Ah tu é um garoto lindo, tu tem que se valorizar e não sei o quê.” (GLITTER, 2022, s.p).

Alguns anos após se afastarem, Glitter voltou a conversar com o antigo parceiro sexual, nesse período, o pesquisado disse que era soropositivo ao HIV, deixando o ex-parceiro muito incomodado com a revelação.

Aí agora, eu acho que eu tava no aplicativo e ele estava no aplicativo com um perfil onde não aparece foto, nem nada. E eu converso com quem não tem foto, tranquilo. E aí nisso ele me chamou no WhatsApp, no que ele me chamou no WhatsApp, a gente conversou e tal e queria tentar marcar pra se ver, mas só que eu não tava aqui e tal e aí nisso eu digo pra ele que, da minha condição, porque até então eu não tinha dito pra ele. Aí ele ficou meio assim, “nossa, eu lamento muito porque não sei o que, que pena e tal.” Aí diz que ele ficou bem sequelado, ficou bem preocupado e bateu um peso na consciência e aí depois ele me disse, “ah desculpa por eu ter sumido, mas eu fiquei muito neurótico, muito nervoso. Fui até fazer o meu exame” (GLITTER, 2022, s.p).

O pesquisado foi questionado sobre o motivo que ele acredita que fez com que o homem, o qual viria a se relacionar, o abordasse na rua: “ah talvez por né, trejeitos e tudo o mais, né. Afeminadinha e tudo o mais. Talvez foi isso”. Ainda, Glitter foi questionado se já havia se relacionado com outros homens casados com mulheres, ele mencionou que frequentemente se envolve sexualmente com homens em relacionamentos heteroafetivos: “muitos, ih direto. Nossa, muitos, muitos, muitos, muitos. Mas é que assim, o homem casado ele é muito assim, no ato sexual mais seco, tipo um beijo é raro, sabe. Raros assim se permitem”.

Dentre os relacionamentos amorosos e sexuais apresentados por Glitter, evidencia-se duas situações vivenciadas por ele, a primeira diz respeito a necessidade de se portar de maneira mais masculina como um pré-requisito para morar junto com o namorado. Conforme Nonato (2020); Baydoun (2020), é comum, em relacionamentos homoafetivos, que um dos parceiros exija do companheiro a performance da masculinidade, sobretudo, em locais públicos, de modo a se evitar algum tipo de constrangimento ou alguma forma de violência. Percebe-se que, ao impor tal mudança de comportamento, o indivíduo está fomentando o padrão heteronormativo apresentado por Miskolci (2009).

A segunda circunstância experienciada por Glitter, tem relação ao fato de o pesquisado ser soropositivo ao HIV, segundo narrado, é possível perceber que há tabus que circundam o vírus e, principalmente, as pessoas que convivem com ele. Observa-se que os receios que envolvem o HIV, não são os mesmos apresentados por outras IST, conforme a pesquisa de Rodrigues; Rodrigues (2022) sobre a prostituição masculina e a gestão dos riscos da atividade, entende-se que se pode ser estendido ao caso aqui

apresentado, tendo em vista os medos e negligências que parte da população possui ao HIV e a demais IST.

Na próxima seção, apresenta-se resumidamente a história de vida do segundo pesquisado: Miguel.

6.2 MIGUEL

Miguel tem 22 anos, é homossexual, branco, entende-se como um homem cisgênero, embora em certos momentos acredite que possa ser uma pessoa não-binária. Nascido na cidade de Margarida (nome fictício), localizada na Região Noroeste no Estado do Rio Grande do Sul, com uma população de aproximadamente 10 mil habitantes, distante a 350 quilômetros de Porto Alegre.

Atualmente, Miguel possui um cargo comissionado no setor público do Rio Grande do Sul. O pesquisado já fez estágio na cidade natal e trabalhou como vendedor em um antiquário em Porto Alegre. Cursa História da Arte em Porto Alegre, cidade onde vive hoje, além de ter cursado, sem concluir, Design de Moda em Araranguá no Estado de Santa Catarina, e Teatro em Montenegro no Estado do Rio Grande do Sul. Está em um relacionamento com quem mora a maior parte da semana, conforme dito.

A família de Miguel pertence à classe média, o pesquisado narrou que jamais passou qualquer tipo de dificuldade financeira, enquanto vivia com os pais em Margarida. Seus pais são divorciados, a separação desses foi motivo de grande sofrimento para Miguel, que relatou que problemas psicológicos o acompanharam desde a infância, até a vida adulta, com episódios de ansiedade, síndrome do pânico, transtorno alimentar e ideação suicida. O divórcio dos pais não foi o único motivo para os problemas de saúde mental de Miguel, o pesquisado narrou os inúmeros casos de *bullying* e violência que vivenciou em Margarida, lugar onde Miguel possui profundo desprezo, pois foi na cidade natal onde o pesquisado era vítima de preconceito.

Atualmente, o pesquisado diz ter uma boa relação com a mãe, já com o pai, desde a infância, Miguel não possui proximidade, principalmente, quando o pesquisado decidiu se mudar para Araranguá, no Estado de Santa Catarina, para cursar Design de Moda, curso que seu pai não aceitava. Miguel narrou que a relação com o pai sempre foi muito distante, assim como a relação com o irmão, nove anos mais velho, que saiu de casa, quando Miguel ainda era criança, para ingressar na graduação. O pesquisado relatou que

o seu comportamento feminino irritava o irmão, que o agredia verbal e fisicamente para que se comportasse de modo masculino.

Desde a infância, Miguel conviveu com problemas alimentares, como a obesidade, até a magreza excessiva na vida adulta. O pesquisado narrou que ser uma criança e adolescente gorda e afeminada gerou muito preconceito pelos lugares onde transitava. O sofrimento de Miguel fez com que ele desenvolvesse síndrome do pânico na pré-adolescência, uma das consequências foi a reprovação na escola, pois o pesquisado não conseguia dormir à noite, tornando-se inviável prestar atenção nas aulas.

No último ano do ensino médio, Miguel foi agredido com um soco no rosto por um colega, além disso, foi vítima de uma tentativa de homicídio feita pelo primo, que ao tentar agredi-lo fisicamente, disse que queria matá-lo. O episódio foi determinante para a mudança de Miguel para Porto Alegre. O pesquisado narrou ter sofrido com a violência física e verbal ao longo da vida, bem como, da violência silenciosa dos olhares, que para ele é tão brutal quanto as demais violências vividas.

Destaca-se que Miguel é combativo ao patriarcado, à heteronormatividade e a tudo que diz respeito à masculinidade. Durante o recolhimento de sua história de vida, o pesquisado narrou por diversas vezes a sua repulsa ao comportamento masculino e a virilidade performada pelos homens na sociedade. O sentimento de desprezo de Miguel ao masculino pode ser compreendido como uma “masculinofobia”, ou seja, ódio, medo, pavor e/ou receio a tudo que remeta ao comportamento masculino.

6.2.1 Miguel: Feminilidade na Infância e *Bullying*

Havia uma grande expectativa da família de Miguel que ao nascer o seu gênero fosse o feminino, e sua avó, chamada nona, era uma das pessoas que mais desejava isso. E segundo o pesquisado, foi assim que ela o tratou durante muitos anos: “a minha nona, a minha avó né, ela tava assim alucinada, ela queria muito uma menina. E foi assim que a minha nona me tratou uma boa parte da minha vida”.

Miguel se recordou do modo como a sua avó o tratava. Segundo narrado, ela permitia que ele se expressasse da forma como desejava, criando fantasias e adereços que são considerados pertencentes ao feminino, como estampas floridas e bolsas. Miguel lembra desse período com carinho, pois não era repreendido por performar a sua identidade. O pai de Miguel não apoiava a forma como a avó tratava o neto. Miguel destaca que ele e o irmão foram criados por mulheres — pois o pai era muito ausente e

indiferente aos filhos — contudo, o seu irmão tinha comportamentos masculinos, somente ele performava a identidade feminina.

Nisso eu era muito viado, muito viado. Tipo assim, no nível absurdo. Muito viado. E daí esse que tem o ponto, como a minha nona me tratava. Porque a minha nona sempre me incentivou. E como ela me incentivava, porque ela via uma necessidade que eu tinha de querer me aproximar de tudo o que era feminino e que a minha mãe meio que ficava, “não sei se é legal ele fazer isso”, e o meu pai obviamente dizia, “não, não é legal ele fazer isso”. Mas a minha nona ficava tipo, “tá, faça isso, porque não?” Aí simplesmente a minha nona me fazia bolsinhas de papelão e jornal e eu ficava desfilando de um lado pra outro com a bolsinha de jornal, isso era muito engraçado. E ela também incentivava muito o meu lado criativo, porque a minha nona ela fazia bordado, então tipo, ela nunca tentou porque eu não gostava, mas eu me lembro que eu fazia as unhas dos pés da minha nona, muito cedo, tipo 7 anos de idade, eu fazia as unhas dos pés da minha nona e a minha nona tipo ficava muito feliz (MIGUEL, 2022, s.p).

A liberdade dada pela avó é concedida até a sua adolescência, período em que é exigida uma maior masculinidade, nessa fase da vida de Miguel a avó começa a repreendê-lo. Miguel comentou sobre as brincadeiras de sua infância e segundo ele “o que eu mais gostava de brincar era com urso de pelúcia, que é uma coisa muito sem gênero, na minha cabeça, né”. As construções sociais de gênero sobre os objetos também fizeram parte da infância de Miguel, mas conforme narrado, brincar com ursos de pelúcia, um objeto que supostamente não possui gênero definido, era o que mais chamava a sua atenção.

Segundo Miguel, desde a sua infância a feminilidade estava presente em seu comportamento. Ele relatou gostar de estar com as meninas e de se divertir com brincadeiras tidas como do gênero feminino, como se entreter com bonecas. Conforme narrado, Miguel foi criado por muitas mulheres, a quem ele possui muita admiração. Ressalta-se que este envolvimento com as mulheres da família não pode ser justificado como o motivo da manifestação de sua feminilidade, haja vista que o seu irmão, também fora criado pelas mesmas mulheres e que, de acordo com Miguel, “é uma pessoa extremamente masculina”. Segundo narrado, a feminilidade de Miguel incomodava o pai, sendo um dos motivos para o distanciamento do filho. Do mesmo modo, o pai de Miguel também era ausente com o seu irmão que não possuía traços femininos.

Então, a minha infância eu sempre fui a criança viada real, eu sempre tive traços de feminilidade. [...] eu fui criado por mulheres, o meu irmão também foi criado por mulheres, mas estes traços eles sempre foram particulares meus assim, da minha pessoa. Muito feminino, eu sempre tive amigas meninas, eu sempre entendi melhor as meninas, brincava de boneca. Tinha uma certa afetividade no sentido de quase que um sentimento materno ao brincar com

bonecas, sabe. Como se eu precisasse cuidar, né, e que hoje eu percebo que é muito distorcido. Porque olha só como que eu estou falando, como se o homem não tivesse que ter esse sentimento paterno para com o seu filho. Mas é porque na nossa sociedade é meio que, tá, a mãe vai prover essa afetividade, enquanto o pai vai tá na rua provendo toda a questão financeira pra casa. E que não é bem assim, né (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel comentou que a sua mãe não o repreendia em razão de sua feminilidade, e o pai era indiferente quanto a sua educação e comportamento. Já entre os familiares, Miguel sofreu com as perseguições em função de seu comportamento, deixando consequências até hoje. Eram recorrentes as piadas de mau gosto e as expressões pejorativas que recebia dos parentes. Hoje, Miguel procura orientar informalmente as pessoas sobre o comportamento de seus filhos, e demonstrar que a feminilidade é algo natural, assim como para as crianças. Para ele, são palavras que gostaria de ter ouvido durante a sua infância e que não havia ninguém para falar.

Agora a questão com os demais familiares, sempre foi um problema, sempre fui tachado como viadinho, como menininha e eu confesso que isso me deixou com muitos traços de problemas, né. É, mas nada que eu não esteja tratando na terapia assim, mas é algo que hoje quando eu vejo acontecer perto de mim, eu tento dar um pitaco ou no pai, na mãe ou principalmente na criança, né. Eu acho que tratar a criança como um ser de fato, né, porque às vezes a gente não trata a criança como um humano, nós tratamos, “ah ele não entende.” Não, entende. Então chegar e falar assim, tá tudo bem você ser assim, sabe. Porque foi algo que eu nunca tive alguém pra me dizer. Então às vezes eu ficava, gente será que eu sou um monstro? O que tá acontecendo aqui? Porque que eu não posso simplesmente brincar com as minhas amigas, brincar de boneca com elas, né. Que foi uma coisa que nunca teve problema. O meu pai tinha problema, ele queria me dar carrinho da *Hot Wheels* e aí tipo, eu não brincava muito. A minha mãe ela já, “tá o que que tu quer escolher?” Aí eu escolhia normalmente brinquedos de menina (MIGUEL, 2022, s.p).

Durante as entrevistas, Miguel disse que a sua mãe começou a se incomodar com os seus traços femininos durante a sua pré-adolescência, a partir daí os comentários feitos por ela são de cunho homofóbico, numa tentativa de formar uma certa masculinidade no filho, apesar de até então ela promover momentos de liberdade ao longo da infância de Miguel.

De acordo com o relato de Miguel, a sua mãe tinha tais falas de cunho homofóbico em função das imposições sociais, tendo em vista a localidade em que viviam, uma cidade do interior, de 9 mil habitantes e por estar criando um menino. Miguel lembra do episódio em que seu pai fala que prefere um filho morto a um filho homossexual, opinião essa não compartilhada por sua mãe.

Então, mas dentro de casa o meu pai e a mãe sempre foram de boa assim. O meu pai falava, uma vez ele falou que preferia o filho morto do que gay. Mas tipo a minha mãe, aquela vez a minha mãe, foi um momento muito importante pra mim, porque a minha mãe falou assim, “então, eu prefiro que o meu filho seja gay, do que ele seja morto, que ele esteja na rua e eu não saiba onde ele está”. Foi uma coisa que eu vi que ali que a minha mãe fazia aqueles posicionamentos homofóbicos, tinha eles, mas por uma questão social, né, porque era o correto ter aqueles posicionamentos, principalmente na cidade onde eu estava, porque era uma cidade com 9 mil habitantes, do que algo que ela achava. Porque a minha mãe sempre soube, né, eu acho que aquela coisa do “a mãe sempre sabe”, normalmente a mãe sabe (MIGUEL, s.a, s.p).

Desde a infância o menino é submetido a atividades e brincadeiras, por exemplo, que incentivem a formação de sua masculinidade, com esportes considerados socialmente masculinos, como o futebol e lutas. O menino que não demonstra interesse em tais atividades ou em outro esporte que seja compreendido como masculino, começa a receber a atenção de pais e de professores de educação física, especialmente (BRABO; SILVA, 2017). Muitos pais recorrem ao esporte, ao escotismo e à igreja para reprimir a feminilidade de seus filhos e, por sua vez, a homossexualidade. Além dos esportes, a construção da masculinidade na infância perpassa pelas cores que os meninos devem vestir, como o azul, e evitar a cor rosa, compreendida socialmente como feminina (ALMEIDA SANTOS COSTA, 2021). Além disso, os meninos não devem brincar com brinquedos entendidos como femininos, como, por exemplo, bonecas, panelinhas e demais objetos domésticos que façam referência aos cuidados de uma casa, por existir uma atribuição de gênero ao objeto, determinando o processo de socialização e construção da identidade da criança (BRABO; SILVA, 2017).

De acordo com Cornejo (2011), a criança afeminada sofre com diferentes formas de violência em casa, na escola, na igreja e em boa parte dos locais onde transita, pois o seu comportamento é repreendido pelos pais e professores e motivo de piadas de outras crianças. Miguel relatou que se sentia à vontade para brincar com uma amiga durante a infância, pois essa não o censurava. Segundo narrado, as brincadeiras ocorriam sem determinação de gênero. O pesquisado mencionou que a sua mãe cedia aos seus pedidos para ganhar brinquedos tidos como de meninas, o que não é comum na maioria das famílias (BRABO; SILVA, 2017).

Na escola, o menino afeminado sofre com o *bullying* e o preconceito inclusive de professores (CORNEJO, 2011), como foi o caso de Miguel. As consequências à saúde do pesquisado foram constatadas no curto e longo prazo, Miguel desenvolveu transtorno alimentar, que o acompanhou até a vida adulta, ansiedade, depressão e síndrome do pânico. Ademais, conforme Andrade; Li (2020), a violência sofrida por crianças e

adolescentes, através do *bullying*, pode induzir à autoagressão e ao suicídio, a título de exemplo.

Miguel contou que o período escolar foi muito difícil, sobretudo, durante o ciclo do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, quando reprovou em consequência do *bullying* que sofria. O pesquisado narrou que a violência era tamanha que desenvolveu problemas de ansiedade e síndrome do pânico, fazendo com que Miguel não conseguisse dormir durante a noite, impedindo que tivesse condições de estudar e prestar atenção nas aulas. Durante o recolhimento da história de vida, Miguel disse que enquanto cursava o primeiro ciclo do ensino fundamental ele não sofreu situações de violência na escola, pois os seus colegas o conheciam desde muito cedo, o respeitando independentemente do modo como agia.

O meu ensino fundamental foi um inferno, mas não da primeira à quinta. Da primeira à quinta foi supertranquilo porque eu tava numa escola pequena, tipo cento e poucos alunos, era todo mundo que eu conhecia desde a creche, então era outra questão, né. Tipo todo mundo meu amigo, todo mundo me entendia e eis o ponto. Como todo mundo cresceu comigo desde os meus 6 até os meus 10, é claro que as pessoas olhavam pra mim e elas viam o *Miguel*, né. Elas não viam menino ou menina, hetero ou gay, viadinho ou machinho, enfim. Ninguém via isso, elas viam o *Miguel* (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel rememorou o período do segundo ciclo do ensino fundamental como um dos momentos mais difíceis de sua vida, o *bullying* estava presente em duas formas, através de seu comportamento feminino e por, na época, ele estar acima do peso, “da quinta série até a oitava série foi um inferno, o ensino fundamental. Aí foram piadinhas e daí teve o bônus, né, porque eu era gordo. E daí acontece que ali foi assim, foi um dos períodos mais difíceis da minha vida”.

O *bullying* fazia parte da rotina escolar de Miguel, segundo ele, além de ser uma criança com comportamento feminino, o seu peso potencializava as agressões por parte dos colegas: "eu sofri bastante *bullying* por conta de ser um gordinho afeminado, né. Mas sim, a agressão verbal acontecia bastante, então viado, viadinho, bambi, gayzinho, bichinha, afetada, gente é tantos, né. enfim, e também né, bicha gorda, ai de tudo um pouco”.

O *bullying* esteve presente em boa parte do período estudantil de Miguel, ele narrou que vivenciou agressões verbais e físicas na escola. Ele acredita que muitas agressões foram evitadas em razão de ter um grupo de amigas que o protegiam do

bullying, essas amigas não permitiam que outros colegas fizessem comentários preconceituosos, e quando isso ocorria, elas repreendiam quem o tivesse feito.

E eu passei por muito preconceito principalmente na escola, né. Volto a dizer, vim de uma cidade de 9 mil habitantes, do interior, onde o machismo prevalecia. É, então eu sofri muito preconceito na escola, muito *bullying*, os meninos não gostavam de mim. Mas eu sempre tive as minhas amigas e meio que no decorrer da adolescência, elas foram se tornando um escudo. Porque o que acontece, essas mesmas amigas que eu tinha, elas acabam se tornando objeto de desejo dos meninos. Só que elas estavam comigo, então eu dormia na casa delas, eu ficava com elas, eu era próximo delas, então meio que elas funcionavam como um escudo, então o preconceito era meio que, porque elas já sabiam que eu era gay, então meio que quando o preconceito chegava, elas brecavam esse preconceito, né, xingando esses meninos, normalmente me defendendo. Mas eu também aprendi a me defender muito novo, eu acho que o único episódio de agressão que eu sofri assim, na escola, houve momentos de agressão, onde eu fui chamado de viadinho e tananam tananam. Mas a agressão física foi só no terceiro ano [do ensino médio] por conta de uma briga que eu tive com um menino da minha turma, que eu era o presidente da turma, e ele me agrediu fisicamente, eu levei um soco na cara (MIGUEL, 2022, s.p).

Possuir essa rede de apoio e acolhimento, a partir da amizade com as amigas na escola, não foi o suficiente para evitar uma agressão física a Miguel durante um passeio da turma no último ano do ensino médio. Miguel comentou que aquela situação o deixou devastado, pois jamais havia sentido a homofobia de forma tão clara, deixando uma dor física e emocional.

Eu sofri muito preconceito de um menino específico, que o nome dele era *Jorge* [nome fictício] [...] a gente tava fazendo uma viagem e ocorreu um desentendimento onde eu pedi pro pessoal abaixar o volume e daí esse menino, o *Jorge*, ele me deu um soco na cara. Nesse momento foi a primeira vez que eu senti isso porque até então toda vez que eu entrava num conflito, eu tinha entrado porque eu queria. Eu nunca tinha experimentado a homofobia de uma maneira tão, como que eu posso explicar, tão gratuita. Tipo assim, eu senti que eu apanhei ali por ser gay [...] E daí simplesmente ele me agrediu, foi a primeira vez que eu senti isso e eu me lembro que eu cheguei em casa assim, devastado (MIGUEL, 2022, s.p).

O medo da reação dos pais ao saberem dos casos de *bullying* na escola em função do comportamento feminino de Miguel, fizeram com que ele se calasse e guardasse para si todo o sofrimento que vivia. Desde cedo Miguel foi levado a crer que o seu comportamento era errado, as falas dos pais sobre a homossexualidade e as pregações dos padres e pessoas que frequentavam a igreja católica, na qual Miguel era membro, o levaram a construir uma imagem de sua identidade. O pesquisado disse que durante a sua infância e parte da adolescência que “morria de medo do diabo”, pois a sua existência era pecaminosa, indo ao encontro com pesquisas que mencionam a função de determinadas

instituições religiosas de relacionar a homossexualidade ao mal e ao pecado (GREEN, 2019; TREVISAN, 2018), posto isso, Miguel escondia dos pais a violência que sofria na escola.

Eu nunca levei isso pra dentro de casa, nenhuma reclamação, até porque eu não sabia qual seria a reação deles. Então é como eu te disse, existia uma atmosfera homofóbica, mesmo que a minha mãe não fosse, né. Ela proferia aquelas palavras por uma questão mais social mesmo, mas existia por parte do meu pai, então eu não queria levar. Eu vim de uma família disfuncional, meu pai e minha mãe completamente fora da casinha, eles brigavam todo dia por conta de traições por parte do meu pai (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel desenvolveu problemas psicológicos, como a síndrome do pânico, em função do *bullying* que sofria na escola e de problemas familiares. Miguel se sentia sozinho e esse sentimento foi se agravando até ele acreditar que se dormisse não haveria mais ninguém ao seu redor, posto isso, ele sentia medo de dormir para evitar a solidão.

Então assim, eu sofri um puta preconceito, eu sofri um puta preconceito, mas eu falava, tá, tem coisas além disso, eu não preciso surtar agora. Só que daí o tempo foi passando e eu me lembro que eu passei por momentos bem difíceis assim, onde eu sofria muito preconceito e no momento onde a sociedade, a minha família também, e eu volto a reiterar, a minha mãe, não. A minha mãe até falava uma coisa, mas ela não se importava muito com essa questão de ser afeminado. Agora o meu pai, a minha nona que antes tanto me defendia, agora ela tava assim, tá mas eu acho que como ela pensava aquilo quando eu era criança e agora meio que deu, a gente precisa parar com isso agora. E acontece o advento da minha síndrome do pânico, né. Que era uma síndrome porque eu tava com problemas na escola, onde eu sofria muito preconceito. Em casa, porque o meu pai ele traía muito a minha mãe, então existiam muitos conflitos internos. Eu tava sozinho, o meu irmão tava uma hora de viagem de *Margarida*, então eu tava sozinho passando por tudo aquilo, né. E daí eu me lembro que aos 12 anos de idade, porque eu não conseguia dormir a noite, né, que isso é uma coisa, enfim, eu sempre tive muito problema pra dormir. Eu tenho problema pra dormir até hoje na verdade, mas eles são resquícios daquela época. E meio que eu adquiri essa síndrome do pânico da noite porque eu achava que se eu dormisse, eu ia acordar e não ia ter mais ninguém, todo mundo tinha ido embora. Então eu não dormia, eu simplesmente ficava acordado e a minha mãe, ou o meu pai tinham que dormir juntos. E daí eu comecei a tomar remédio (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel narrou que a síndrome do pânico era associada a diversos relacionamentos e ambientes que frequentava, como a relação com os pais, a escola, a igreja, o *bullying* sofrido. Segundo ele, “essa síndrome do pânico ela é uma escalonar de uma briga de família, solidão, igreja, todas essas merdas que têm em cidade pequena, né. Cidadezinha de interior que parece um filme de terror, até rima”.

Em função da síndrome do pânico que impedia que Miguel dormisse durante à noite, ele acabou reprovando na escola, o que causou muita frustração, pois Miguel fez

questão de frisar ao longo dos encontros que sempre foi um aluno dedicado e a sua reprovação foi em razão das faltas que teve ao longo do ano letivo.

Miguel sofreu preconceito inclusive de seus professores em razão de sua voz e de seu comportamento feminino. O pesquisado rememorou algumas situações que teve na escola: “eu já ouvi de professora, tipo assim, ‘para de falar que a tua voz é muito aguda’. É, ‘a tua voz é insuportável’. Os olhares de professores também, tipo, viado. Então tipo, que nem a gente vê, a gente sente. Eu já ouvi, então”. De acordo com Prado; Valério (2018), os episódios de preconceito e discriminação por gênero e sexualidades são recorrentes no ambiente escolar, violências essas praticadas por pais, alunos e/ou professores.

O pesquisado recordou do episódio em que sua mãe foi chamada até a escola quando ele e uma colega se desentenderam em razão das ofensas que Miguel recebia por seu comportamento feminino. Essa foi uma das poucas situações em que Miguel reagiu ao *bullying*, na grande maioria das vezes que sofria violência na escola, a sua reação era de se calar e guardar para si o sofrimento, pois não tinha coragem de compartilhar com os pais o motivo pelo qual sofria *bullying*.

A única vez que a minha mãe foi pra escola por minha conta, foi por um absurdo que ocorreu, foi assim, vou te contar, a gente estava na sala de aula e tinha uma menina que ela praticava bullying comigo. E daí teve um dia que eu tava muito irritado assim, porque pensa, eu tinha sei lá, eu tava na sétima, sexta, 2010, sétima série, foi na sétima série e eu tava tipo assim, tipo exausto, tava exausto de ir e daí ocorreu que ela me chamou de viadinho e ela ficou me xingando e eu fui até ela e a gente tava discutindo e ela levantou pra me bater, só que tipo eu não deixei ela levantar e empurrei ela pra baixo e ela bateu com a cabeça na parede e daí a minha mãe veio e tudo o mais (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel utilizou o estudo como forma de se proteger do *bullying* que sofria na escola e como motivação para sair de sua cidade, através do ingresso em uma universidade.

Primeiro ano do ensino médio, estudei, estudei, estudei, também sofrendo preconceito porque não tem como, tipo, não tem como eu sumi, né. Mas eu acho que eu já tava mais blindado e eu tinha descoberto esse meu escudo. Porque eu falei assim, cara, se eu posso usar isso ao meu favor e contra o mundo, é o que eu vou fazer (MIGUEL, 2022, s.p).

O pesquisado narrou que uma das formas que teria de sair de Margarida seria através dos estudos, dessa forma, ele resolveu estudar para que fosse possível mudar de cidade, tendo em vista que a sua cidade natal era tida como fonte de toda a violência

sofrida no decorrer de sua vida. Miguel contou que a sua estratégia era “focar um pouco na escola pra ir embora de uma vez”.

Miguel tinha a sensação de que a cidade de Margarida era um ambiente hostil a sua presença, segundo ele, “sempre existe essa coisa da ameaça. *Margarida* sempre foi um lugar de ameaça. Eu sempre me sentia ameaçado pelos homens que estavam lá”.

Questionado se sofria ofensas verbais nas ruas, Miguel disse que em Porto Alegre não ocorria essa forma de violência, mas em sua cidade natal as agressões eram comuns, “em *Margarida* com frequência existiam xingamentos na rua assim. Eu não vou dizer que vai ser os homens mais velhos de 50 anos que vão me dizer isso, mas são os de 25 aos 35”.

O pesquisado comentou como eram as agressões que sofria nas ruas de Margarida. Com o tempo ele relatou que começou a não se importar com o que era dito, tendo em vista a frequência das agressões, Percebe-se que Miguel deixa, de certa forma, internalizar o preconceito sofrido, minimizando ou escondendo o seu sofrimento por medo de sofrer alguma agressão física.

Ah chamavam de viadinho quando eu tava passando, ficar dando risadinha e falando que é bichinha, esse tipo de coisa, né. Situação constrangedora que tu vai passar sendo um gay em uma cidade pequena e fica tipo, com o tempo tu vai ficando e tu banaliza aquilo e tu nem dá mais bola. Tipo, só continuava caminhando e relevava. Porque não tem o que fazer, né, se tu for bater de frente tu vai apanhar, né. Que é essa uma coisa do tipo, se tu encara vai ter um olhar que eles vão te devolver do tipo, “se tu vier, tentar te impor, tu vai apanhar”. Então essa coisa da submissão do tipo você tá impotente, você não pode fazer nada, né. E eles gostam de deixar isso muito claro (MIGUEL, 2022, s.p).

O pesquisado disse que o período em que viveu em Margarida foi de muito sofrimento e de más lembranças, apesar de procurar não pensar no vivido e nos tristes episódios, como um modo de evitar o desgaste emocional, Miguel ainda carrega as marcas do passado dos momentos de violência que sofreu em sua cidade natal.

São muitas questões que esse período da minha vida deixou né, enfim. De tipo, desilusão com a sociedade, de olhar pra cidade e falar assim, que merda hein, que merda. Aí vai pra terapia e eu fiquei tipo, bah eu vou tá levando pra terapia esse bando de bosta aqui e eu acho que eu vou parar de me importar tanto, né. Não que eu, como que eu vou dizer, eu me importo, mas é que não tem muito o que fazer, né. O que eu posso fazer é participar de movimentos e fazer a minha parte indo pra rua. Eu não vou ficar batendo boca no Facebook. Então nesse período da minha vida, sim, eu me maquiava pra sair, eu usava roupas mais femininas do que eu uso hoje. Eu usava bolsa, maquiagem, enfim, eu maquiava as minhas amigas. Então sim, usava mais do que eu uso (MIGUEL, 2022, s.p).

Durante o ano de 2021, Miguel enfrentou o aprofundamento de seus problemas psicológicos, nesse período ele começou a ter episódios de ideação suicida. Miguel narrou que “eu era perigoso pra mim. Então chegou um momento onde a minha psicóloga olhou pra mim e disse, ‘tu não sai daqui hoje’, eu fiquei trancado numa salinha”. O namorado de Miguel precisou buscá-lo no consultório de sua psicóloga, pois ela não permitiria que ele saísse desacompanhado, haja vista a situação em que se encontrava.

As consequências do *bullying* são diversas, afetando desde a saúde mental das vítimas com a ansiedade e a depressão, podendo chegar a casos de automutilação, autoagressão e suicídio (ANDRADE; LI, 2020). O fenômeno pode ser fator de desinteresse pelos estudos, evasão escolar e reprovação do estudante, vítima (SANTOS; PERKOSKI; KIENEN, 2015). O *bullying* pode gerar efeitos a longo prazo, na vida adulta, resultar problemas de baixa autoestima, transtornos alimentares, dificuldades de relacionamento, transtorno de estresse pós-traumático, ansiedade e depressão (ALBUQUERQUE; WILLIAMS; D’AFFONSECA, 2013).

Em relação aos pesquisados, pode-se observar que a homofobia foi o motivo para que ambos sofressem com o *bullying* durante a infância e adolescência. A homossexualidade é fator determinante para que crianças e jovens sejam vítimas de assédio na escola ou em outros ambientes, como igreja e locais que reúna grupo de crianças e jovens (ANTÓNIO *et al.*, 2012). O comportamento feminino, entendido como delicado, é uma inferência à violência. Destaca-se, ainda, que Miguel sofria *bullying* em razão de seu peso, motivo comum entre as causas do assédio, já Glitter sofria *bullying* por sua condição social, sendo chamado por outras crianças como o “louco de fome”.

6.2.2 Feminilidade: Miguel

Miguel narrou que durante a infância e adolescência, ele procurava esconder a sua feminilidade para evitar sofrer alguma forma de violência, contudo, a sua feminilidade fazia parte de sua essência como sujeito. A expressão de gênero de Miguel era a feminina e, por isso, tornava-se difícil performar algo entendido como o oposto, a masculinidade.

Eu morava numa cidade de 9 mil habitantes, então eu sempre me reprimi muito, né. Sempre pra mim falaram que a homossexualidade lá era uma aberração, né, tipo. Lá em *Margarida*, quando as pessoas pensam gay, elas acham que vai ter uma pessoa, tem duas pessoas que pensam. Uma que tu vai ser um demônio, um demogorgon na rua correndo atrás de você e a outra pensa que vai ser pro estilo bacanal, né, prostituição, sexo ao ar livre, na praça pública, então existem esses dois. Então eu me reprimi ao máximo, só que eu

nunca consegui, porque a minha questão ela ia pra uma expressão de gênero, porque eu não tava expressando aquela masculinidade. Então, por mais que eu falasse que eu gostasse de meninas, eu andava só com meninas e as pessoas brincavam, “ah o *Miguel* deve pegar todas as amigas”, todas as minhas amigas. Eu não expressava a minha masculinidade, então era um jeito de falar, era um modo de agir, era o modo como eu olhava o mundo e isso meio que as pessoas percebiam. Então tipo assim, quando eu contei aos 17, que eu fui contando gradualmente pros meus amigos, meio que todo mundo ficou, “nossa, que novidade, né, meu Deus” (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel, durante a sua fala, comentou criticamente sobre a imposição social da heterossexualidade, como sendo algo estritamente biológico e que deve ser seguido por todos os membros da sociedade, o contrário seria entendido como uma anormalidade. A fala do pesquisado vai ao encontro do conceito já apresentado de heterossexualidade compulsória, de acordo com Colling; Nogueira (2014).

E a questão da heterossexualidade né, essa imposição, ela é uma questão completamente biológica, né. Mas aí o que muitos preconceituosos e homofóbicos que são aqueles que acabam impondo essa heterossexualidade, ou seja, você não pode ser gay. Normalmente eles têm um pensamento extremamente arcaico, mas quando eu digo arcaico, é arcaico mesmo assim neolítico, porque eles estão falando sobre biologia e a continuação da espécie, “não porque nós temos que continuar a espécie.” Tá, mas a nossa sociedade já evoluiu muito, nós não estamos falando só sobre dar continuidade a espécie. A gente tá com 7 bilhões de pessoas no mundo e a gente não sabe o que fazer com elas. E se a gente continuar aí, dando continuidade sem pensar no bem-estar, né, dessa sociedade, a gente não vai conseguir chegar a lugar nenhum (MIGUEL, 2022, s.p).

O conceito de heteronormatividade (MISKOLCI, 2009) está presente na fala de Miguel, que mencionou o discurso social de aceitação aos homossexuais masculinos, desde que esses performem a masculinidade, do contrário, o preconceito virá inclusive da comunidade *gay*, pois, segundo o pesquisado, o *gay* afeminado não é bem-visto na sociedade de modo geral e entre os demais homossexuais, o que é apontado por outras pesquisas (BAYDOUN, 2020; COLETTI, 2014; NONATO, 2020). A fala, o modo de andar, gesticular e de se vestir são fundamentais para a aceitação do indivíduo do gênero masculino na sociedade (MOURA; NASCIMENTO, 2021).

Eu até brinco que eu sou homofóbico por conta disso. Porque o que acontece, normalmente a *gay* que sofre preconceito, não que os outros gays não sofram, mas a *gay* que sofre preconceito ela é a *gay* afeminada. Porque o que acontece, existe, acabou que foi se reconfigurando a estrutura machista onde chegou num ponto que é, tá, pode ser *gay*, agora não vai querer ser mulherzinha. Pode ser *gay*, mas então começou a se criar esse padrão, então muitos gays acham que é né, confortável talvez não gesticular, não agir da maneira que gostaria porque ele só quer ser um *gay*, né, que tem relacionamento com outros homens (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel expôs a sua opinião sobre como o *gay* afeminado é visto na sociedade, tal comentário é semelhante ao apresentado por Glitter.

A *gay* afeminada ela é estereotipada, ela é vista como promíscua, ela é vista como escandalosa, ela é vista como mal-educada, afrontosa, [...] ela é vista como a escória da letra G [*gay*]. Essa é a realidade, é, tanto que se a gente for falar sobre a história LGBT, principalmente a história *gay*, a gente vai ver que quem cabeceou as maiores revoluções não foram homens *gays* padrão, né, foram bichas afeminadas que tinham essa gana, essa vontade de mudar (MIGUEL, 2022, s.p).

Para Glitter, há um grande preconceito com os homossexuais afeminados dentro da comunidade *gay*. De acordo com o seu relato, ele acredita não ter sofrido alguma violência por outros *gays*, contudo, segundo o pesquisado, é evidente que há discriminação com os homens afeminados entre os seus pares.

Como eu tenho esses hábitos de não ir pra festa, de não conviver muito com *gays*, digamos assim, eu não tive isso, sabe, assim tão descarado. Mas eu percebi que nas festas quando na maioria das vezes, eu percebia os grupinhos, entende. E que por mais que tivesse às vezes uma mais assim, afeminada, ela não era tão agregada ao grupo, sabe. Ou ela fazia toda aquela questão assim de juntar a galera pra ir pra uma festa e fazer a festa, tipo ser a palhaça da galera e ser a pessoa que anima. Mas ela não era tão aceita, sabe. Porque querendo ou não, nós homossexuais, *gays*, eu digo, a gente busca sempre uma imagem, uma referência mais masculina. Porque a gente, porque eu já vi homens e *gays* dizendo assim, “ah se fosse pra gostar de alguém mais feminino, eu ficava com mulher.” E eu assim, então tá, tudo bem, ok. E aí muitas vezes eu fico me questionando ao quanto eu estou afeminado ou ao quanto eu estou masculino, ou ao quanto isso é o meu jeito, ao quanto isso é minha essência, ao quanto isso me incomoda, ao quanto isso eu realmente quero evidenciar ou ao quanto isso eu quero muitas vezes esconder pra poder ser aceito por alguém, sabe. Mas assim, num meio geral as afeminadas são totalmente discriminadas total. Agora elas estão mais assim, mais vanguardistas, entende. Porque elas que tão abrindo muito assim, vamos supor, as afeminadas elas são mais estilosas, elas têm muito a opinião formada, elas se impõem na sociedade, elas aprenderam a se defender, sabe. E aí é muito fácil, vamos supor, pro *gay* padrão, vir na sombra das afeminadas e vamos supor em questão de estilo, em questão de muitas vezes ousar numa roupa, hoje poder usar uma roupa que uma afeminada começou a usar alguns anos atrás e que hoje eles usam por estilo e acham que é, faz parte sabe. É muito fácil, sabe. Mas foram as afeminadas que levantaram a bandeira, sabe (GLITTER, 2022, s.p)

Miguel contou que já precisou se esforçar para performar a masculinidade quando tinha algum encontro amoroso, pois queria agradar o parceiro e ser notado por esse. Conforme narrado, o “*gay* padrão”, ou seja, aquele que performa a masculinidade e a virilidade, também entendido como o *gay* viril apresentado por Coletto (2014), é o homossexual masculino que segue os pressupostos heteronormativos, e que conforme as pesquisas de Baydoun (2020); Nonato (2020), reforça a opressão aos *gays* afeminados.

Para Miguel, o *gay* afeminado, de maneira geral, acaba sofrendo mais preconceito em comparação ao “gay padrão”, indo ao encontro com Cornejo (2011), pois o “gay padrão” é mais aceito socialmente por se comportar conforme o esperado para o seu sexo/gênero.

Já saí com meninos que eu tive que, sei lá, me esforçar pra parecer masculino porque aí, eu queria que ele me notasse. Tipo, tu percebe o quão babaca são esses gays normalmente. A gay padrão, que ela normalmente busca masculinidade em outros homens e ela se sente atraída. Eu acho que cada um faz o que quiser na sua linda vida, mas você não pode impor isso, né, como certo. Então, criticar a gay afeminada e não dar visibilidade a ela, porque é o que acontece no meio LGBT. Isso é um fato, quando a gente fala sobre gays, nós estamos falando sobre quais gays. Porque o gay padrão, né, normalmente não sofre 1/3 do preconceito que uma gay afeminada sofre e isso é um fato (MIGUEL, 2022, s.p).

O pesquisado disse ao longo do recolhimento de sua história de vida que sempre teve proximidade com o feminino e com as mulheres. Miguel narrou que a figura das mulheres representava, de um certo modo, o acolhimento e respeito que não encontrava no masculino. Desde a infância, o feminino esteve presente nas suas relações de vida. Miguel comentou que, o feminino e as mulheres permanecem presentes em sua vida, inclusive o pesquisado disse que possui dificuldade de compreender questões ditas masculinas quando essas são colocadas em oposição ao feminino.

As pessoas que estiveram do meu lado me dando exemplo, sempre foram mulheres. Então meio que eu adquiri o modo de pensar delas e eu meio que olho pro mundo dos homens e fico, eu não entendo muito bem isso e até hoje em relação a algum relacionamento às vezes tipo porque eu entendo mais a minha cunhada, eu entendo mais a mãe do meu namorado e às vezes eu não entendo o meu namorado. Eu fico assim, porque que tu tá agindo dessa maneira, tipo. E daí eu vejo que o pai dele entende ele e eu não, tipo eu entendo a mãe dele, eu entendo a irmã dele, eu entendo todas as figuras femininas que estão ali, eu não entendo as figuras masculinas. E sempre foi assim, tipo lá na minha casa também eu sempre entendi todas as figuras femininas e não entendia as figuras masculinas (MIGUEL, 2022, s.p).

Segundo Miguel, a masculinidade imposta aos homens é algo que causa angústia entre boa parte dos membros da comunidade *gay* que não a performam, essa imposição acaba se tornando uma forma de violência muito comum entre os homossexuais.

Então é cômodo, é cômodo você ser o padrão, é cômodo. [...] Não, não quer dizer que você tem que ser afeminada. Eu conheço muitos gays que são padrão, que eles não têm um traço de feminilidade. Só que eles são pessoas que eles ativamente estão dentro da comunidade que abraçam, que não estão buscando essa masculinidade, que é uma masculinidade tóxica e que não estão propagando ela por aí, né. Que eles só são e tá tudo bem você ser uma gay padrão, o problema é quando você quer impor isso e você simplesmente olhar com maus olhos a gay afeminada (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel seguiu comentando sobre o preconceito e estereótipos pelos quais *gays* afeminados são submetidos socialmente. Para ele, tal situação é reforçada pela própria comunidade *gay*, que valoriza excessivamente o “gay padrão”, ou seja, aquele homem que performa a masculinidade e virilidade em suas relações de vida. O pesquisado demonstrou forte ressentimento aos padrões estabelecidos e pela forma que é tratado e estigmatizado pela sociedade como um todo.

As gays velhas elas olham pra bicha nova, pra bicha afeminada, com um olhar extremamente de soberba, né. Você é inferior a mim e você é pior do que eu. Você não é masculina, então eu não vou sair com você porque você não é homem, como é que eu vou transar com você? E tem muita essa, né, porque quando você olha de fora as pessoas acham que gay é tudo promíscuo e os próprios gays acham isso, principalmente os gays padrões. Então é uma coisa assim, “ah é que é viadinho ó, afeminado, é passivo”, né. O ativo ele tem que ser, é obrigatório, que ele seja extremamente masculino, másculo, porque ele é ativo, ele é o ativo da relação, ele é o homem. Porra nenhuma, normalmente porra nenhuma, né. Acho que eu me exaltei um pouco agora, fiquei com raiva, eu começo a falar e fico com raiva (MIGUEL, 2022, s.p).

Para o pesquisado, a maioria dos homens *gays* procuram parceiros para ter relações sexuais casuais, o que para ele é algo que o incomoda, pois as relações acabam perdendo a essência livre dos sujeitos. Segundo Miguel, as relações entre os homossexuais masculinos estão diretamente interligadas ao fetiche sexual, gerando estigmas aos indivíduos, como, por exemplo, os homens afeminados, como sendo pessoas sensíveis, frágeis e passivas sexualmente.

E eu acho também que no próprio meio LGBT meio que foi se perdendo um ponto que na arte a gente tanto procura, né, que é a autenticidade. Então meio que a vida LGBT ela é muito mixada, então tem essa questão de ser afeminado, másculo, padrão, urso... são muitas ramificações quando o que a gente deveria buscar é uma autenticidade e se relacionar com alguém que a gente goste e se sente à vontade e não tratar das nossas relações interpessoais como fetichismo, sabe. Porque eu sinto que às vezes dentro do meio LGBT é muito fetichista, existe muito fetichismo, no caso. Então é uma coisa assim, “ah a libido aumenta quando eu vejo”, né. Eu acho que cada um é livre pra sentir uma atração estética, né, por conta de um estilo ou outro, mas tem que ser mais que isso (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel narrou que ao longo do tempo estudou sobre identidade de gênero, pois tinha o interesse de se conhecer, entender a sua feminilidade e a sua expressão de gênero. O autoconhecimento de Miguel foi fundamental para a compreensão de si como sujeito.

O entendimento completo sobre a minha pessoa. Não foi fácil, eu acho que era muito engraçado porque enquanto os meus amigos estavam preocupados em beijar, eu estava preocupado com o quem eu sou, né. É, eu tive muitas fases, muitos questionamentos, às vezes eu parava pra pensar, gente será que eu não

sou uma pessoa trans? Né, porque eu sou apontado como gay, menininha, né. Tipo “tu não é homem” e isso acaba mexendo um pouco com a nossa cabeça e a gente fica, será que eu não sou uma mulher no corpo de um homem? O que que tá acontecendo aqui? Né, porque a gente não entende o porquê que a gente não pode ser um homem e ter traços femininos, né. Daí eu comecei a pesquisar muito sobre, teve um período onde eu achava, na verdade eu achava não, mas eu me identifiquei muito com a não-binaridade, eu achava que eu era uma pessoa não-binária e posterior a isso eu simplesmente parei e pensei, tá, será que eu não sou uma pessoa não-binária, será que eu não me identifico com nenhum dos gêneros? Não, eu me identificava como homem gay que era feminino, né. E que é uma feminilidade que eu particularmente hoje eu adoro e eu acho que é necessário a homens heteros serem mais assim, mais femininos. Porque sinceramente os gostos pessoais dos homens que são extremamente masculinos, eles não são os melhores, não querendo criticar é claro, mas já criticando. É, mas eu acho que essa feminilidade é algo muito particular minha e hoje eu amo muito ela. Eu acho que ela faz parte de mim, ela me diferencia dos demais e é isso. Foi difícil, foi árduo chegar até aqui nesse entendimento completo sobre a minha pessoa, sobre me olhar no espelho e reconhecer e entender que um dia eu vou querer usar um terno e que tá tudo bem um dia eu usar um cropped com uma calça mom, que é um look dito feminino. Eu tenho muitas roupas femininas, eu gosto muito de roupas femininas, eu me sinto muito confortável em usá-las (MIGUEL, 2022, s.p).

Conforme narrado, Miguel acredita que a sociedade impõe a heterossexualidade e a masculinidade, criando barreiras para que os indivíduos possam entender as suas subjetividades. Segundo o pesquisado, a partir do momento em que as pessoas começam a compreender as suas identidades e performances, e se permitirem ser quem realmente são, isto acaba gerando estranheza no coletivo.

A nossa sociedade não deseja que a gente tenha esse autoconhecimento. Porque esse autoconhecimento ele é muito perigoso, né, no momento em que você olha e diz, olha eu posso ser um homem feminino, eu posso ser um hetero feminino, eu posso ser um homem gay feminino, eu posso ser um homem gay masculino, né. Contando que eu não interfira e não imponha isso a ninguém, eu acho que no momento em que a gente cria esse conhecimento, a gente acaba se libertando dessas amarras que a sociedade ela luta tanto pra manter na gente (MIGUEL, 2022, s.p).

O machismo está diretamente ligado ao preconceito à feminilidade masculina, para Miguel. De acordo com o seu relato, há sociedades em que o comportamento feminino performado por homens é entendido como algo comum e compreensivo, diferente do que é visto em países como o Brasil, onde os aspectos patriarcais, hierárquicos e machistas estão fortemente presentes na constituição social do país.

Bom, eu acho que essas imposições elas servem pra atrapalhar a vida das pessoas e elas têm uma conexão muito forte com o machismo né, elas são o braço do machismo e elas estão enraizadas junto com ele assim. É algo muito profundo principalmente na nossa cultura ocidental, não que a cultura oriental não tenha, mas existem países do oriente hoje que essa imposição à masculinidade né, essa virilidade, ela já está sendo colocada em xeque, o que

é ser homem? Então eu acho que essa visão ocidental de ser homem ela é ainda muito arcaica levando em consideração outros países. Por exemplo, a Coreia do Sul que é um dos países que a feminilidade masculina ela é aceita, então o homem coreano ele tem um modo de se vestir, de se portar que é muito delicado, que é muito diferente do que a gente tem no Brasil e em países europeus por conta né, dessas questões machistas que estão enraizadas. Não que lá não exista o machismo, ele existe, mas ele já tá se configurando de outra maneira, né (MIGUEL, 2022, s.p).

Em diversos momentos, ao longo dos encontros, Miguel frisou que a masculinidade não o agradava, principalmente a masculinidade hegemônica, pois esse era um dos motivos dos sofrimentos que teve desde a infância, como o *bullying*, e as agressões que sofre na vida adulta. Segundo ele, “difícilmente eu vou ter relação com homens de performance masculina assim, porque eu acho meio tosco e meio tipo, ai tá, para, tá”.

Ao longo dos encontros, Miguel demonstrava ter um certo desconforto à construção social da masculinidade ocidental. Questionado se possuía algum preconceito ao masculino, ele prontamente disse que sim. Para o pesquisado, a masculinidade estava fortemente relacionada as diferentes formas de violência que sofreu desde a infância.

Eu tenho esse preconceito. Porque normalmente eles são ensinados de uma maneira bem escrota pra viver em sociedade, né. Vocês estão acima de tudo e todos e você pode agir de determinada maneira porque você não vai ser julgado por isso porque você é homem. Então isso é uma coisa que eu tenho preconceito com essas pessoas. [...] Começou a se provar a masculinidade através de atos que são bem grotescos assim, tipo, normalmente você não vê uma mulher cuspidando no chão. E daí as pessoas falam, “então, Miguel, você quer que as mulheres cuspiam no chão?”. Não, eu não quero que a mulher cuspa no chão, porque cuspir no chão é nojento. Vai nos causar estranheza porque por muito tempo foi dito pra gente que o homem pode e a mulher não. Só que do meu ponto de vista, nenhum dos dois pode, sabe. Porque é nojento. Então é meio que isso sabe, é essa performance onde o homem tem licença poética pra fazer nojeira [...] então por isso que eu tenho um pouco de preconceito nisso (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel foi questionado se o seu desprezo ao masculino poderia ser considerado uma masculinofobia, aqui entendida como repúdio, ódio, receio, pavor a tudo que se remeta ao masculino. O pesquisado confirmou que detesta tudo que diz respeito ao masculino, em função de todo o sofrimento que já sentiu e que ainda sente em sua vida, tendo em vista a imposição social aos homens que performem a masculinidade e a virilidade.

Uma masculinofobia, nossa, é sobre isso. Eu tenho essa masculinofobia. Tipo, é porque também eu não sei como agir nesse local, porque você sendo um homem gay afeminado, você fica sempre na defensiva quando tem um homem

muito masculino perto de você. Porque você não sabe o que pode te acontecer porque normalmente são essas pessoas que têm uma reação extrema em relação ao seu modo de se comportar em sociedade, né. Você não sabe quando vai levar um soco de uma pessoa assim. Então também me faz querer ficar longe por essa questão. [...] Eu repudio a masculinidade (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel têm muitos receios e medos de transitar por ambientes considerados masculinos. O pesquisado disse que não espera boas relações com homens masculinizados, temendo até mesmo ser agredido por esses.

O homem que performa masculinidade eu não consigo entender e normalmente eu não me aproximo. Porque se eu me aproximo, é por um advento terceiro, então porque eu preciso talvez, e eu sempre vou esperando que aconteça alguma merda. Eu vou tipo assim, cara, talvez eu apanhe ou talvez aconteça alguma coisa (MIGUEL, 2022, s.p).

Conforme narrado pelo pesquisado, a performance de gênero masculina o incomoda, a imposição social de que homens devem agir de modo agressivo e não expressar seus sentimentos são exemplos desse repúdio que Miguel desenvolveu à masculinidade. Para ele, as criações sociais de gênero são prejudiciais aos sujeitos, pois acabam deformando o livre expressar das identidades desses.

E daí eu comecei a ver que na verdade o que me irritava e o que me deixava distante dos homens não era o homem, mas sim a performance de gênero masculino que foi uma questão que alguém escreveu lá e depois começou a ser replicado na sociedade que o homem tem que agir de tal e tal maneira e a mulher tem que agir de tal e tal maneira (MIGUEL, 2022, s.p).

O discurso de Miguel vai ao encontro do visto acima sobre o patriarcado (DELPHY, 2009). Para o pesquisado, a sociedade, de forma geral, tende a proteger os homens em detrimento às mulheres, os homens teriam o direito de errar, já as mulheres devem medir seus atos e falas, pois podem ser mal interpretadas e acabar gerando consequências que as prejudicariam.

Que tipo do homem, força bruta, vai incosequente, não pensa, age como der, tu tem aval pra isso porque tu é homem. Tu tem aval pra isso porque se fazer merda e sendo homem é ok, a sociedade espera. Então, o homem de 30 anos ele é um moleque, a mulher de 30 anos se ela fizer alguma coisa errada, ela é uma vagabunda, ela é burra, ela meu Deus, ela não evoluiu (MIGUEL, 2022, s.p).

Para Miguel, o “gay padrão” é privilegiado na sociedade, pois em comparação ao *gay* afeminado, sofre menos preconceito, em razão de performar a masculinidade e a virilidade esperadas aos homens. A fala do pesquisado vai ao encontro com trabalhos que

estudaram homens afeminados, os quais mostram que o homem afeminado é visto como inferior em relação ao homem heterossexual viril e o homem *gay* viril (Baydoun, 2020); (Lopes, 2017); (Nonato, 2020). Para Miguel, o preconceito aos *gays* afeminados está presente inclusive entre os próprios afeminados: “é que na verdade todo *gay*, até o *gay* afeminado, ele não curte o afeminado. Porque ele tá atrás de quem performa a masculinidade”. O pesquisado compreende que o *gay* afeminado é visto de forma abjeta, segundo ele, “as pessoas, elas veem o *gay* afeminado como um símbolo de libertinagem, como símbolo de sexualidade a florada e pederastia”.

Um *gay* padrão jamais fica com um *gay* afeminado. Meio que é lei. Tudo isso porque talvez, não, talvez não, falando com propriedade porque a primeira pessoa a levar o baque do preconceito não é o *gay* padrão, né. A gente precisa entender que a gente vive numa sociedade onde o *gay* ele não deixa de ser homem, ele não deixa de carregar todos esses privilégios. Então se você é um *gay* que performa o gênero masculino, tá tudo bem, ainda tá tudo bem, né. Então se você é o *gay* que performa uma feminilidade maior, você vai levar o baque primeiro, porque tu não tem como esconder. Então essas pessoas também não querem ficar próximas, a gente serve como entretenimento, né. A que bate cabelo, é a que vira drag queen, é a mamãe Pablio Vittar, é não sei o que, é a maquiagem que tá um bafo, é o amigo que serve pra ti falar “a louca”, mas não é quem tu vai querer namorar. Isso é a verdade (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel narrou que durante a adolescência ele performou uma feminilidade mais acentuada, como meio de manifestação e resistência ao preconceito que viveu em Margarida. Segundo o pesquisado, atualmente, ele não performar tal feminilidade como no passado. A sua maneira de se manifestar era, sobretudo, através das vestimentas e adereços e modo de se comportar: “foi um período da minha vida onde eu tava querendo me provar. Então eu também queria provar que eu era empoderado e que eu podia e que a sociedade ia ter que me engolir e tudo o mais. Então foi naquele período mais adolescente de afronta”.

Miguel relatou que já deixou de participar de reuniões de trabalho com clientes para não os incomodar com o seu comportamento. Conforme narrado, a sua feminilidade causava desconforto ao público externo e, por isso, evitava contatos presenciais, principalmente, com homens, supostamente, heterossexuais e de comportamento masculinizado.

Mas a gente às vezes sente olhares, né. Às vezes as pessoas não gostam, porque eu particularmente sempre trabalhei com o público, então às vezes é, eu trabalhei numa empresa júnior, às vezes eu tinha que fazer uma reunião, normalmente quando era com um homem a gente chegava no consenso de que eu não ia ir, porque normalmente eles não gostavam muito (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel foi questionado sobre outros problemas que ele acreditava que a sua feminilidade poderia gerar nas relações de trabalho. Para ele, o comportamento feminino influenciou em seleções de emprego as quais ele não avançou, conforme dito, os recrutadores buscam homens com comportamento masculinos, embora Miguel entender que tivesse as competências necessárias para as vagas, o fato de não performar a masculinidade era determinante para não ser selecionado nas vagas que pleiteava.

Ah isso acontece bastante né, principalmente quando é uma entrevista cara a cara, as pessoas tendem a dar uma desculpa, fala qualquer coisa e meio que fica por isso, né, a gente nunca mais é chamado. Às vezes a gente tem a competência e as habilidades necessárias para assumir o cargo, mas a gente não é chamado porque né, porque a gente não atende um dos pré-requisitos que é a masculinidade (MIGUEL, 2022, s.p).

Referente às relações de trabalho, Miguel foi questionado se ele acredita que teve certa dificuldade de acesso a alguma vaga de trabalho em razão de sua feminilidade.

Sim, na verdade nunca se mostrou isso de maneira explícita. Muitas das vezes isso acontece de maneira velada dentro das instituições, seja ela pública ou privada. Então, sim, às vezes a pessoa te chama pelo currículo, mas chega lá e você é dispensado assim. Mesmo que, não querendo ser prepotente neste momento, mas que é evidente que você tem mais capacidade do que a pessoa que tá concorrendo a vaga com você, mas enfim. Principalmente em locais onde você precisa trabalhar com atendimento ao público (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel disse que até pouco tempo fazia o uso de roupas e adereços considerados femininos, segundo ele, como o seu corpo possui medidas mais comuns em mulheres, ele buscava explorar esse diferencial, fazendo o uso de roupas que valorizassem o seu corpo. Além disso, Miguel, em um passado recente, também fazia o uso de maquiagem em excesso e adereços como brincos e colares, objetos entendidos socialmente como pertencentes ao campo feminino. Hoje, Miguel utiliza maquiagem, mas conforme narrado, em menor quantidade. O pesquisado reforçou que não descarta voltar a usar roupas tidas como femininas, pois busca o conforto para se vestir.

Até o ano retrasado eram femininas que eu usava, né. Então tipo eu sei que a minha concentração de gordura é nas coxas, que é uma coisa muito parecida com o que acontece no corpo feminino. Não é todo homem que é assim, que tem coxa grossa e a cintura fina, né. E isso é uma coisa que acontece em mim, então eu sempre tive a dificuldade de encontrar calças masculinas, né, ditas masculinas. Então eu comprava calças femininas. Então desde muito cedo eu sempre usei roupa feminina por conta disso e de conforto. Mas com o passar do tempo eu compraria feminina, sim. É que t-shirt, é t-shirt sem gênero. Porque eu comprava tudo, adereços, brincos, colares, meio que tudo bem andrógino (MIGUEL, 2022, s.p).

O pesquisado foi questionado se sofria preconceito por usar roupas e adereços tidos como femininos, a resposta foi afirmativa. Quando Miguel visitava sua família em Margarida, a sua mãe solicitava que ele se vestisse com trajes masculinos, mas Miguel não tinha a intenção de esconder a sua identidade, além de ser uma forma de manifestar o seu ressentimento pelo lugar que tanto lhe fez mal durante a maior parte de sua vida.

Sim, sim, sim, sim, mas eu nunca deixei de usar. Nunca deixei de usar, mas eu sofria. Na verdade, até a minha mãe ela pediu várias vezes pra mim, pelo menos em *Margarida*, me vestir mais como homem, né. E meio que eu nunca levei muito a sério. É porque na verdade eu não tava me importando, né, porque eu também não me importava com nenhuma daquelas pessoas que estavam naquela cidade. Então não tinha por que eu mudar o meu jeito de ser por causa delas (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel foi questionado sobre quais as vantagens que a sua feminilidade trazia a ele, “eu acho que ajuda muito na autoestima, na minha autoestima. Ajuda muito na minha, creio que na minha vulnerabilidade de me colocar sempre à disposição pra aprender”. Ele também comentou sobre as vantagens e desvantagens de sua feminilidade em sua vida.

Eu fui pra uma área muito sensível, né. Que tu precisa de um grau de sensibilidade muito grande pra ti julgar qualquer coisa. Que é a área das Artes, então eu acho que esse feminino que mora dentro de mim, ele me ajuda muito. Na verdade eu acredito que todo mundo tem um feminino e um masculino, tanto que isso é uma coisa que se trata muito dentro do paganismo, né. Que existe o feminino e o masculino dentro independente do corpo. Independente de gênero biológico. E em mim tá mais aflorado e tá tudo bem não estar aflorado em outras pessoas. [...] O que me atrapalha na vida é porque a gente vive numa sociedade extremamente preconceituosa, onde as pessoas olham da cabeça aos pés, enquanto eu tô simplesmente vivendo. Às vezes é desconfortável quando as pessoas reparam muito em mim. Que eventualmente eu percebo. [...] Então, que chega a ser incômodo, chega a ser um assédio. Também a questão do assédio do homem em si, ele tratar uma pessoa, um homem afeminado, da mesma maneira como ele trataria uma mulher. [...] essa feminilidade, ela carrega consigo muitos pontos negativos que uma mulher sofre também. Porque este ser masculino tóxico, ele vai agir de maneira igual ou similar (MIGUEL, 2022, s.p).

Para o pesquisado a feminilidade faz parte de sua identidade, sendo algo que pertence a sua natureza.

Eu vejo em mim a feminilidade como algo muito natural, algo que não tem como desvincular de mim, eu sou assim. Eu me olho no espelho e me enxergo dessa maneira, com barba, sem barba, com unha grande, sem unha grande. [...] Eu já me questioneei na minha questão de gênero. Mas hoje eu sei que não, que eu não sou uma mulher. E eu acredito que não necessariamente você precisa ser uma mulher pra você ter todos os atributos de uma mulher. E atributos que eu digo, é de performance de gênero e não atributos físicos (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel falou sobre a importância dos estudos de gênero e sexualidade para se entender como sujeito e compreender a raiz de parte do preconceito e imposições que sofre no dia a dia.

Então, e por muito tempo eu me questioneei sobre o meu gênero e me enxergar dessa maneira. Só que no momento em que tu começa a estudar, né, toda a questão de gênero e construção social, a construção social de gênero que a gente tem e tudo o mais, tu percebe que muitos desses problemas que a gente tem é por conta disso. Por conta de vivermos numa sociedade binária, então as coisas seriam mais fáceis se a gente vivesse numa sociedade não-binária, né. Mas a gente vive numa sociedade binária, enfim. Não tô dizendo que eu me identifico como não-binário, por mais que muitas vezes, se eu pegar a descrição, eu me identifico mais do que me identificar como homem, com o gênero masculino. Mas o que que ocorre né, essa feminilidade que eu vejo muito natural em mim, ela, eu também identifico em homens que são muito preconceituosos. Mas daí é muito reprimido (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel apontou que em diferentes culturas, sobretudo, em orientais, a feminilidade performada por homens não se trata de algo negativo, e que as imposições sociais aos homens e às mulheres são prejudiciais aos indivíduos, pois ferem as identidades e acabam gerando inúmeras consequências negativas ao longo de suas vidas.

Eu acredito que você performar tudo isso que é dito feminino, não te faz mulher. Porque isso foram construções sociais criadas por homens ou por, normalmente foram criadas por homens, né, que ditaram o que uma mulher pode e o que uma mulher não deve, e o que o homem deve e o que o homem não deve. E como que a gente pode enxergar isso na sociedade né, porque se a gente olhar pra trás, a gente vai ver diferentes culturas, em diferentes locais, agindo de maneiras diferentes em relação ao que é ser o masculino e o feminino. Então hoje na Coreia, é diferente você ser homem do que ser homem no Brasil. O homem no Japão é um homem diferente do Brasil. Por mais que a globalização tenha meio que deixado todas essas personalidades masculinas tóxicas, elas ainda assim são distintas e diferentes em determinados locais do planeta, bem como a feminina. Então é meio que isso assim, mas a minha feminilidade é muito natural, muito gay, muito natural. Porque na verdade quando você olha assim, pro homem gay, você às vezes olha buscando aquela feminilidade, às vezes até dentro do meio gay. Como eu disse, os gays padrões eles olham e repudiam a gay afeminada. Mas quando tem, exemplo, uma gay que ela é caricata, já encontram nela então essa feminilidade (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel foi questionado sobre como se sente quando está em um ambiente considerado masculino. O pesquisado disse que se sente “horrrível. Eu me sinto fuzilado. Eu me sinto fuzilado por diferentes aspectos, né. Ou é o olhar do assédio, ou é o olhar do desprezo”. Os olhares recebidos por Miguel são fatores que o deixam com medo, acuado e receoso, segundo narrado pelo pesquisado.

Mas todos esses olhares, eles te levam a uma reação só, que é uma reação interna de, como que eu posso dizer, de repressão pra se auto proteger, né. Então é aquele momento em que você fica acuado. Então você recebe todos esses olhares, seja de assédio, desejo, de repressão, ódio, nojo, enfim. Mas tu acaba, independente desses, independente de qual for, você vai sair acuado, com medo, tentando se reprimir ao máximo pra garantir a sua sobrevivência nesse ambiente (MIGUEL, 2022, s.p).

A questão dos olhares que recriminam também estavam presentes na fala de Glitter, segundo ele, “mais são os olhares às vezes, né. Os olhares que recrimina. Às vezes algumas palavras de alguém que tá no carro, sabe. Muitas vezes me choca bastante”. Os olhares e os comentários de terceiros causam constrangimento em Glitter e Miguel, ambos se sentindo ridicularizados e motivo de piadas, ou vítimas de agressões mais graves.

Miguel comentou que os olhares das pessoas na rua, por exemplo, o incomodam. Ele percebe estes olhares como uma tentativa de repreensão, de opressão. Tais ações que o condenam por performar a feminilidade que faz parte de sua identidade como sujeito.

Principalmente o olhar. O olhar do tipo, normalmente estes homens eles te olham de uma maneira que eles querem te colocar num local de submissão e inferioridade. Bem como eles olham pras mulheres, sabe. Quando eles veem um homem performando uma feminilidade, da mesma maneira que ele olha pra mulher, ele olha pro gay afeminado (MIGUEL, 2022, s.p).

Atualmente, Miguel diz não se importar com os olhares. Segundo narrado, esses são tão frequentes que ele deixou de se incomodar, tornando-se algo irrelevante.

Na rua, eu vou ser bem sincero, sabe, eu tenho lembranças das pessoas olharem, mas hoje já não percebo mais porque com o tempo vai ficando batido, né. Porque se você for sair na rua e você for reparar em todo mundo que tá te encarando por conta da unha, por conta do cabelo, por conta do modo como tu anda, você para de viver, né. Tu vai ficar se policiando aí. Principalmente nesse momento, no momento que tu para de se policiar, eu acho que meio que tu faz ah, porque tipo assim, eu acho que você repara mais nisso quando você mesmo está reparando. Quando você para de reparar o que as pessoas estão reparando, meio que se torna irrelevante (MIGUEL, 2022, s.p).

O pesquisado comentou que se sente inseguro e com medo com a escalada da violência incentivada por grupos de extrema direita e conservadores contra as populações políticas minoritárias, como a LGBTQIA+.

Tipo, eu não tenho como tirar o preconceito da sociedade, isso é impossível. E falar que eu vou viver uma sociedade sem preconceito, sendo que a gente vive numa sociedade onde, de uns anos pra cá, ele ficou mais evidente e ainda mais pungente assim, mais perigoso e mais, enfim. Preconceito que antes era velado e não tão nocivo, hoje ele tá mais nocivo. Por mais que tenhamos muitos avanços, né dentro da comunidade, a gente tem que entender que é dentro da comunidade, é dentro de uma bolha (MIGUEL, 2022, s.p).

Durante os encontros para o recolhimento da sua história de vida, Miguel relatou que havia sido assediado por um motorista de aplicativo. Conforme narrado, o assediador comentou sobre a sua “delicadeza”. O pesquisado se sentiu muito mal e revoltado com a situação.

Eu tinha acordado atrasado e peguei um Uber, tava chovendo e daí eu chamei um Uber, e daí ele começou a mandar um papo muito estranho pra mim. E daí tipo, eu me senti muito enojado porque ele falou assim, “ah você é uma pessoa muito delicada”. E eu fiquei tipo assim, resumindo, ele começou a me assediar, sabe, né, com palavras. E eu comecei a ficar muito desconfortável e daí tipo, tu não sabe muito bem como agir, bem como qualquer mulher não sabe nem como agir. E as pessoas, elas acham que elas estão no direito de falarem o que elas bem entendem. E ainda no final ele fala assim, “ah, eu como um homem bi casado”. E eu assim, puta que pariu velho, vai morrer, sabe. [...] E daí eu fiquei tipo, enojado, mas ao mesmo tempo tu fica com medo porque tu tá dentro de um carro de um estranho e eu tipo assim, eu só peguei e botei o meu fone e fiquei quieto. Eu acho que eu nem botei meu fone, eu só abaixei a minha cabeça e fiquei quieto, não lembro agora (MIGUEL, 2022, s.p).

O episódio de assédio fez com que Miguel refletisse sobre o lugar de privilégios dos homens na sociedade, para ele, “o homem se sente nesse direito de falar o que ele bem entende, quando ele bem entende, da maneira que ele bem entende porque ele é homem”. Assim como Glitter e seguindo as pesquisas de Lopes (2017); Nonato (2020); Baydoun (2020); Moura; Nascimento; Barros (2020) com homens afeminados, Miguel compreende que a sua feminilidade é o motivo para boa parte do preconceito que sofreu ao longo da vida, desde o *bullying* que vivenciava na escola e as suas consequências durante a juventude e a vida adulta, até os olhares de recriminação que recebe hoje em dia. O pesquisado narrou sentir medo de ocupar determinados locais, haja vista não performar a masculinidade heteronormativa, fazendo com que ele tenha receio de ser agredido ou suportar alguma outra forma de violência.

Ao contrário de Glitter, que acredita que o seu comportamento feminino possa ter auxiliado na inserção em determinados postos de trabalho, Miguel entende que possa ter sido prejudicado em seleções de emprego em razão de sua identidade feminina. Ressalta-se que o pesquisado já precisou de ausentar de reuniões de trabalho como uma forma de não incomodar o cliente com a sua performance feminina. Moura; Nascimento; Barros (2017), abordam sobre as dificuldades enfrentadas por homens afeminados em suas organizações de trabalho, a experiência de Miguel se relaciona aos casos apresentados no referido estudo.

De modo semelhante a Glitter, Miguel entende a sua feminilidade como algo positivo a sua autoestima, bem como sendo um incentivo a buscar novos conhecimentos.

Para os pesquisados, a masculinidade heteronormativa exige do sujeito um comportamento agressivo e bruto, afetando psicologicamente outros homens que performam a masculinidade por exigência social (BAYDOUN, 2020).

Os pesquisados compartilham do pensamento que os membros da comunidade *gay* reforçam os preconceitos e estigmas criados em torno do homem afeminado, salienta-se, ainda, que, para Miguel, o próprio *gay* afeminado discrimina o homem afeminado quando busca o comportamento masculino em parceiros amorosos e/ou sexuais, evitando se relacionar com homens que também performam a feminilidade.

6.2.3 Relação Pais e Familiares

No que diz respeito à relação com o pai, Miguel narrou que ambos não eram próximos. Ao longo do tempo os motivos para o distanciamento foram mudando, na infância por considerá-lo bruto, já na adolescência e na vida adulta por questões afetivas e pelo modo que tratava a sua mãe.

As presenças masculinas que eu tinha, elas eram presenças que elas não eram muito agradáveis. O meu pai porque ele era muito indiferente, o meu pai ele sempre foi uma pessoa indiferente na minha vida e até hoje ele é. [...] E talvez quando o meu pai tentava se aproximar de mim, de algum modo eu meio que recuava porque o meu pai ele sempre foi muito bruto nas brincadeiras e no modo de agir. E eu, querendo ou não, eu sempre fui muito delicado assim, eu sempre fui grande, mas eu sempre fui delicado assim. O meu pai chegava chacoalhando e jogando pra cima e eu tipo, por favor, não (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel narrou que nunca foi agredido fisicamente pelos pais, e esses nunca o reprimiram em razão de seu comportamento feminino, entretanto, o seu irmão não concordava com os traços e trejeitos femininos, dessa forma, Miguel contou que frequentemente era agredido física e verbalmente pelo irmão. Além disso, Miguel recorda de uma tia que repudiava a sua performance feminina, a qual o repreendia de modo habitual.

Então como eu era uma pessoa que eu vivia muito no meu mundinho assim, de conto de fadas, meio que eu nunca dei problema pro meu pai e pra minha mãe, então eu nunca apanhei, né. E já o meu irmão não, então o que eu não apanhei do meu pai e da minha mãe, eu apanhei do meu irmão por conta do meu irmão repudiar toda a performance feminina que eu tinha, que ele não gostava disso, né. Então a primeira palavra viadinho, as primeiras vezes que eu ouvi esse tipo de ofensa, veio do meu irmão. E não da minha mãe e do meu pai, me repreendendo, o que ocorre muitas vezes, né. Ou de alguém, na verdade de fora também, alguns familiares, tipo uma tia minha que ela sempre foi bem escrota

comigo, então eu não gostava muito dela. E existem diferenças assim, porque eu tinha essa tia que ela era muito escrota, que ela me reprendia, que ela não gostava do jeito que eu vivia a minha vida, enquanto eu tinha tias que elas viam uma fragilidade em mim e elas me abraçavam assim, né (MIGUEL, 2022, s.p).

O pesquisado lembrou que se sentia muito triste por precisar reprimir a sua identidade, somente poderia ser quem realmente era quando estava na presença da amiga Ana (nome fictício) ou em sua casa, quando o irmão não estava, pois esse não tolerava qualquer sinal de feminilidade em Miguel. O pesquisado disse que eram poucos os momentos de liberdade: “eu ficava muito mal e onde que eu poderia ser quem eu era? Na casa da Ana. Então assim, na minha casa quando o meu irmão não tava, porque quando o meu irmão tava não era permitido agir de determinadas maneiras”.

Os problemas conjugais dos pais acabaram gerando consequências na vida de Miguel, ele acredita que, apesar da mãe estar à disposição para auxiliá-lo durante o dia a dia, ela não estava presente para acompanhar o seu crescimento. Miguel entende que a mãe se esforçava em demasia para salvar o casamento, além de refletir sobre a possibilidade de a mãe ter se afastado na tentativa de mudar o comportamento feminino do filho ou por uma certa culpa por ser um exemplo a Miguel.

A minha mãe ela estava presente, mas nem sempre ela foi presente, né. A minha mãe, ela tava lá todos os dias, 24 horas por dia. Eu acordava eu tinha café, eu tinha almoço, eu tinha janta, eu tinha roupa lavada, ela estava quando eu ia dormir, ela estava quando eu acordava. Mas ela tava mais preocupada em salvar um casamento que já não tinha mais salvação, do que ficar comigo, assistir um filme comigo, comer uma torta comigo, é, fazer qualquer atividade mãe e filho. Então isso é uma coisa que eu não tive muito. E até um tempo assim, na minha vida, meio que a minha mãe, é, agora pensando, ela teve um período onde ela não queria muito que eu ficasse junto a ela. Eu acho que talvez porque ela achava que o que tinha me tornado feminino era esse abraço que ela tinha me dado desde o meu nascimento, de ficar muito comigo assim, de ficar muito comigo, como é que eu posso dizer, de se colocar como exemplo pra mim. Porque meio que eu sabia que o meu pai não era um exemplo (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel entende o seu pai como um exemplo a ser seguido de pessoa trabalhadora, todavia, quando o exemplo é de marido, pai ou de sujeito social em geral, o pesquisado compreende que o pai não é um bom exemplo. Conforme narrado por Miguel, “o meu pai hoje eu sei que ele é um exemplo incrível de um homem trabalhador, mas ele não é um exemplo de pai, exemplo de pessoa que eu quero ser enquanto ser social”.

O pesquisado narrou que durante a sua infância e adolescência era incentivado pela mãe a participar das atividades sociais com o seu pai, como sair com ele e os amigos a bares, por exemplo. Contudo, Miguel detestava as conversas que o pai e os amigos

tinham, entendidas socialmente como “conversas de homem”, como falar de futebol e “putaria com mulheres”, o pesquisado não se sentia parte daquele grupo.

Miguel tinha vontade de sair com a mãe e as amigas, para ouvir sobre crochê e fofocas da vizinhança, que segundo ele, são assuntos mais interessantes que os tidos com o grupo de amigos do pai. Apesar de ter interesse de participar das atividades junto com a sua mãe, Miguel era proibido de acompanhá-la, apesar desse impedimento, o que mais marcou a relação de Miguel com a mãe nesse período foi o fato dela não gostar de abraços, o que mexia muito com os sentimentos de Miguel, segundo ele, tratado hoje na terapia. Atualmente, a mãe de Miguel voltou a abraçá-lo, trazendo conforto ao pesquisado, de acordo com o narrado.

O pesquisado comentou que gostaria de ter uma relação mais próxima com o pai, entretanto, desde sua infância, ambos são distantes entre si.

Eu não acredito que o meu pai serviria como um pilar pra uma rede de apoio pra mim, porque ele também não tá interessado. Mas sim, né, se caso ele quisesse, se estivesse disposto a ter uma relação comigo onde, e quando eu digo um pilar ou uma rede de apoio, eu não estou falando de uma questão financeira, tá, porque isso ele já faz. Não é como se ele não fizesse, eu tô falando de uma efetiva participação na minha vida enquanto pai, né. Toda questão de afetividade que hoje não tem, então (MIGUEL, 2022, s.p).

Questionado sobre a relação com o irmão, Miguel respondeu que é “fria e indiferente. Bem como com o meu pai. Eles são muito parecidos. [...] Eu acho que uma das coisas que eu mais perdi, foram relacionamentos pessoais meus, com o meu pai, que sempre foi muito frio, enfim, com o meu irmão”.

Miguel foi questionado sobre o que sentiu durante a separação dos pais. Segundo ele, “era ódio assim, o que eu sentia. Eu me sentia sem família, porque eu via que todo mundo tendo uma família e eu não, então era bem complicado”. Durante esse período o pesquisado começou a fazer o uso excessivo de bebidas alcoólicas como um meio de aliviar os problemas familiares: “eu só saia pra beber todo final de semana pra descontar tudo o que tava acontecendo dentro da minha casa”.

Miguel lembrou que a sua vida começou a mudar rapidamente após o fim do ensino médio, momento em que ele resolveu cursar Design de Moda, na cidade de Chapecó, no Estado de Santa Catarina, distante a uma hora de Margarida. O pesquisado comentou que o fato de estar próximo de sua cidade natal o causava sofrimento e, por isso, buscava alternativas para morar mais longe de Margarida. Destaca-se que o pai de

Miguel foi contra o filho cursar Design de Moda, pois, segundo ele, era um curso de mulheres ou de homossexuais.

Ocorreu o primeiro atrito com o meu pai porque eu ia fazer Design de Moda em Chapecó. Só que eu tava chorando prantos porque eu não queria ir cursar em Chapecó porque eu tava só 1 hora de distância de *Margarida*. Eu tava muito perto. E Chapecó é quase que *Margarida* grande, só tem *margaridenses*. Então assim, dentro de mim eu tava, eu vou tá em *Margarida* ainda. Eu quero ir embora, eu quero ir pra longe (MIGUEL, 2022, s.p).

Como dito acima, o pai de Miguel considerava o curso de Design de Moda como algo inferior, pertencente às mulheres, ao campo feminino e aos *gays*, posto isso, ele se recusou a custear financeiramente a graduação de Miguel, entretanto, ele estava disposto a pagar o curso de Engenharia Mecânica, entendido como um curso masculino e de maior prestígio social.

Eu fui lá e fiz a matrícula em Design de Moda, e o meu pai deu o dinheiro, eu acho que foi 950 a matrícula e ele falou bem assim pra mim, “ó vai e faz a tua matrícula, mas assim, depois tu dá um jeito de conseguir bolsa porque eu não vou pagar Design de Moda. Porque se fosse pra pagar 3.500 reais em Engenharia Mecânica, eu pagava, mas em Design de Moda eu não vou pagar”. Eu fui e eu me lembro que eu saí de *Margarida*, dá 45, 1 hora mais ou menos de *Margarida* e eu fui chorando. Eu entrei e fiz a matrícula e voltei chorando. No outro dia de tarde, era umas 2 horas da tarde e saiu a lista do SiSU e eu tava no SiSU em Araranguá. Só que eu tinha que tá lá no outro dia e eu só falei pra minha mãe, eu tô indo embora de *Margarida*. [...] E eu arrumei a minha mala e eu achei uma passagem de Chapecó a Araranguá, 12 horas de viagem e eu falei, vou pra Araranguá. E daí eu só falei pro meu pai, pai tu tem que me levar agora pra rodoviária. E ele falou assim, “tu vai fazer o quê?”. E na época eu tinha chegado de Chapecó e eu disse, tu não vai precisar pagar nada pra mim porque eu consegui (MIGUEL, 2022, s.p).

Questionado sobre como o seu pai reagia em relação ao modo como se comportava e se vestia, Miguel prontamente disse que não sabia a posição do pai sobre o assunto, pois a relação de ambos era distante, embora o pai tenha questionado o pesquisado sobre o episódio em que Miguel havia sido agredido pelo primo, oportunidade que Miguel teve de explicar ao pai os motivos que levaram à situação. Após explicar, o pai de Miguel disse que o amava independentemente do que for.

Eu não faço a menor ideia, ele nunca me disse absolutamente nada. A primeira vez que a gente veio conversar sobre essa questão de expressão de gênero, sexualidade, foi depois desse caso que aconteceu, né, que o meu primo tentou me bater, e daí o meu pai me chamou pra conversar pra saber o que que tava acontecendo. Aí porque o meu pai queria ir conversar com esse meu primo, até ele foi enfim, e daí ele me perguntou o que que tava acontecendo e eu falei, olha pai, é assim, o que aconteceu foi isso, isso e isso. “E por que aconteceu?” Foi por causa disso, disso e disso. E ele falou assim, “olha, independente do

que for, como for, eu te amo”. Mas eu e o meu pai, a gente sempre teve uma relação muito distante, né (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel falou que após a ida para Araranguá ele passou por um rápido processo de mudança de comportamento, como de agir, andar, falar, pois não precisava esconder a sua identidade. Seis meses depois, Miguel retorna à Margarida para visitar a sua mãe, segundo narrado, ela ficou surpresa com as muitas mudanças do filho. Nesse dia Miguel decidiu contar a mãe que é homossexual e que se entendia como uma pessoa não-binária.

Eu cheguei em Margarida completamente diferente do jeito que eu saí. Assustei a minha mãe. [...] Aí eu falei, mãe, a gente precisa conversar. Aí ela, “hum, o que que foi?” Aí a gente sentou pra conversar e daí eu expliquei pra ela toda essa situação. Eu falei assim, olha mãe, eu sou gay, além de gay eu performo essa, eu até falei sobre as questões binárias, né. Eu falei assim, mãe eu acho que me identifico como pessoa não-binária. É até hoje na verdade, se as pessoas me perguntam qual é o meu gênero, eu falo assim, não, eu sou um homem. Mas assim, lá dentro, lá no fundo, é porque é uma coisa muito nova, é uma questão muito complexa e delicada. Eu não tô com paciência, tempo e disposição pra ficar falando sobre não-binariedade com as pessoas que não sabem nem o que tá acontecendo no Brasil (MIGUEL, 2022, s.p).

O pesquisado comentou que a reação da mãe sobre a sua orientação sexual foi de certa forma tranquila. Destaca-se que Miguel disse que não falou para muitas pessoas sobre a sua sexualidade, pois a sua feminilidade o “entrega”, o que é socialmente entendido como símbolo de homossexualidade como visto em Baydoun (2020) e Nonato (2020).

Então eu conversei sobre isso com a minha mãe e a minha mãe me perguntou assim, “tá, e com quem que tu vai transar?” A preocupação da minha mãe, são preocupações, né, e eu disse, mãe, muito provavelmente tu vai ter um genro e não uma nora, né. Tu já tem uma nora e tu vai ter um genro e não vai ter outra nora. [...] Nesse momento quando eu falei isso, ela olhou pra mim e eu vi um desânimo, um desânimo assim no olhar dela, e ela me disse assim, “Miguel, que triste, gostar de homem é uma bosta”. E eu falei, mãe, a senhora está coberta de razão. [...] Eu não fui falando pra cada um, oi, tudo bem, eu sou gay, oi, tudo bem, primeiro que eu me entrego, né (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel passou por uma tentativa de homicídio, de acordo com o boletim de ocorrência. A agressão foi feita pelo primo de Miguel, um fisiculturista. Durante a tentativa de agredir Miguel, o primo dizia que iria “matar viadinho”. Chama a atenção o fato de Miguel esperar tal atitude por parte de um familiar, demonstrando a internalização da violência. Segundo relatado, Miguel não fica surpreso que homens tenham tais atitudes por repudiarem o seu comportamento feminino.

A tentativa de agressão ocorreu, que na verdade configura uma tentativa de homicídio, no meu boletim de ocorrência porque tipo, era o meu primo, né. Eu digo que era porque não é mais, né. Ele é fisiculturista, tipo na época eu pesava muito menos do que eu peso agora, eu era menor do que eu estou agora e eu tava encurralado em um canto e a gente tava só falando sobre marxismo, de uma coisa bem estúpida sabe, e ele veio pra cima de mim gritando que ia matar o viadinho. E aí foi um caos, a família toda teve que segurar, só que ele era tipo o dobro de todo mundo, mas enfim. A minha prima jogou uma térmica de água quente nele e aí ele se queimou e aí ele saiu e tentou bater nela. Que tem toda essa questão né, essa performance de masculinidade onde até então ele viu que não ia conseguir bater em mim e daí ele tentou bater na mulher que ela é mais frágil, enfim, tem toda essa questão ali que, tipo assim, e daí você me pergunta, você não esperava isso dele? Não, eu esperava. Tanto que eu nunca tive proximidade com ele, porque sempre foi uma coisa que eu esperei, eu espero isso de determinados seres sociais, vamos dizer. Tipo, eu não fiquei surpreso, sabe. Eu ficaria surpreso se talvez uma mulher tentasse fazer isso comigo. Mas não um homem, o homem eu falo tipo, tá ok, mais um, é super compreensível no mundo porque eles são ensinados a isso (MIGUEL, 2022, s.p).

O episódio foi marcante na vida de Miguel, fazendo, inclusive, com que se questionasse sobre o seu comportamento, se perguntando sobre o que estaria fazendo de errado. Miguel tem convicção que a agressão foi por ser homossexual, e que o ponto que deu início à discussão foi secundário, pois o ódio que o primo manifestou em função de sua identidade estava em primeiro plano.

Foi um dos momentos mais extremos da minha vida porque eu tava assim, o que que eu tô fazendo de errado? Tipo porque começou numa discussão, mas fica muito subentendido o porquê que aquilo tá acontecendo. Porque a discussão ela some no meio da confusão. Ela simplesmente desaparece e o que foca lá é outra coisa, tipo, tu vê muito explicitamente que aquilo é a homofobia, sabe. Tipo toda aquela questão da discussão que tava ocorrendo ali, ela fica em segundo plano. Porque tipo o que dá direito dele vir pra cima de mim, é aquela questão interna do tipo, eu posso bater nele porque ele é viado né, e eu vou matar ele. E sei lá né, eu sempre me senti assim perto dele, eu nunca me senti confortável. E aquele dia só provou que eu estava certo. E daí ele até foi falar pro meu irmão que não tinha nada a ver, só que tipo, o que ele tava proferindo na hora tipo, não era o que ele tava falando depois. Eu acho que nesses momentos de quando você se exalta, eu acho que tu mostra um pouco de tudo aquilo que tu tenta guardar pra si. [...] Ele poderia se exaltar da mesma maneira, mas se ele não pensasse daquela forma, ele falaria outras coisas. Mas não, ele falou aquilo porque ele pensa naquilo, né. O objetivo dele era me atacar, me bater, foi um horror (MIGUEL, 2022, s.p).

Apesar de acreditar não ter sofrido alguma forma de violência explícita por parte dos pais, Miguel enfrentou o preconceito por parte do irmão e de uma tia. O irmão o agredia física e verbalmente por não concordar com a forma que Miguel se comportava. O fato de sofrer uma tentativa de homicídio de um primo, conforme narrado, foi determinante para que o pesquisado se afastasse de parte dos familiares e decidir se mudar de Margarida, a cidade que tanto o causou sofrimento.

O caso de Miguel é semelhante à de diversas outras situações de violência homofóbica por parte de pais e/ou familiares (CORNEJO, 2011), o pesquisado sofreu desde a infância com o *bullying* e o preconceito na escola, dores que o acompanham até hoje na vida adulta. A homofobia familiar (GOMES COELHO; OLIEVIRA BARROS, 2021) fez com que o pesquisado sentisse a necessidade de se afastar daqueles que se espera o respeito e o acolhimento (BRAGA *et al.*, 2018). Quando tal situação ocorre com o indivíduo, o desgaste emocional é comum, como é o caso de Miguel, que se sente fragilizado com os episódios de violência que sofreu por parte de seus familiares, a violência familiar suportada por Miguel é observada na pesquisa de Braga *et al.* (2018) sobre a prática de violência familiar contra adolescentes e jovens *gays* e *lésbicas*.

6.3 RELAÇÃO COM O CORPO: MIGUEL

Após a sua ida para Araranguá, no Estado de Santa Catarina, Miguel relatou que a solidão estava presente no seu dia a dia, e com isso, alguns transtornos alimentares que já existiam no passado, retornaram. Durante a infância e adolescência Miguel estava acima do peso, a partir de sua mudança à Araranguá, ele inicia um processo de rápido emagrecimento. Segundo o pesquisado, ficando obcecado pela própria aparência e pela busca de um corpo ideal.

Eu comecei a ter uns problemas com os transtornos alimentares que eu sempre tive e eles estavam e me acompanharam lá em Araranguá. E eu tava sozinho e daí meio que eu fiquei obcecado com a minha aparência, que não me era legal e eu comecei a emagrecer muito, muito, muito. Mas eu também emagreci porque eu fazia muito exercício físico, tipo, eu caminhava 3, 4 horas por dia seguido. Saía e fazia tudo a pé (MIGUEL, 2022, s.p).

Os problemas alimentares de Miguel se agravaram após o pesquisado fazer parte de uma agência de modelos. A busca por um corpo magro era incentivada pela indústria da moda que idealizava essa imagem aos agenciados. Conforme Miguel, “em 2021, em março, eu já vim morar pra Porto Alegre, aqui, né. Nisso eu entrei pra uma agência de modelos que hoje eu sei que foi o maior erro na minha vida, porque agravou aqueles problemas que eu tinha, alimentares”.

Tanto Miguel quanto a sua mãe tinham transtornos alimentares, enquanto a mãe do pesquisado tinha a necessidade de fazer estoques de chocolates e salgadinhos para saciar a compulsividade, por exemplo, Miguel, quando criança e adolescente, não tinha o controle necessário para evitar comer tais alimentos, mesmo que sendo proibido pela mãe.

A partir de então, Miguel se tornou uma criança obesa. Segundo narrado, a mãe tinha sérios problemas com o formato de seu corpo, o que levou Miguel a também odiar o seu próprio corpo.

Porque o que acontece, eu vivi numa casa de uma mãe que também tava acima do peso e tudo era proibido. Mas ao passo que todas as comidas eram proibidas, todas elas estavam ao alcance de uma criança. Então tipo, a minha mãe ela comprava caixas de chocolate, mas não podia comer. Tinha um saco de salgadinho, mas não podia comer. E eu acho que essa questão do privar né, faz com que você tenha vontade de comer. [...] E como a minha relação era com nojo e ódio do meu próprio corpo. Porque a minha mãe sendo uma pessoa gorda, ela dizia que ela se odiava, então o único modelo que eu tinha era aquele, né (MIGUEL, 2022, s.p).

O pesquisado foi questionado como o seu transtorno alimentar iniciou. Conforme relatado, o início ocorreu de modo saudável, “começou com a academia, começou a comer bem, né. Daí depois veio um transtorno alimentar e daí enlouquece”. Miguel tinha o objetivo de alcançar o corpo ideal, que para ele era um corpo magro. Segundo ele, era necessário passar por sacrifícios para atingir o seu objetivo.

Porque tu entra numa nóia. Porque não se trata sobre, porque tu quer ter o que ninguém pode ter porque ninguém se sacrifica. E daí tu começa a meio que plantar na tua cabeça que o sacrifício e isso tudo que tu tá fazendo é necessário e é bonito. É porque nós vivemos numa sociedade que é assim, né. Se sacrificar no trabalho é bonito, se sacrificar, Jesus se sacrificou no calvário lindo e maravilhoso, então eu vou me sacrificar pra ter um corpo magro. Que era bem ok e bonito. E é meio que isso que tu tem na tua cabeça assim, que eu tinha na minha cabeça (MIGUEL, 2022, s.p).

O pesquisado comentou que buscava uma magreza excessiva e que apesar de comumente o padrão sexual seja de pessoas com corpos carnais, ou seja, nem muito magro e nem muito gordo, o que é vendido pela indústria da moda e pela mídia são os corpos magros, sendo esse o padrão a ser buscado por Miguel.

Chega num ponto nessas situações que assim, de fato tu não vai ser mais desejado. Porque o que a gente tem como padrão, não é o que eu tinha como padrão na minha cabeça. O corpo raquítico que eu queria, não é um padrão que as pessoas querem desejar. Não é o que as pessoas desejam. O que é muito engraçado, porque ao passo que não é o padrão que a sociedade deseja em questão carnal, sexual, é o padrão que se vende. É o padrão que se comercializa (MIGUEL, 2022, s.p).

Miguel mencionou que a busca pela magreza tinha relação com a sua feminilidade, como é socialmente esperado que as mulheres sejam magras, de modo a destacar suas curvas corporais, Miguel assim acreditava que quanto mais magro, mais

feminino o seu corpo se tornaria: “tinha muito uma questão de feminilidade. Porque com o contorno é mais fácil performar uma feminilidade. Porque é o que tu espera das mulheres, é o que a sociedade espera das mulheres. A magreza excessiva, porque é o padrão de beleza”.

Miguel contou que ainda busca o corpo ideal, a sua intenção é de ficar mais magro, apesar de entender que não seja o padrão social de corpo. Embora o pesquisado tenha muitas exigências em relação ao seu corpo, durante o recolhimento de sua história de vida, ele disse que: “eu acho que as pessoas devem ser livres enquanto seus corpos”.

Ainda tô em busca desse corpo. E não é um corpo que tá dentro dos padrões né, porque é um padrão que eu estabeleci. Que eu acho que foi um padrão estabelecido através do meu biotipo. Porque eu fiz loucuras pra ser magro o suficiente pra ter perna fina, por exemplo. Mas eu nunca tive perna fina, por mais magro que eu estivesse. Então hoje eu uso isso ao meu favor. Então quando eu vou pra academia eu treino mais perna do que braço. Mas eu me sinto bem assim. Mas eu ainda tô buscando né, me olhar no espelho e me sentir mais atraente do que eu me sinto hoje. Por mim mesmo (MIGUEL, 2022, s.p).

Durante a fala, Miguel disse que fazia muitos sacrifícios em busca do corpo ideal. O pesquisado foi questionado sobre quais eram alguns dos sacrifícios que realizava.

Comer 5 ovos por dia e fazer 3 horas de academia? Passar 30 dias só comendo proteína, sem ingerir uma grama de carboidrato, e isso é real, não tinha uma grama de carboidrato na minha alimentação. Era 100% cetogênico. Às vezes eu ficava sem dormir porque o corpo fica em cetose (MIGUEL, 2022, s.p).

Segundo Miguel, “a gente vive numa sociedade onde a indústria vende pra gente um padrão de beleza que não é possível de ser alcançado. A não ser que você tenha muita grana”. Para ele, é necessária muita disciplina para se alcançar algum resultado em busca do corpo ideal, “a minha dieta é regrada. Mas ela é regrada saudável. Só que um saudável não te leva, tem que ser um hiper saudável pra te levar a essa busca pelo corpo ideal”.

Miguel relatou que a sua alimentação era excessivamente regrada e que não consumia produtos considerados “violões” de uma alimentação saudável. Segundo narrado, vivendo em um “nível doentio”.

Eu nunca me neguei a comer, mas eu cheguei num ponto onde eu era tão saudável que tipo assim, se eu tivesse num restaurante e não tivesse uma opção saudável pra comer, eu não comia. Então era isso, sabe. Eu não comia açúcar, eu não tomava refrigerante, nem zero, nem nada. Eu não mascava chiclete, eu era extremamente saudável no nível doentio (MIGUEL, 2022, s.p).

A busca pela magreza, tal como Miguel, está se tornando comum nas últimas décadas, fenômeno incentivado pela mídia e pela publicidade, por exemplo (SILVA *et al.*, 2018). De acordo com Silveira (2013, p. 08), “a magreza tornou-se não apenas uma obsessão na contemporaneidade, mas também vem sendo apontada como requisito para que se possa ser feliz”. Além de uma questão social, em que a magreza é percebida como algo belo e estético, é essencial compreendê-la como uma questão de saúde pública (VALE; KERR; BOSI, 2011). O pesquisado relatou, em diferentes momentos, que estava insatisfeito com o seu peso, citando um corpo magro como algo bonito e que deveria ser alcançado. Silva *et al.* (2018), analisaram que atualmente a magreza é vista como algo “normal”, ou seja, o corpo comum de hoje seria o corpo magro, já o corpo que foge da magreza é percebido como o corpo gordo, independentemente, das medidas e pesos que esse apresenta, refletindo como os padrões de beleza na contemporaneidade estão se desenhando.

6.4 RELAÇÃO COM O CORPO: GLITTER

O pesquisado contou que quando chegou pela primeira vez em Porto Alegre, começou a ir à academia de ginástica. Segundo narrado, na época, ele entendia o seu corpo mais feminino, o que entre os homens de modo geral não é entendido como algo positivo, posto isso, Glitter procurou masculinizar o seu corpo para se tornar mais desejável e respeitado socialmente. A fala do pesquisado vai ao encontro há hierarquia heteronormativa apresentada por Coletto (2014).

Porque eu mudei muito em relação a minha fisionomia. Antes eu tinha uma fisionomia um pouquinho mais delicadinha, mais feminina e tal, sabe. Eu era muito magrinho, aí quando eu vim pra Porto Alegre, eu comecei a ir na academia. Então esse meu corpo agora é resquícios de quando eu treinava e aos poucos eu tô treinando e isso ajuda a manter um certo porte, sabe. Que querendo ou não, isso é algo muito típico do nosso mundo gay, que é assim, quando o gay começa a treinar e começa a ter um corpo mais masculino, automaticamente ele parece que impõe um respeito aos heteros, sabe. Tipo assim, ah ele não tem traços, trejeitos tão delicados, então ele tem um corpo masculino ali (GLITTER, 2022, s.p).

Com o tempo, Glitter começou a perceber as mudanças em seu corpo, para ele, os hábitos de treinar, não ingerir bebidas alcoólicas e não ir a festas fizeram com que seu corpo respondesse positivamente. O pesquisado contou que começou a receber elogios de amigos e parceiros sexuais, elevando a sua autoestima. Ele disse que apesar de seguir

uma rotina de cuidados com a saúde do corpo, não se entende como um refém da dita ditadura social do corpo e de um padrão social de beleza.

Mas é que eu aprendi a me cuidar e a gostar de mim. Então quando eu comecei a ter hábitos assim, tipo de ir pra academia e ver que aquele meu corpinho franzininho, que era virado só em bunda, cabeça e boca, começou a ficar proporcional, eu comecei a perceber assim, nossa gente. E aí as pessoas começaram a dizer, “nossa, como tu tá bonito, nossa como tá lindo, nossa como tá musculoso e não sei o quê, lindo.” E os caras assim, “nossa que bunda, que corpo, que coxa e tudo o mais.” E eu pensei, ué, olha só que legal. Então tá, vamo conversar, sabe. Então isso me ajudou a me gostar mais. Mas não a ponto de querer ir pra um padrão de assim, ah eu preciso pra ser aceito, não. Já tive momentos que eu tava gordinho e também tiveram pessoas que disseram, “ah, gosto.” Mas eu não me gosto, eu não me gosto. Eu gosto de me sentir bem, é o que eu gosto de ver no espelho. Agora se a pessoa gosta ou não, isso é problema dela, sabe (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter contou que ser elogiado em consequência de seu corpo o incentiva a permanecer tendo hábitos que fomentam um corpo atlético. Segundo narrado, após os cuidados com a alimentação e os treinos na academia de ginástica, os comentários de reconhecimento fizeram bem à autoestima do pesquisado. Glitter destacou que, embora os comentários o estimulem, ele não se sente obrigado a possuir um corpo com as medidas estabelecidas socialmente como padrão.

E depois que eu comecei a perceber que as pessoas começaram a ver o *Glitter* como um cara assim, que é bonito e que se porta bem, se comporta, é educado, das decisões que eu tomei na vida tipo assim, ah eu quero me cuidar, eu quero poder cuidar do meu corpo, eu quero poder fazer tal coisa e isso é uma consequência, eu percebi nossa, é bacana, é bom pro ego, é bom pra autoestima, é bom ser reconhecido, ser elogiado. Mas não é uma coisa que eu crio pra minha vida assim como, ah é algo que eu preciso fazer, sabe. É porque eu gosto, me faz bem (GLITTER, 2022, s.p).

Segundo Glitter, o padrão de beleza da população *gay* masculina é majoritariamente do corpo masculinizado e viril e sem pelos, contudo, há muitos homens que preferam os pelos em diferentes partes do corpo por deixá-lo mais masculino. Conforme narrado, o pesquisado já percebeu que por possuir poucos pelos em seu corpo, esse é entendido como muito feminino, impedindo que algumas relações aconteçam em consequência dessa característica.

Que não dá também pra ser hipócrita, né, que o nosso mundo *gay* assim, ele é, sabe, ele seleciona as pessoas exatamente pelo padrão de beleza. Já foi imposto isso, sabe. E eu muitas vezes já percebi que em alguns momentos e tal por ter um corpo assim, eu não tenho nada de pelo, tá. Então muitas vezes eles acham que é feminino demais, sabe. Então isso tem, tem pessoas que gostam de um corpo mais masculino, com pelos e eu não tenho. Então eu já acho que é mais

feminino. Mas pela minha vivência de aplicativo, o corpo liso tem muito mais, pra mim *Glitter* passivo, homossexual, eu não reclamo, sempre tem quem admire e quem goste, sabe. Eu não reclamo não. Muito pelo contrário até, porque tem pessoas que dizem assim, “ah pelo pra mim eu não acho higiênico” (GLITTER, 2022, s.p).

Glitter contou que os tipos de corpos que o agradam são variados, destaca-se que, no passado, o pesquisado não se interessava por homens acima do peso, mas que após se apaixonar por um homem gordo, ele começou a ressignificar o que chamou de “provocações de preconceitos”.

Eu já fiquei com uns gordos, uns magros, uns altos, baixos, já tive que passar por situações e provocações de preconceitos que eu tinha antes, mas porque antes eu não me envolvia com homens gordos. E aí eu me envolvi com um homem que ele era totalmente fora do biotipo que eu gostava e aí quando eu vi, eu me apaixonei. Assim como também logo no início eu me envolvia com homens mais velhos e aí depois de um tempo eu comecei a me envolver com os mais novinhos. E aí também eu tinha alguma coisa com os magrinhos, só que daí com os magrinhos eu percebi que também é bom (GLITTER, 2022, s.p).

O pesquisado comentou que o corpo sarado, também conhecido como “padrão” é o tipo de corpo que o atrai, para Glitter, esse tipo de corpo é o que mais desperta desejo a ele.

Claro que eu não vou ser hipócrita que uma pessoa que se cuida, não precisa tá na academia, mas uma pessoa que tem um corpo bacana, é algo que me atrai com certeza. Mas se em algum momento acontecer de me envolver com uma pessoa e ela não for naquele padrão, né, que todo mundo acha bonito, pode ser que aconteça alguma coisa (GLITTER, 2022, s.p).

O pesquisado narrou possuir hábitos de cuidado com a saúde, cuidados com a pele e a estética em geral. Disse ser adepto ao uso de *botox* (toxina botulínica).

Por incrível que pareça eu vejo assim como olha, algo maravilhoso. Porque graças a tudo o que eu não fiz quando eu era mais novinho, hoje com 36 aparento ter menos. E é uma coisa que é muito comentada nos aplicativos e na vida. Nossa, com 36, eu não acredito. Pois é. É que eu não bebo, não fumo, não me drogo, não vou pra festa, sabe. Sempre me cuidando, então isso acaba refletindo. Mas eu não uso isso como algo assim, ah eu sou superior a você, sabe. Não, eu digo assim eu acho que foram os hábitos que eu tive quando eu era mais novo e influenciou em tudo isso, sabe. Mas assim, eu faço um botoquinho quando tenho uma grana. Tomo sol, eu aprendi a ficar viciado no botox (GLITTER, 2022, s.p).

Faz-se o uso do conceito de corpolatria, que diz respeito ao culto do corpo, da beleza e da perfeição. O corpo é um objeto simbólico, a partir do qual são transmitidas inúmeras mensagens, relacionadas à saúde, ao prestígio, à força, à segurança e ao poder

(GOLDENBERG, 2015; RODRIGUES; RODRIGUES, 2022). Quando os pesquisados se referem ao “gay padrão”, ou seja, o homossexual masculino que performa a masculinidade heteronormativa, assim como procuram modificar seus corpos de modo a se tornarem musculosos e viris, comportando-se o mais próximo possível como um homem heterossexual viril, de modo a se tornar mais aceito socialmente de maneira geral, e mais desejável entre os seus pares, pois conforme as falas de Glitter e Miguel, corroborado pelas pesquisas de Baydoun (2020); Moura; Nascimento; Barros (2020); Nonato (2020), os homens *gays* que performam uma masculinidade viril, tendem a ser mais respeitados socialmente. A construção do corpo se torna fundamental para o alcance desse respeito e desejo. Destaca-se que comparativamente os homens afeminados e aqueles que não seguem o padrão de corpo estabelecido, acabam enfrentando preconceitos e discriminações variadas ao longo de suas vidas.

A relação com o corpo, a forma de andar e gesticular possui relação direta com a feminilidade dos pesquisados. Em diferentes momentos, ambos comentaram que sofreram alguma forma de violência em função do modo de andar, por exemplo. Glitter disse ter sido abordado algumas vezes na rua para encontros sexuais, ele acredita que o modo que andava e gesticulava poderia ser o motivo de ter chamado a atenção dos homens que se aproximavam dele. Segundo Le Breton (2006; 2013), o corpo é o meio de manifestação da identidade do indivíduo, e, de acordo com Csordas (2008), a mensagem transmitida pelo corpo é um meio determinante de aceitação social do sujeito.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da compreensão das histórias de vida de Glitter e Miguel, de modo amplo e aprofundado, pode-se concluir que a heteronormatividade e masculinidade forçam o sujeito a ser quem não é. Desde a infância a criança é direcionada para atividades que dizem respeito ao seu sexo/gênero, devendo se comportar, andar, falar, usar roupas de determinadas cores e brincar com atividades definidas.

Como apresentado, a feminilidade foi um dos motivos que fizeram com que os pesquisados sofressem *bullying* na escola, e que possivelmente pode ter sido determinante para os casos de abuso sexual na infância de Glitter, bem como as diferentes formas de violência sofridas no trabalho e na rua, além das dificuldades de relacionamentos estáveis e os preconceitos sofridos em ambientes virtuais, por exemplo.

Esse estudo permitiu debater sobre as relações de vida de Glitter e Miguel, homens afeminados que, de diferentes formas e em diferentes momentos de suas vidas, vivenciaram alguma forma de violência em razão do comportamento feminino que performam. Assim como a relação dos pesquisados com os seus corpos, seja através das imposições sociais estabelecidas ao dito corpo ideal, seja entre a composição do masculino e do feminino no corpo do homem.

A presente dissertação permitiu a reflexão sobre os casos de preconceito e discriminação dos pesquisados, em consequência da feminilidade performada, a exemplo de Miguel, que não participava de reuniões de trabalho como uma forma de evitar que os clientes não se sentissem desconfortáveis com a sua presença. Já Glitter, no período em que trabalhou no posto de gasolina, precisava controlar a sua feminilidade para se manter empregado e evitar algum tipo de assédio e comentários.

A masculinidade, a virilidade e a heteronormatividade são fenômenos que interferem no livre desenvolvimento das identidades dos sujeitos, observou-se que desde a infância os pesquisados eram repreendidos de alguma forma, variando de intensidade em cada caso. A família e a escola foram os ambientes que tiveram maior participação na repreensão dos pesquisados, durante a infância e adolescência. Os casos de *bullying* aconteceram em ambas as histórias, Miguel, por exemplo, teve consequências graves, como síndrome do pânico, problemas alimentares e reprovação na escola. Glitter, embora tentasse, não conseguia performar a masculinidade na infância e adolescência, o que gerou inúmeros episódios de violência sexual, física e verbal. A ação do *bullying* pode ser compreendida, através dos casos aqui apresentados, como um ritual de masculinidade

social, praticado fora do núcleo familiar, ocorrendo já nos primeiros anos de vida do indivíduo, rejeitando-se qualquer comportamento que fuja do padrão esperado da criança ou do adolescente.

Para a heteronormatividade, o problema não é ser homossexual, mas sim afeminado, independentemente da orientação sexual do sujeito. Parte-se da ideia de que o feminino é repudiado quando performado por homens, gerando uma série de consequências àqueles que ousam comportar-se dessa forma. Destaca-se que Miguel possui uma relação de grande revolta com a masculinidade, dizendo, inclusive, que a repudia, tendo em vista as constantes experiências de imposição da masculinidade e da virilidade em sua vida.

A afeminofobia acompanha Glitter e Miguel desde a infância, através da repreensão do comportamento pelos pais e familiares, e do *bullying* praticado por outras crianças e adolescentes no ambiente escolar, sobretudo. Ademais, percebeu-se que a afeminofobia está presente, inclusive, entre membros da comunidade *gay*, que reforçam os ideais heteronormativos, excluindo ou humilhando homens *gays* afeminados, o que é corroborado pela literatura. A violência gerada pela afeminofobia é sentida pelos pesquisados por meio das agressões físicas e verbais que eles sofreram ao longo de suas vidas, seja em casa ou na escola, seja na rua ou no trabalho. No entanto, são os olhares de recriminação que causam profundo constrangimento a Glitter e a Miguel, ambos relataram como os olhares são entendidos como ações de preconceito e desprezo.

Os olhares de recriminação são fatos em comum aos pesquisados, que salientaram que, apesar das violências físicas e verbais que já sofreram, são esses que causam grande desconforto e mal-estar em suas vidas. Em relação à feminilidade performada, tais olhares seriam formas constantes de violência silenciosa.

A manifestação da feminilidade ocasiona a desqualificação desses sujeitos pelos lugares onde transitam, podendo impactar nas escolhas profissionais e de vida em geral, tendo em conta as imposições que as normas sociais heteronormativas causam aos homens, rejeitando comportamentos que fogem da masculinidade e da virilidade.

Recebe destaque a manifestação de ambos os pesquisados ao mencionar os afeminados como responsáveis pelos avanços da comunidade *gay*, pois a coragem de se expressar e a busca por espaço e respeito, vem garantindo pequenas mudanças sociais ao longo do tempo, entendidas como valiosas, apesar de lentas. Até recentemente o homem afeminado surgia na mídia, por exemplo, como meio de chacota. Mudanças de comportamentos e hábitos são alguns dos exemplos dados, como a possibilidade de

homens, *gays* ou não, usar roupas compreendidas como femininas, ou o uso de maquiagem, unhas pintadas, etc. Personagens em filmes, séries e novelas, que obtêm destaque não somente pelo comportamento feminino, ganhando enredo além do humor, assim como cantoras *drag queens* que possuem milhões de seguidores nas redes sociais e se apresentam em canais de televisão aberta aos domingos à tarde, apresentando os seus trabalhos à família brasileira.

Embora o número de casos de preconceito e violência sejam altos, vale destacar que os pesquisados relataram aspectos positivos que a feminilidade os oferece, como reflexos na autoestima em ambos os casos, e oportunidades de emprego em relação a Glitter. Para Miguel, a sua feminilidade é fonte de sensibilidade, garantindo uma certa empatia aos problemas de terceiros. Além disso, o pesquisado acredita que a feminilidade seja um dos motivos que o faz buscar constantemente o conhecimento científico e de outras culturas, que possam explicar a formação de sua identidade como indivíduo.

A dissertação proporcionou aos pesquisados a possibilidade de refletir sobre as suas vidas e experiências, principalmente, no que diz respeito às suas feminilidades. Glitter e Miguel puderam compreender como o padrão heteronormativo e a masculinidade geram consequências em suas vidas e como esses fenômenos estão presentes desde os seus nascimentos. A heteronormatividade e a masculinidade causam efeitos nos relacionamentos pessoais, interpessoais e profissionais dos indivíduos pesquisados, além de serem responsáveis por diferentes escolhas ao longo de suas vidas.

Considerando o baixo número de estudos sobre feminilidade masculina na academia, sobretudo, na Administração, essa dissertação colaborou ao reafirmar o que os estudos sobre o tema já haviam apresentado, ou seja, homens afeminados sofrem constante preconceito e discriminação em consequência da feminilidade performada. Outrossim, essa pesquisa contribuiu para o avanço do debate sobre os marcadores sociais da diferença na Administração, ao tratar sobre as relações de trabalho de homens afeminados, levando-se em conta que ao abordar as relações de vida dos sujeitos, será inevitável discorrer sobre as questões laborais. Além do mais, o uso do método de história de vida permitiu conhecer em profundidade os dois homens afeminados, suas vivências, trajetórias, experiências, traumas, sofrimentos, sonhos e esperanças de vida.

Ressalta-se o uso do método de história de vida como uma abordagem fundamental para conhecer as vivências de homens afeminados de maneira ampla e aprofundada. O método possibilitou a compreensão do tempo presente dos sujeitos

pesquisados, através das histórias apresentadas, assim como as experiências que a feminilidade os proporciona, sejam elas positivas ou negativas.

Teve-se como limitação desse estudo a impossibilidade de colher a história de vida de um homem heterossexual afeminado, e acredita-se que os preconceitos e a própria consciência sobre a feminilidade masculina podem ter sido alguns dos motivos. Como sugestão de pesquisas futuras, aconselha-se que sejam realizados estudos com homens negros afeminados e mulheres masculinizadas, de modo a compreender impactos que os marcadores sociais de diferença geram em suas vidas, bem como com homens heterossexuais com comportamento feminino.

A partir das histórias de vida apresentadas, observou-se que o processo de socialização dos pesquisados foi marcado desde cedo com o preconceito. Pode-se dizer que a sociedade heteronormativa marginaliza os homens afeminados, afastando ou impedindo que esses se relacionem com diferentes pessoas ou acessem postos de trabalho em razão do comportamento performado. As relações são marcadas pelo preconceito e pela violência independentemente da raça, classe ou escolaridade, contudo, a sobreposição dos marcadores sociais da diferença pode reforçar a discriminação sofrida.

Destaca-se o quão difícil é ser um homem afeminado em uma sociedade heteronormativa, machista e patriarcal, o qual prejudica desde relacionamentos amorosos ao acesso ao mercado de trabalho, causando sofrimento e a internalização da violência. A masculinidade é compreendida como um meio de censura à liberdade de expressão dos sujeitos e de seus corpos nas sociedades em que o homem deve ser másculo e viril, posto que qualquer indivíduo que performe o contrário violará uma norma social.

As histórias aqui apresentadas podem parecer individuais e subjetivas, entretanto, algumas vivências mostraram as consequências negativas que os sujeitos pesquisados compartilharam em suas vidas, e que em uma sociedade mais acolhedora e inclusiva poderiam ser evitadas a fim de dar mais qualidade de vida e bem-estar a essas pessoas.

REFERÊNCIAS

- ABILIO, L. C. Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas**, Valparaíso, v. 18, n. 3, p. 41-51, nov. 2019.
- ALBORNOZ, S. G. **O que é trabalho**. 10r. ed. São Paulo: Brasiliense, v. 1, p. 103, 2014.
- ALBUQUERQUE, P. P. DE .; WILLIAMS, L. C. DE A.; D’AFFONSECA, S. M. Efeitos tardios do bullying e transtorno de estresse pós-traumático: uma revisão crítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 29, n. Psic.: Teor. e Pesq., 2013 29(1), jan. 2013.
- ALMEIDA, D. M. V. “Sou gay, porém totalmente discreto” – os estereótipos e a criação do ethos em um site de relacionamento gay. **ReVeLe**, 3, 39-61, 2011.
- ALMEIDA SANTOS COSTA, C. Menino veste azul e menina veste rosa. **Revista dos Estudantes de Direito da Universidade de Brasília**, [S. l.], v. 1, n. 19, p. 230–260, 2021.
- ALVESSON, M.; SANDBERG, J. **Constructing Research Questions Doing Interesting Research**. 1 ed. London: SAGE, p. 141, 2013.
- ANDRADE, E. P.; LI, L. D. As consequências do Bullying: autoagressão e suicídio no cotidiano escolar. **Revista Educação**, v. 15, n.1, p. 15-22, 2020.
- ANTÓNIO, R.; PINTO, T.; PEREIRA, C.; FARCAS, D.; MOLEIRO, C. Bullying homofóbico no contexto escolar em Portugal. **Psicologia**, 26(1), p. 17–32, 2012.
- ARAÚJO, A. D. G.; NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, A. V. **Histórias de Vida e Trabalho Cultural**: A construção do sujeito e a pertinência da memória. Cadernos CERU, série 2, v. 21, nº 2, 2010.
- ARAÚJO, R. R.; SACHUK, M. I. Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas. REGE: **Revista de Gestão**, v. 14, n. 1, p. 53-66, 2007.
- ARNOT, M. Identidades Masculinas de Classe Trabalhadora e Justiça Social: Uma reconsideração de *Learning to Labour* de Paul Wills à luz da pesquisa contemporânea. **Educação, Sociedade & Culturas**, nº 25, p. 9-41, 2007.
- BAPTISTA, D. M. T. O debate sobre o uso de técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa. In: MARTINELLI, M. L. **Pesquisa Qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras Editora, p. 212-231, 1999.
- BAPTISTA, J. T. “Machorras” e “afeminados” indígenas: corpos abjetos nas Missões e Paraguai. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 3, 2021.
- BARBOSA FILHO, E. A.; DE SOUZA VIEIRA, A. C. A expansão da sorofobia no discurso político brasileiro. **Argumentum**, v. 13, n. 3, p. 134-147, 2021.

BARRETO, M. M. S; HELOANI, J. R. M. Violência, saúde e trabalho: a intolerância e o assédio moral nas relações laborais. **Serviço Social & Sociedade**, v. 123, p. 544-561, 2015.

BARROS, A. Homem com H. In: MATOGROSSO, N. **Ney Matogrosso**. Ariola Records, 1981.

BARROS, V.; LOPES, F. T. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: Eloisio Moulin de Souza. (Org.). **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional**: uma abordagem teórico-conceitual. 1ed. Vitória: EDUFES, v. 1, p. 41-63, 2014.

BASTOS, E. M.; PINHEIRO, M. S.; LIMA, T. C. B de. Orientação sexual e inclusão: um estudo de caso em organização varejista de Fortaleza. **Revista De Psicologia**, 7(1), 165-180, 2016.

BAYDOUN, M. “Não sou nem curto afeminados”: Reflexões viadas sobre a masculinidade hegemônica e a efeminofobia no Grindr. I ed. Salvador: Editora Devires, v I. p. 154, 2020.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**: A Experiência Viva. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

BENITEZ, de M. T.; SANTOS, M. E. P. “Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias e heteronormatividade no aplicativo de relacionamentos Grindr. CSOnline – **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 31, 2020.

BERLANGA, G.; CANUT, I. A Quien Le Importa. In: THALÍA. **Thalía**. EMI, 2002.

BERLINER, L.; ELLIOTT, D. M. Sexual abuse of children. En Myers, J. E. B., Berliner, L., Briere, J., Hendrix, C. T., Jenny, C. y Reid, T. A. (Eds.), **The APSAC Handbook on Child Maltreatment**. Thousand Oaks, CA: Sage, p. 55-78, 2002.

BOBBIO N.; MATTEUCCI N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política** (12a ed). Brasília: UnB, 2004.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRABO, T. S. A. M.; SILVA, M. E. F. da. A introdução dos papéis de gênero na infância: brinquedo de menina e/ou de menino?. **Revista Trama Interdisciplinar**, 7(3), 2017.

BRAGA, I. F.; OLIVEIRA, W. A. de.; SILVA, J. L. da.; MELLO, F. C. M. de.; SILVA, M. A. I. Family violence against gay and lesbian adolescents and young people: a qualitative study. **Revista Brasileira De Enfermagem**, 71, 2018.

BUENO MENDONÇA, J. M.; SIQUEIRA, M. V. S.; SANTOS, M. A. F.; MEDEIROS, C. R. O. Violências no Ambiente de Trabalho: Ponderações Teóricas. **PSICOLOGIA & SOCIEDADE (ONLINE)**, 2018.

BUTLER, J. **Bodies that matter**. On the Discursive Limits of "Sex". New York: Routledge, 1993.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CANTÓN-CORTÉS, D.; CORTÉS, M. R. Consecuencias del abuso sexual infantil: una revisión de las variables intervinientes. **Anales de Psicología**, 31(2), 607-614, 2015.

CAPRONI NETO, H. L.; FONSECA, L. A. Discutindo homofobia nas organizações e no trabalho. **Revista Espaço Acadêmico** (UEM), v. 14, p. 01-10, 2014.

CARRIERI, A. de P.; AGUIAR, A. R. C.; DINIZ, A. P. R. Reflexões sobre o indivíduo desejeante e o sofrimento no trabalho: o assédio moral, a violência simbólica e o movimento homossexual. **Cad. EBAPE.BR**, vol.11, n.1, p. 165-180, 2013.

CARRIERI, A. de P. Violência psicológica a homossexuais masculinos no ambiente de trabalho. In: Carvalho, J. M.; Passos, M. Y.; Naoe, A. E. (Org.). **Toque um som para a Ciência**. Bauru: Lecotec, v. 1, p. 28-28, 2009.

CARRIERI, A. de P.; LOPES, F. T. “O avô constrói, o pai usa e o neto morre de fome”: histórias de família em uma organização. **REGE**, v. 19, n. 1, p. 3-20, 2012.

CERQUEIRA, F. V. Sobre efeminação e virilidade, a Grécia vista do pampa. **Métis** (UCS), v. 10, p. 81-109, 2012.

CHAU, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

CLOSS, L. Q.; ANTONELLO, C. S. História de vida: suas possibilidades para a investigação de processos de aprendizagem gerencial. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, 10(1), p. 105–137, 2012.

COLETTO, L. H. **Sobre gostos e afeminações**. 2014. Disponível em: <<https://www.revistaovies.com/2014/02/10/sobre-gostos-e-afeminacoes/>> Acesso em 03 de jan. de 2022.

COLLING, L.; NOGUEIRA, G. Relacionados mas diferentes: sobre os conceitos de homofobia, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade. In: RODRIGUES, A.; DALLAPICULA, C.; FERREIRA, S. R. S. **Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação**. Vitória: EDUFES, p. 171-184, 2014.

COLLING, T.; OLTRAMARI, A. P. História de Vida e Teoria Interseccional. **Revista ADM.MADE**, 23(2), p. 39–59, 2019.

COLOMBY, R. K. Antes e depois do diagnóstico: o trabalho na história de pessoas que vivem com HIV. 2016. Dissertação [Mestrado] - Programa de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

- COLOMBY, R. K.; PERES, A. L.; LOPES, F. T.; COSTA, S. G. A pesquisa em história de vida nos estudos organizacionais: um estudo bibliométrico. **FAROL - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, 3(8), p. 852–887, 2016.
- CONCOLATTO, C. P. Violência urbana no trabalho: desamparo nas relações de trabalho e marcas na saúde mental do trabalhador. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- CONNELL, R. **Masculinities: Knowledge, Power and social change**. California: University of CA, 1995.
- _____. Masculinities, change, and conflict in global society: Thinking about the future of men's studies. **The Journal of Men's Studies**, v. 11, n. 3, p. 249-266, 2003.
- _____. **Gender: In World Perspective**. Cambridge: Polity Press, 2009.
- _____. **Gênero – Uma Perspectiva Global**. São Paulo: InVersos, 2015.
- _____. **Gênero em termos reais**. São Paulo: InVersos, 2016.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidades hegemônica: repensando o conceito. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 21, v. 1, p. 241-282, 2013.
- CORRÊA, M. E. C. Duas mães? Mulheres lésbicas e maternidade. 2012. Tese [Doutorado] - Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- CORNEJO, G. La guerra declarada contra el niño afeminado: una autoetnografía "queer". **Revista de Ciencias Sociales**. n. 39. p. 79-95, 2011.
- CORTINA, L. M.; KABAT-FARR, D.; MAGLEY, V. J.; NELSON, F. Researching rudeness: the past, the present, and future of the science of incivility. **Journal of Occupational Health Psychology**, 22(3), P. 299-313, 2017.
- COUTINHO, C. **Sigla LGBTQIA+ evoluiu junto ao movimento para gerar inclusão e incentivar o respeito**. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2020/09/22/sigla-lgbtqia-evoluiu-junto-ao-movimento-para-gerar-inclusao-e-incentivar-o-respeito.ghtml>>. Acesso em 15 fev. 2022.
- CSORDAS, T. Assíntota do inefável: corporeidade, alteridade e teoria da religião. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 1, n. 29, p. 15-60, 2016.
- _____. **Corpo/significado/cura**. Porto Alegre: UFRGS; 2008.

_____. Religião, corpo e saúde: uma entrevista com Thomas Csordas. Entrevista a Rodrigo Toniol, Regina Matsue e Pedro Paulo Gomes Pereira. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu**, v. 22, n. 66, p. 961-966, 2018.

CUNHA, J. R. A. L. A reprodução do comportamento social heteronormativo dentro do meio homossexual: A marginalização dos LGBT com foco nos gays 'afeminados'. **Percursos Revista de Antropologia**, v. 2, p. 74-87, 2016.

DA MATTA, R. Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. In: CALDAS, D. (Org.). **Homens**. São Paulo: Senac, p.31-49, 1997.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

_____. **A loucura do Trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho**. 6ª ed. São Paulo: Cortez-Oboré, 2015.

_____. Uma Nova Visão do Sofrimento Humano nas Organizações. In: CHANLAT, Jean-François (org). **O Indivíduo na Organização: Dimensões Esquecidas**. São Paulo: Atlas, 1996.

DEL BIANCO, O. M.; TOSTA, R. M. Abuso sexual infantil, trauma e depressão na vida adulta: um estudo de caso. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 14, p. 1-25, 2021.

DELPHY, C. Teorias do patriarcado. In: HIRATA, H.; LABORIE, F.; LE DOARÉ, H.; SENOTIER, D. (coord) **Dicionário crítico do feminismo**, São Paulo: EDUNESP, 2009.

DETONI, P. P.; NARDI, H. C. Masculinidades e Sexualidades em um Canteiro de Obras. *Revista de Estudos Universitários*, v. 39, p. 31-52, 2013.

DINIZ, A. P. R.; CARRIERI, A. P.; GANDRA, G.; BICALHO, R. A. Políticas de Diversidade de nas Organizações: As Relações de Trabalho Comentadas por Trabalhadores Homossexuais. **Revista Economia & Gestão**, v. 13, p. 92-113, 2013.

ECCEL, C.; ALCADIPANI, R. (Re) Descobrimo as Masculinidades. In: FREITAS, M. E.; DANTAS, M. (Org.). **Diversidade Sexual e Trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, p. 51-78, 2012.

ECCEL, C. S.; GRISCI, C. L. I.; TONON, L. Representações do Corpo em uma Revista de Negócios. **Psicologia e Sociedade** (Impresso), v. 22, p. 309-317, 2010.

ECCEL, C. S.; SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. Masculinidade, autoimagem e preconceito em representações sociais de homossexuais. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração** (UFF), v. 9, p. 01-15, 2015.

ENRIQUEZ, E. **A organização em análise**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

FARREL G. A.; SHAFIEL, T. Workplace aggression, including bullying in nursing and midwifery: a descriptive survey (the SWAB study). **International Journal of Nursing Studies**, 49(11), p. 1423-1431, 2012.

FELIX, B.; LAURETT, R.; KALUME, M. C. M. Síndrome da abelha rainha? Uma comparação ao avanço de carreira entre mulheres seniores e juniores. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 15, n. 4, p. 119-131, 2021.

FERNANDES, F. B. M. Assassinatos de travestis e "pais de santo" no Brasil: homofobia, transfobia e intolerância religiosa. **Saúde em Debate**, v. 37, p. 485-492, 2013.

FERRAROTTI, F. *Las historias de vida como método*. **Convergencia**. Revista de Ciencias Sociales, vol. 14, núm. 44, mayo-agosto, p. 15-40, 2007.

FERREIRA, L. **Emprego formal ainda é exceção entre pessoas trans**. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/01/emprego-formal-ainda-e-excecao-entre-pessoas-trans.shtml>> Acesso em 30 abr. 2022.

FERREIRA, N. J. A.; ZILLE, L. P. Assédio Moral nas Relações de Trabalho: O Caso de uma Docente de uma Instituição de Ensino Superior Privada. **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 11, n. 3, p. 506-528, 2021.

FLORES-PEREIRA, M. T. Corpo, pessoa e organizações. **Organizações & Sociedade**, v. 17, p. 417-438, 2010.

FLORES-PEREIRA, M. T.; DAVEL, E.; DORNELLES-DE-ALMEIDA, D. Desafios da corporalidade na pesquisa acadêmica. **Cadernos EBAPE.BR** (FGV), v. 15, p. 194-208, 2017.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade. A vontade de saber**. São Paulo: Editora Graal, vol. 1, 2015.

FREITAS, M. E. de. Assédio moral e assédio sexual: faces do poder perverso nas organizações. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 8-19, 2001.

FREIRE, P. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **O educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GAULEJAC, V. de. **A Neurose de Classe - Trajetória Social e Conflitos de Identidade**. História e Historicidade. 2016.

_____. S'autoriser à penser. Cahiers du laboratoire de changement social. Histoires de vie et choix théoriques 2, Paris, n° 2, p. 71-112, maio 1997.

GERNET, I.; DEJOURS, C. Avaliação do trabalho e reconhecimento. In P. F., BENDASSOLLI e L. A. SOBOLL (Orgs.), **Clínicas do trabalho** (p. 61-70). São Paulo: Atlas, 2011. GLAT, R. **Somos iguais a vocês: depoimentos de mulheres com deficiência mental**. Rio de Janeiro: Agir; 1989.

GODOY, A. S. Reflexão a respeito das contribuições e dos limites da história de vida na pesquisa em administração. **Administração: Ensino e Pesquisa**, 19(1), p. 161–175, 2018.

GOLDENBERG, M. O corpo como capital. In: GOLDENBERG, M (org.). **O corpo como capital: gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, p. 39-53, 2015.

GOMES COELHO, G.; OLIEVIRA BARROS, J. H. A homofobia familiar disfarçada de cuidado. Perspectivas Em Diálogo: **Revista De Educação E Sociedade**, 8(17), p. 449-463, 2021.

GOMIDE, A. D.; NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A. História de vida e trabalho cultural: a construção do sujeito e a pertinência da memória. **Cadernos Ceru (USP)**, v. 21, p. 139-151, 2010.

GONÇALVES, A. O. Religião, política e direitos sexuais: controvérsias públicas em torno da “cura gay”. **Religião & Sociedade**, v. 39, n. Relig. soc., 2019 39(2), maio 2019.

GONDIM, S. M. G.; FEITOSA, G. N.; NOVAES, I.; SÁ, M. de O.; BONFIM, M. de C. Carteira de Trabalho, Artigo de Luxo: Um perfil psicossocial do trabalhador informal em Salvador. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 11, p. 53-64, 2005.

GRANATO, L.; LOPES, F. T.; COSTA, A. de S. M. da. *Historia e investigación social cualitativa: reflexiones en torno de la historia comparada y la historia de vida*. **Revista Organizações & Sociedade**, 27(94), p. 508–531, 2020.

GRASSI-OLIVEIRA, R; STEIN, L. Childhood maltreatment associated with PTSD and emotional distress in low-income adults: The burden of neglect. **Child Abuse & Neglect**, v. 32, p. 1089-1094, 2008.

GREEN, J. N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Tradução: Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

HAGOPIAN, E. M.; SOUSA, R. D.; BIANCO, M. Constituição de um grupo de estudo sobre violência no trabalho: relato de experiência. Farol. **Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 7, p. 768-800, 2020.

HALPERIN, D. **How to Do The History of Homosexuality**. Chicago e Londres: Editora da Universidade de Chicago. 2002.

HANCOCK, A. J.; CLARKE, H. M.; ARNOLD, K. A. Sexual orientation occupational stereotypes. **Journal of Vocational Behavior**, v. 119, 2020.

HELIODORO, G. **Transfobia no limite: por que prostituição não é "questão de escolha"**. 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/colunas/2021/05/20/transfobia-no-limite-por-que-prostituicao-nao-e-questao-de-escolha.htm>> Acesso em 30 abr. 2022.

HELOANI, J. R. M.; BARRETO, M. M. S. Violência, saúde e trabalho: a intolerância e o assédio moral nas relações laborais. **Serviço Social & Sociedade**, v. 123, p. 544-561, 2015.

HERSHCOVIS, S. 'Incivility, social undermining, bullying...oh my!' A call to reconcile constructs within workplace aggression research. **Journal of Organizational Behavior**, 32(3), p. 499-519, 2011.

HIRIGOYEN, M.-F. **Le harcèlement moral: la violence perverse au quotidien**. Paris: Syros, 1998.

HOEL, H.; LEWIS, D.; EINARSDÓTTIR, A. Bullying and harassment of lesbians, gay men and bisexual employees: findings from a representative British national study. **Public Money & Management**, London, v. 37, n. 5, p. 312-314, 2017.

INIESTA, M.; FEIXA, C. Historias de vida y Ciencias Sociales. Entrevista a Franco Ferrarotti. **Perifèria - Revista de Recerca i Formació en Antropologia**, Bellaterra, v. 2, n. 5, p. 1-14, 2006.

IRIGARAY, H. A. R; SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P. Humor e Discriminação por Orientação Sexual no Ambiente Organizacional. **RAC**, Curitiba, v. 14, n. 5, p. 890-906, 2010.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**. Campinas: Papirus Editora, 2013.

_____. **Sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LÉVY, A. **Ciências Clínicas e Organizações Sociais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5 suppl, p. 164-172, 2005.

LOPES, O. G. Gays afeminados ou a poluição homoerótica. **Revista Periódicus**, 1(7), 405-422, 2017.

LOURO, G. L. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação**. Brasília: MEC, Unesco, p. 85-93, 2009.

LUCCA, B. **Cresce número de crianças registradas por mães solo**, 2022. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/09/cresce-numero-de-criancas-registradas-por-maes-solo.shtml> > Acesso em 05 de out. de 2022.

MACHADO, L. Z. Masculinidade, Sexualidade e Estupro. **Cadernos PAGU**, São Paulo, p. 231-273, 1998.

MAGESTE, G. S.; LOPES, F. T. O Uso da História de Vida nos Estudos Organizacionais. In: **Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**, 2007, Recife. EnEPQ 2007, 2007.

MARCHIONDO, L. A.; CORTINA, L. M.; KABAT-FARR, D. Attributions and appraisals of workplace incivility: finding light on the dark side? **Applied Psychology: an International Review**, 67(3), p. 369-400, 2018.

MARTINS, F. C. **Manual de Comunicação LGBT**. – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. 2010.

MARTURANO, E. M. O inventário de recursos do ambiente familiar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 19, n. Psicol. Reflex. Crit., 2006 19(3), 2006.

_____. Recursos no ambiente familiar e dificuldades de aprendizagem na escola. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 15, n. Psic.: Teor. e Pesq., 1999 15(2), maio 1999.

MEDEIROS, E. S. De “não curto afeminado nem pra amizade” a “por que tantos heteronormativos?”: masculinidades e discursos dominantes e táticos nas fachadas do Grindr. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 23, n. 1, 2017.

MEDINA CASCALES, J. A.; REVERTE PRIETO, M. J. Violencia escolar, rasgos de prevalencia en la victimización individual y grupal en la Educación Obligatoria en España. **Rev. estud. exp. educ.**, Concepción, v. 18, n. 37, p. 97-110, 2019.

MEIHY, J. C. S. B. **Prostituição à brasileira: cinco histórias**. 1. ed. São Paulo: Contexto, v. 1, p. 250, 2015.

MELO, F. V. S.; JERÔNIMO, T. B. Assédio Sexual e Moral no Trabalho. **GESTÃO.Org - Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 16, n. 1, p. 1-2, 2018.

MENDOZA-GONZALEZ, B.; DELGADO NIETO, I.; GARCIA MANDUJANO, M. A. Student profile Not involved in bullying: description based on gender stereotypes, parenting practices, cognitive-social strategies and food over-intake. **Anal. Psicol.**, Murcia, v. 36, n. 3, p. 483-491, dic. 2020.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education: resived and expanded from case study research in education**. São Francisco: Jossey-Bass, 1998.

MESTRE, M; CORASSA, N. Da Ansiedade à Fobia. **Revista Psicologia Argumento**. V. 18, n. 26, p. 105-126, abr. 2000. Disponível em: <<http://www.medos.com.br/estudos-cientificos>> Acesso em 03 jan. 2022.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec; 2004.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias** (UFRGS. Impresso), v. 21, p. 150-182, 2009.

MORAES, R. D. de; VASCONCELOS, A. C. L.; CUNHA, S. C. de P. da. Prazer no trabalho: o lugar da autonomia. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 217-227, ago. 2012.

MORIN, E. M. Os Sentidos do Trabalho. RAE – **Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 3, p. 8-19, jul./set. 2001.

MORIN, E. M.; TONELLI, M. J.; PLIOPAS, A. L. O trabalho e seus sentidos. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 47-56, 2007.

MOURA, F. Q.; CAMFIELD, C. E. R.; PIZZOL, J. M. R. D. Assédio Moral e Sexual no Trabalho: Análise e Concepção dos Acadêmicos sobre a Violência. **Desenvolvimento em Questão**, v. 19, n. 55, p. 230-245, 2021.

MOURA, R. G. de; NASCIMENTO, R. P. “Eu Não Virei, Eu Nasci”: discutindo a Afemnofobia a partir da figura do gay e do menino afeminado. **Simbiótica**. Revista Eletrônica, 7(2, jan.-jun.), p. 242–262, 2020.

_____. O gay afeminado nas organizações: uma tensão permanente com padrões heteronormativos. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 1, 2021.

MOURA, R. G.; NASCIMENTO, R. P.; BARROS, D. F. O problema não é ser gay, é ser feminino: o gay afeminado e as organizações. **Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 4, n. 11, p. 1478-1541, 2017.

_____. "There's a lot of woman in him": the feminine as a deviance from the norm. **Organizações & Sociedade**, v. 27, p. 620-643, 2020.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Brasil é o país que mais mata travestis e pessoas trans no mundo, alerta relatório da sociedade civil entregue ao UNFPA**. 2021. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/110425-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-pessoas-trans-no-mundo-alerta-relatorio-da>> Acesso em 10 jan. 2022.

NARDI, H. C.; GONCALVES, R. A. S. Infância, religião e colonialidade: trajetórias de homens gays. **Momento - Diálogos em Educação**, v. 28, p. 195-207, 2019.

NOGUEIRA, G. **Caças e pegações online**: Subversões e reiteraões de gênero e sexualidades. 2. ed. Salvador/BA: Editora Devires, p. 234, 2020.

NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A. de; ARAUJO, A. D. G.; PIMENTA, D. A. O. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João Del-Rei, v.12, n. 2, p. 466-485, ago. 2017.

NONATO, M. N. **Vivências Afeminadas**: pensando corpos, gêneros e sexualidades dissidentes. I. ed. Salvador: Editora Devires, v. I. p. 150, 2020.

NUNES, T. S. Assédio moral na pós-graduação: práticas e elementos culturais propiciadores. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 14, n. 1, p. 1-17, 2022.

_____. Vivências de Assédio Moral na Pós-Graduação: Relatos de Docentes e Discentes. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 11, n. 3, p. 212-237, 2020.

- OLIVEIRA, R. P. de.; NUNES, M. de O. Violência relacionada ao trabalho: uma proposta conceitual. **Saúde e Sociedade**, v. 17, n. 4, p. 22-34, 2008.
- OLWEUS, D. **Bullying at school: What we know and what we can do**. Malden, MA: Blackwell Publishing, p. 140, 1993.
- OVERALL, C. Sex/Gender Transitions and Life-Changing Aspirations. In Laurie Shrage (ed.), **“You’ve Changed”: Sex Reassignment and Personal Identity**. Oxford University Press. 2009.
- PATRIOTA, R. A. L.; SILVA, A. W. P.; EL-AOUAR, W. A.; CASTRO, A. B. C. O Lado Obscuro da Eficiência: Impactos Afetivos Decorrentes do Assédio Moral em Bancos. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 19, n. 2, p. 27-47, 2020.
- PAULILO, M. A. S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**, Universidade Estadual de Londrina, V. 2, N. 2, P.121-134, JUL./DEZ. 1999.
- PEARCE J. B.; THOMPSON A. C. **Practical approaches to reduce the impact of bullying**. Arch Dis Child. 1998.
- PRADO, M. A. M.; VALÉRIO, J. B. D. Dinâmica do preconceito por gênero e sexualidades no cotidiano escolar: os limites da democracia liberal'. **Revista Periódicus**, v. 1, p. 373-401, 2018.
- PRESTES MOTTA, F. C. Masculino e feminino nas organizações. **Relatório de Pesquisa**. GV Pesquisa, São Paulo, 2000.
- REIS, D. M.; PRATA, L. C. G.; PARRA, C. R. O impacto da violência intrafamiliar no desenvolvimento psíquico infantil. **PSICOLOGIA.PT**, v. 728, p. 1-20, 2018.
- REIS, R. P. dos. Eu tenho medo de ficar afeminado: performances e convenções corporais de gênero em espaços de sociabilidade homossexual. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 73-87, jun. 2012.
- REIS, T., org. **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.
- RIGBY, K. **Bullying in schools and what to do about it**. Melbourne, Acer, p. 329, 1996.
- RIOS, L. F.; OLIVEIRA, C.; GARCIA, J.; PARKER, R. Axé, práticas corporais e Aids nas religiões africanistas do Recife, Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 18, p. 3653-3662, 2013.
- RIOS, R. R. O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: POCAHY, F. **Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea**. Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: Nuances, 2007.

RODRIGUES, L.; RODRIGUES, M. B. Trabalho Sujo e Gestão de Riscos: A História de Vida de um Garoto de Programa. In: XXV SEMEAD - Seminários em Administração - USP, 2022, São Paulo. **Anais do XXV SEMEAD - Seminários em Administração - USP**, 2022.

ROSA, A. R.; BRITO, M. J. de; OLIVEIRA, F. M. de. Os sentidos da violência nas orga-nizações: uma análise construcionista da história de vida de uma policial militar. *Revista GES – Gestão & Sociedade*, v. 1, n. 1, p. 1-30, 2007.

ROSA NETO, F.; DE SOUZA PIRES, M. M.; BIANCO, C. D.; PIMENTA, R.; PEREIRA DA SILVA, A.; MARIANO, M. Saneamento Básico Inadequado Impacta no Desenvolvimento Infantil. *Arquivos Catarinenses De Medicina*, 49(2), p. 68–81, 2020.

ROSS, M. D. **Childhood bullying and teasing**: What school personnel, other professionals, and parents can do. Alexandria, VA: American Counseling Association, 1996.

SANTINI, J. H.; TOSTA, K. C. B. T.; NUNES, T. S. Assédio moral no trabalho: as situações hostis vivenciadas por homossexuais no oeste catarinense. **Caderno de Administração**, v. 26, n. 2, p. 151-167, 2018.

SANTOS, M. M.; PERKOSKI, I. R.; KIENEN, N. Bullying: atitudes, consequências e medidas preventivas na percepção de professores e alunos do ensino fundamental. **Temas em Psicologia**, v. 23, p. 1017-1033, 2015.

SANTOS, R. C. S. **Segredos de corpos nus**: Masculinidades, corpolatria e significados da prostituição entre garotos de programa de luxo. I ed. Salvador: Editora Devires, v. I. p. 240, 2021.

SANTOS, R. S.; GLAT, R. **Ser mãe de uma criança especial**: do sonho à realidade. Rio de Janeiro: Anna Nery / UFRJ; 1999.

SARAIVA, L. A. S.; SANTOS, L. T. D.; PEREIRA, J. R. Heteronormatividade, Masculinidade e Preconceito em Aplicativos de Celular: O Caso do Grindr em uma Cidade Brasileira. **Brazilian Business Review**, v. 17, n. 1, p. 114-131, 2020.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1990.

SEDGWICK, E. “How To Bring Your Kids Up Gay”. **Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory**. Minneapolis / London: University of Minnesota Press. p. 69-81, 2007.

SEFFNER, F. Composições (com) e resistências (à) norma: pensando corpo, saúde, políticas e direitos LGBT. In: Leandro Colling. (Org.). **Stonewall 40+ o que no Brasil?**. 78ed.Salvador, Bahia: EDUFBA, v. 1, p. 1-57, 2012.

_____. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. 1. ed. Jundiaí / SP: Paco Editorial Ltda., v. 1. p. 56, 2015.

_____. Entrevista Masculinidades Fernando Seffner. **Revista Diversidade e Educação**, v. 7, p. 6-19, 2019.

SEFFNER, F.; NUNES, C. O corpo a ser estudado, a pedagoga e a classe de alunos: encenando reiterações da masculinidade heterossexual. In: Marcio Caetano; Paulo Melgaço da Silva Junior. (Org.). **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. 1ed.Rio de Janeiro RJ: Editora |Lamparina, v. 1, p. 65-85, 2018.

SILVA, A. F. de S.; LIMA, T. F.; JAPUR, C. C.; GRACIA-ARNAIZ, M.; PENAFORTE, F. R. O. “A magreza como normal, o normal como gordo”: reflexões sobre corpo e padrões de beleza contemporâneos. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 6, p. 10.18554/refac-813, 2018.

SILVA, A. P.; BARROS, C. R.; NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A. "Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico: Estudos Em Psicologia**, 1(1), 2007.

SILVA, G. R. R.; LIMA, M. L. C.; ACIOLI, R. M. L.; BARREIRA, A. K. A influência da violência familiar e entre pares na prática do bullying por adolescentes escolares. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, suppl 3, 2021.

SILVEIRA, B. de O. O consumo da magreza: a publicidade como ideal de felicidade. 2013. 138 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SMITH, P. K.; SHARP, S. **School Bullying: Insights and Perspectives**. London: Routledge, p. 288, 1994.

SOUZA, E. M.; CARRIERI, A. de P. A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. **Revista de Administração Mackenzie** (Online), v. 11, p. 46-70, 2010.

SOUZA, E. M.; PEREIRA, S. J. N. (Re)Produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, n. 4, p. 76-105, 2013.

SOUZA, P. M. R. A.; LOPES, A. L. S. V.; HILAL, A. V. G. Centralidade do Trabalho na Perspectiva de Mulheres em Diferentes Faixas Etárias. **RACE: Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, v. 16, n. 1, p. 9-36, 2017.

SUIT, D.; PEREIRA, M. E. Vivência de estigma e enfrentamento em pessoas que convivem com o HIV. **Psicologia USP**, v. 19, n. Psicol. USP, 2008 19(3), jul. 2008.

TAKARA, S. Histórias de meninos afeminados: resistência e política nas leituras de artefatos culturais. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, v. 2, n. 9, p. 226-244, jan./jun. 2017.

TEIXEIRA, R.; LEMOS, A. H. C.; LOPES, F. T. A história de vida na pesquisa em Administração. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração** (UFF), v. 15, p. 101-118, 2021.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TRUJILLO CRISTOFFANINI, M. Misoginia y Violencia Hacia las Mujeres: Dimensiones Simbólicas del Género y del Patriarcado. **Atenea (Concepc.)**, Concepción, n. 519, p. 49-64, jun. 2019.

QUEIROZ, M. I. P. **Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”**. In: SIMSON, O. M. V. (Org.). Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, 1988.

UFMG NOTÍCIAS. **Desafios para longevidade trans são tema de reportagem especial**. 2021. Disponível em: <<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/desafios-para-longevidade-trans-sao-tema-de-reportagem-especial>> Acesso em 06 jan. 2022.

VALE, A.M.O.; KERR, L. R. F. S.; BOSI, M. L. M. Comportamentos de risco para transtornos do comportamento alimentar entre adolescentes do sexo feminino de diferentes estratos sociais do Nordeste do Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 16, p. 121-132, 2011.

VEIGA, E. DW BRASIL. **Há 30 anos, OMS remove homossexualidade da lista de doenças**. 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-30-anos-oms-retirava-homossexualidade-da-lista-de-doen%C3%A7as/a-53447329>> Acesso em 08 jan. de 2022.

VIEGAS, S. **Trabalho e vida**. Belo Horizonte. Palestra proferida na Conferência para os profissionais do centro de reabilitação profissional do INSS, em Belo Horizonte, em 12 jul. 1989.

VIEIRA, P. P. F. Trabalho e pobreza no Brasil entre narrativas governamentais e experiências individuais. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

VIEIRA, S. R. S. Sofrimento psíquico e trabalho. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 17, 17(1), p. 114-124, mar. 2014.

VERGUEIRO, V. A cisgeneridade. In: **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 43-71, 2015. Disponível em <<https://goo.gl/16C2G6>>.

ANEXO A - CARTA INFORMATIVA SOBRE A PESQUISA

Estamos realizando um estudo com a finalidade de contar as trajetórias de pessoas que performam a feminilidade masculina. Esta pesquisa tem como **objetivo principal** compreender de que modo a heteronormatividade e a masculinidade implicam nas relações de vida de homens afeminados. Para tanto, estamos conduzindo conversas que serão realizadas em dois ou mais momentos com periodicidade quinzenal, podendo se estender por dois ou três meses. Como **incômodo previsto** apresenta-se o fato de disponibilizar o tempo para a realização das conversas. Estima-se que cada encontro terá em torno de uma hora e trinta minutos de duração. Nesse estudo, o voluntário é convidado a contar sua história de vida e este é o **método** da pesquisa. É possível que aconteça como **desconforto ou risco** a ideia de exposição de sua vida pessoal e profissional. Contudo, o pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais e acadêmicos de **sigilo**. No decorrer dos encontros, serão aprofundados alguns pontos que suscitarem dúvidas para permitir a compreensão do tema pesquisado. A história e análise decorrida das conversas serão dialogadas com o voluntário. As conversas serão gravadas e depois transcritas, sendo devidamente arquivadas após o término da pesquisa. Embora esta pesquisa possa não trazer nenhum **benefício** direto aos participantes, a sua colaboração poderá contribuir para a construção de conhecimento científico nesta área e beneficiar perspectivas de intervenções futuras. É importante salientar que a sua **participação na pesquisa é voluntária**; portanto, caso não queira participar das conversas e contar sobre sua vida, você não precisa assinar este termo. Você também pode interromper os encontros a qualquer momento, se assim desejar, sem qualquer prejuízo para você. Os resultados globais da pesquisa serão publicados posteriormente como uma dissertação e em periódicos científicos, porém com o **seu anonimato assegurado**.

CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada **Olhares que recriminam: feminilidade masculina e suas implicações nas relações de vida**. Através deste documento o estudante do Programa de Pós-Graduação da Administração na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, **Lorenço Rodrigues, responsável pela pesquisa, convida você para participar como voluntário** desta dissertação que servirá como um dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Administração, assim como material para publicações posteriores. Conta-se com sua **adesão e disposição** para contar sobre sua trajetória de vida, incluindo seu histórico profissional, assim como possibilidade de dedicação ao tempo destinado à pesquisa. É importante esclarecer que durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato, com o pesquisador. Reitera-se que você tem **garantido o seu direito** de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As **informações desta pesquisa serão públicas**, e poderão ser divulgadas em eventos ou publicações científicas, contudo, **não haverá identificação dos nomes reais dos participantes**. Serão utilizados nomes fictícios escolhidos pelos próprios participantes. **Não há custos** relacionados à participação da pesquisa e não será disponível nenhuma compensação financeira por sua participação.

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento, eu, _____ declaro que sou maior de 18 anos e estou ciente também dos objetivos da pesquisa, do método, dos possíveis riscos e benefícios dela provenientes e da possibilidade de receber esclarecimentos sempre que desejar. Estou de acordo em participar da pesquisa: **Olhares que recriam: feminilidade masculina e suas implicações nas relações de vida.** Fui igualmente informado: a) da liberdade de participar ou não da pesquisa, bem como do meu direito de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto me traga qualquer prejuízo; b) da garantia de receber resposta a qualquer dúvida acerca dos procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa; c) da segurança de que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas; d) que as informações obtidas através das entrevistas serão arquivadas sem identificação pessoal junto ao banco de dados do pesquisador responsável por cinco anos e depois destruídas.

Após a leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo e autorizo a publicação de minha história de vida.

Uma cópia deste consentimento informado será arquivada pelo pesquisador e outra será fornecida a você.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2022.

Assinatura do Voluntário

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o consentimento para assinatura do termo deste voluntário para a participação neste estudo.

Assinatura do Pesquisador

Dados do Pesquisador:

Lorenço Rodrigues – E-mail: lorencorodrigues22@gmail.com

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Maria Beatriz Rodrigues – E-mail: beatriz.rodrigues@ufrgs.br

Endereço: Rua Washington Luiz, 855 - Centro - Porto Alegre/RS - CEP: 90.010-460.